

**EDEMILSON GOMES DE SOUZA**

**EDUCOMUNICAÇÃO E PROTAGONISMO JUVENIL:  
CONTRIBUIÇÕES DE UMA RÁDIO ESCOLAR**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Mestre em Educação.

Orientadora: Dr<sup>a</sup>. Ademilde Silveira Sartori.

FLORIANÓPOLIS  
2016

Catálogo na fonte elaborada pela biblioteca da  
Universidade do Estado de Santa Catarina

De Souza, Edemilson Gomes

Educomunicação e Protagonismo Juvenil : Contribuições de uma  
Rádio Escolar / Edemilson Gomes de Souza ; orientadora, Ademilde  
Silveira Sartori - Florianópolis, SC, 2016.

246 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade do Estado de Santa  
Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação. Programa de  
Pós-Graduação em Educação.

Inclui referências

1. Educação. 2. Educomunicação. 3. Protagonismo Juvenil. 4.  
Prática Pedagógica Educomunicativa. I. SARTORI, ADEMILDE. II.  
Universidade do Estado de Santa Catarina. Programa de Pós-  
Graduação em Educação. III. Título.

**EDEMILSON GOMES DE SOUZA**

**EDUCOMUNICAÇÃO E PROTAGONISMO JUVENIL:  
CONTRIBUIÇÕES DE UMA RÁDIO ESCOLAR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do Título de “Mestre em Educação”.

**Banca Examinadora**

Orientador:

---

Prof<sup>a</sup>., Dr<sup>a</sup>. Ademilde Silveira Sartori  
Orientadora  
Universidade do Estado de Santa Catarina

Membros:

---

Prof., Dr. Guilherme Carlos Correa  
Universidade Federal de Santa Maria

---

Prof<sup>a</sup>., Dr<sup>a</sup>. Ana Maria Hoerpes Preve  
Universidade do Estado de Santa Maria

Florianópolis, 15 de novembro de 2015.



A Deus, por ser o criador e mantenedor da vida.

Aos monitores, sujeitos e razão desta pesquisa– eles que me possibilitaram ter outro olhar para a Educomunicação.



## AGRADECIMENTOS

A Deus que me deu a vida, o sonho, a força e a esperança para realizar qualquer objetivo, inclusive mais essa etapa importante. "Por isso não tema, pois estou com você; não tenha medo, pois sou o seu Deus. Eu o fortalecerei e o ajudarei; eu o segurarei com a minha mão direita vitoriosa" (Isaías 41:10).

À minha família de mãe, pai, cunhado, irmãs e sobrinha que sempre estiveram do meu lado sendo a minha base, segurança e proteção. Destaque para minha mãe Lúcia que mesmo em meio a tantas dificuldades e lutas, viu na educação um meio para os seus filhos terem um futuro melhor. Eternamente grato, pelo seu amor e seu exemplo.

A Ademilde Sartori, pelas orientações, direcionamentos e amizade, por ter sido minha mediadora nessa pesquisa! Agradeço por ter acreditado em mim.

Aos educandos monitores do Centro Educacional Marista São José. Que me possibilitaram crescer com suas histórias de vida e suas práticas educacionais.

À Diretora do Centro Educacional Marista São José Lucieni Braun e à minha amiga Kamila Regina por terem me incentivado e apoiado a fazer o projeto de pesquisa.

Ao PPGE/UDESC, que me acolheu. A Gabriela Vieira por sua competência e atenção.

À coordenação e aos educadores do mestrado meus sinceros agradecimentos e admiração pelo excelente trabalho que realizam neste Programa de Mestrado em Educação.

Ao Grupo Educom Floripa, pelo acolhimento, carinho e por todas as trocas e produções de conhecimento. Vocês já fazem parte da minha família.

Aos amigos Lauro Lostada, Thiago Reginaldo e Diego Moreira por todas as contribuições, apoio, indicações de leitura e paciência. Essa pesquisa não seria a mesma sem a

colaboração dos três. Nunca aprendi tanta coisa em tão pouco tempo. Obrigado.

Àqueles que, mesmo sem serem citados, estiveram comigo nesse processo de forma direta e indireta.

À CAPES, pela bolsa de fomento à pesquisa que possibilitou a realização desta dissertação de mestrado.



## RESUMO

SOUZA, Edemilson Gomes de. Educomunicação e Protagonismo Juvenil: Contribuições de uma Rádio Escolar. Mestrado em Educação – Linha de Investigação: Educação, Comunicação e Tecnologia – Universidade do Estado de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2015.

Esta dissertação apresentará os resultados de uma pesquisa de mestrado em Educação na UDESC na linha de Educação, Comunicação e Tecnologia. A pesquisa foi realizada no Centro Educacional Marista de São José, no Projeto Jornada Ampliada, que oferece atividades socioeducativas de contraturno para crianças e adolescente de alta vulnerabilidade. A questão central do presente estudo foi descobrir como a Rádio Escolar pode contribuir para o protagonismo juvenil no Centro Educacional Marista São José. Para atingir este objetivo, levamos em consideração as atividades realizadas especificamente no ano de 2014. Como objetivos específicos: descrever o que é uma rádio escolar; caracterizar protagonismo juvenil a partir do ponto de vista da Educomunicação; verificar o ponto de vista dos alunos a respeito de suas práticas na rádio escolar como uma possibilidade de estímulo ao protagonismo juvenil; estabelecer categorias para o protagonismo juvenil pensando na prática pedagógica educ comunicativa. O desvelar dessa compreensão deu-se por meio da análise de conteúdo das entrevistas semiestruturadas realizadas com os 10 monitores do projeto. A partir desta análise foram construídas duas categorias que se apresentam como: a) a prática pedagógica educ comunicativa a partir de uma rádio escolar possibilita o protagonismo e o diálogo na comunidade escolar; b) a prática pedagógica educ comunicativa – a cidadania, a participação democrática e a resolução de problemas. Nas reflexões, vislumbra-se caminhos para fortalecer diálogos entre a comunidade escolar, promovendo protagonismo juvenil, cidadania, participação democrática e resolução de problemas.

As citações referentes aos educandos apresentam nomes fictícios para preservar a identidade dos mesmos.

**Palavras-chave:** Educomunicação. Protagonismo Juvenil. Prática Pedagógica Educ comunicativa.



## ABSTRACT

SOUZA, Edemilson Gomes. Educational communication and youth participation: Contributions of School Radio. Master of Education - Research Line: Education, Communication and Technology - University of the State of Santa Catarina. Graduate Program in Education, Florianópolis, 2015.

This study aims to present reflections and reports of educommunication pedagogical practices seeking ways to strengthen dialogue between the school community, promoting youth leadership, citizenship, democratic participation and problem solving. This paper will present some data from a master's research in Education UDESC - conducted by the author - in the line of Education, Communication and Technology. The survey was conducted in the Marist Educational Center of São José in the Project Extended Day offering social and educational activities in the other schedule (radio, TV, theater, guitar, among others.) For children and highly vulnerable teenagers. The central question of this study was to find out how Radio School Project can contribute to youth participation in the Educational Center Marista São José. To achieve this goal, we take into account the activities carried out specifically in the year of 2014 project. The overall objective of this research was to understand how the Radio School Project can contribute to youth participation in the Educational Center Marista São José. Specific objectives: Describe what is a school radio; Characterize youth leadership from the point of view of Educommunication; Check the views of students about their practices in the school radio as a possibility for stimulating youth participation; Establish categories for youth leadership thinking about educommunication pedagogical practice. The unveiling of this understanding was given by the semi-structured interviews content analysis conducted with 10 monitors of the project. From this analysis, we conclude with two categories that are presented as: a) The educommunication pedagogical practice from a school radio enables the role and dialogue in the school community; b) The educommunication pedagogical practice - citizenship, democratic participation and problem solving.

The citations learners are fictitious names to preserve their identity.

**Keywords:** Educommunication. Youth participation. Pedagogical Educommunication Practice.



## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - A relação entre educadores e educandos.....	71
Quadro2 - Característica dos entrevistados.....	106



## **LISTA DE ABREVIATURAS**

ABERT - Associação Brasileira das Emissoras de Rádio e Televisão  
CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior  
CNBB - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil  
CNPQ - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico  
ECA/USP - A Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo  
FAPESP - Fundação de Amparo à pesquisa do Estado de São Paulo  
IPEA - Instituto de Planejamento Econômico e Social  
IBGE - O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística  
LDB - Lei de Diretrizes e Bases  
MEB - Movimento de Educação de Base  
MEC - Ministério da Educação  
NCE/USP - Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo  
ONG - Organização Não-Governamental  
ONU - Organização das Nações Unidas  
PPGE - Programa de Pós-Graduação em Educação  
SESC - O Serviço Social do Comércio  
TIC - Tecnologia da Informação e Comunicação  
TCC - Trabalho de Conclusão de Curso  
UDESC - Universidade do Estado de Santa Catarina  
USP - Universidade de São Paulo  
UCE - União Catarinense de Educação  
UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura





## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>19</b>
1.1 MEMORIAL .....	19
1.2 DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA .....	20
1.3 JUSTIFICATIVA .....	23
1.4 OBJETIVOS .....	25
<b>1.4.1 Objetivo geral</b> .....	<b>25</b>
<b>1.4.2 Objetivos específicos</b> .....	<b>25</b>
<b>1.5 METODOLOGIA</b> .....	<b>25</b>
1.5.1 Institucional Marista .....	26
<b>1.5.1.1 Centro Educacional Marista São José</b> .....	<b>27</b>
<b>1.5.1.2 Jornada Ampliada</b> .....	<b>28</b>
1.5.2 Procedimentos Metodológicos .....	30
<b>2 EDUCOMUNICAÇÃO E PROTAGONISMO JUVENIL</b> .....	<b>39</b>
2.1 EDUCOMUNICAÇÃO .....	40
<b>2.1.1 A educomunicação na escola</b> .....	<b>44</b>
<b>2.1.2 Prática Pedagógica Educomunicativa</b> .....	<b>51</b>
2.2 O PROTAGONISMO JUVENIL .....	58
<b>2.2.1 O protagonismo como educação para a participação</b> .....	<b>64</b>
<b>2.2.2 Protagonismo juvenil: um conceito em construção</b> .....	<b>69</b>
<b>2.2.3 O adolescente como ator protagonista: de problema a solução</b> .....	<b>72</b>
2.3 RÁDIO E EDUCAÇÃO .....	79
<b>2.3.1 História da rádio na educação</b> .....	<b>80</b>
<b>2.3.2 As possibilidades da práxis da rádio na escola</b> .....	<b>96</b>
<b>3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS</b> .....	<b>103</b>
3.1 Análise das entrevistas .....	107
<b>3.1.1 A prática pedagógica educomunicativa a partir de uma rád escolar possibilita o protagonismo e o diálogo na comunidade escolar</b> .....	<b>107</b>
<b>3.1.2 A prática pedagógica educomunicativa: a cidadania, a participação democrática e a resolução de problemas</b> .....	<b>123</b>
<b>3.1.3 Participação democrática</b> .....	<b>128</b>
<b>3.1.4 Resolução de problemas</b> .....	<b>132</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>139</b>
<b>5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>147</b>
<b>APÊNDICE</b> .....	<b>159</b>
<b>ANEXO</b> .....	<b>177</b>



# 1 INTRODUÇÃO

## 1.1 MEMORIAL

O interesse por estudar Jornalismo sempre me mobilizou. Desde a infância fui fascinado por rádio, televisão e música. Esse encanto me levou para área da comunicação social. Cursei a faculdade de jornalismo por três anos, mas acabei me formando em pedagogia, onde certamente pude conciliar meus interesses e meus conhecimentos anteriores. Essa bagagem auxiliou-me em minha caminhada como educador, facilitando na produção de conhecimento e me aproximando de meus educandos. Percebi que a linguagem desenvolvida na educomunicação pode aproximar o educando da escola e, por isso, acabei me interessando em pesquisar sobre como as escolas podem se favorecer das mídias de comunicação em seu trabalho. Dentre as diversas mídias existentes, a rádio foi a que mais me mobilizou, devido ao grande potencial que comporta, bem como por se tratar de um projeto de simples implementação nas escolas. Para se ter uma ideia, na Escola de Educação Básica Irmã Maria Teresa, em Palhoça, ajudei a fundar uma rádio escolar em 2007 com o objetivo de trazer entretenimento, informação e produção lúdica de conhecimento ao ambiente escolar. A intenção era fazer um trabalho interdisciplinar com o ensino formal e promover o protagonismo juvenil. Foram feitos alguns festivais de música, teatro, vídeo e, com eles, a rádio escolar foi construída e os equipamentos foram comprados. Infelizmente, devido à demanda não pude continuar no projeto de rádio escolar, passando a bola para outro educador pesquisador na área de educação e comunicação. Com isso, acabei abandonando o projeto, com uma sensação de quero mais.

Em 2011 fui convidado para trabalhar no Centro Social Marista de São José, no Jardim Zanellato, como Educador Social no Projeto Jornada Ampliada, que oferece atividades socioeducativas (rádio, produção audiovisual, teatro e violão)

para crianças e adolescentes de alta vulnerabilidade. Na oficina de rádio pude resgatar minhas vivências, minhas frustrações e me permitir começar de novo, agora com outro olhar, recursos, apoio, tempo e maturidade.

O encantamento com o projeto radiofônico e a inserção da disciplina de educomunicação na grade curricular da escola me instigou a conhecer esse campo em construção e a elaborar um projeto de pesquisa para me aprofundar um pouco mais sobre as potencialidades de uma rádio escolar e as atividades promovidas pelos educandos da Jornada Ampliada.

Contudo, a elaboração do projeto de pesquisa para UDESC foi encarado, por mim, apenas como um ensaio. Foi através da dissertação dentro de um espaço de tempo maior, com consistência teórica, que pude conhecer um pouco mais da rádio coração marista.

## **1.2 DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA**

Os avanços tecnológicos, as mudanças no mundo trabalho e o desenvolvimento de novos conhecimentos, nos fazem questionar os modelos tradicionais de ensino, que enfatizam a transmissão de saberes. A contemporaneidade cria cenários na educação em que os educandos, além de demonstrarem suas incertezas pelo conhecimento, revelam suas inseguranças e mobilizações na busca de sentido para a vida. Os educandos da atualidade questionam, reivindicam, silenciam-se, buscam ser ouvidos, quase que num grito de liberdade, de socorro. A escola deve se preparar para as configurações atuais da sociedade “uma vez que os indivíduos aprendem cada vez mais fora do sistema acadêmico, cabe aos sistemas de educação implantar procedimentos de reconhecimento dos saberes e *savoir-faire* adquiridos na vida social e profissional” (LÉVY, 2009, p. 175).

Essas mudanças demandam novas metodologias de ensino-aprendizagem, reflexões capazes de repensar o papel do

educador e ressignificar o conceito de ensino e de aprendizagem. Esse processo possibilita a ambos os atores sociais – docente e discente – a formação do senso crítico, diante das diversidades da vida contemporânea. Nesse cenário, urge uma postura ética inclusiva, capaz de promover contínuas reflexões sobre a prática pedagógica, em uma atitude de abertura às novas possibilidades de se ofertar ao educando espaços contextualizados de aprendizagem.

Uma educação preocupada com a formação dos educandos busca dar conta de todas as dimensões do desenvolvimento do sujeito e estabelecer-se como processo ao longo da vida. Nesse sentido a Educomunicação, um campo em desenvolvimento, busca repensar as práticas de ensino e aprendizagem e o reconhecimento da comunidade escolar, oportunizando outras possibilidades educativas, para além daquelas fragmentadas pelos tradicionais currículos escolares.

Nesse contexto, a Educomunicação possibilita o diálogo com outras áreas do conhecimento, em arranjos mais abertos, criativos, críticos e participativos. Interligado a isso se encontra o protagonismo juvenil, o qual possibilita ao sujeito interagir em seu espaço, desenvolvendo-se para a cidadania. Não se pode, entretanto, aprisioná-lo nesse campo. Sua prática tem-se revelado extremamente frutífera, como estratégia propiciadora do desenvolvimento pessoal do adolescente, assim como do desenvolvimento de qualidades que o capacitam para ingressar, permanecer e ascender no mundo do trabalho.

O termo protagonismo juvenil surgiu no cenário político e econômico no final da década de 1980, como a concepção de empoderamento e participação democrática da juventude, e está relacionado à noção de sujeitos de direitos. A palavra é originada do grego *protagnístés*, que se refere ao ator principal no teatro grego ou que ocupa o papel central num acontecimento (FERRETTI, 2004). Essa expressão remete à participação no processo de transformação política e social, atuação na comunidade, ao exercício da autonomia, à

responsabilidade e ao exercício pleno da cidadania (STAMATO, 2009).

O educando protagonista aprende a ser, desenvolve o senso de identidade, melhora sua autoestima, autoconceito, autoconfiança. Cria habilidades como autogestão, heterogestão e cogestão. Aprende a lidar com suas potencialidades, limitações, a coordenar, a gerir a si mesmo e a trabalhar em grupo, buscando soluções reais na escola, na comunidade e na vida social mais ampla (COSTA; VIEIRA, 2006).

É importante estimular o protagonismo juvenil como exercício da cidadania, envolvendo o adolescente na discussão e resolução de problemas concretos do seu cotidiano, assim como nas questões de interesse coletivo, incentivando sua participação em associações, assembleias, debates, ações comunitárias e em movimentos sociais mais amplos (SERRÃO; BALEIRO, 2000).

É um desafio para o educador evitar que o conceito de cidadania se mantenha apenas na teoria. A cidadania não é um discurso, precisa ser vivenciada e é construída no exercício das pequenas coisas do cotidiano, abrangendo não apenas os direitos, mas também os deveres, gerando compromisso, responsabilidade e participação.

Os educandos, além de portadores de entusiasmo e de vitalidade para a ação, são dotados também de pensamentos e de palavra. Segundo Costa (2006), o propósito do protagonismo juvenil, enquanto educação para a participação democrática, é criar condições para que os educandos possam exercitar, de forma criativa e crítica, essas faculdades na construção gradativa de sua autonomia. Autonomia essa que ele será chamado a exercitar de forma plena do mundo adulto.

E é aí que, por meio dessa pesquisa, importa descobrir como o Projeto de Rádio Escolar pode contribuir para o protagonismo juvenil no Centro Educacional Marista São José.

### 1.3 JUSTIFICATIVA

Na contemporaneidade reconhecemos que há pessoas vivendo em diferentes contextos sociais, culturais, econômicos e políticos. Os avanços tecnológicos, midiáticos e comunicacionais dão origem a um mundo de possibilidades para as práticas socioculturais, invade a comunidade escolar e convida a novos desafios no contexto educacional.

Se existem novas formas de viver, sentir e pensar, é preciso que se pense também em outras maneiras de aprender, de ensinar, nas expectativas e nas demandas, não só dos sujeitos-educandos, mas também dos sujeitos-educadores, já que todos estão inseridos (em maior ou em menor grau) nesta contemporaneidade repleta de tecnologias e mídias.

Transita-se o tempo todo entre espaços individuais e coletivos ao acessar a Internet. Por exemplo: apesar de estar em casa, sozinho, interage-se de alguma forma com os conteúdos selecionados, que leu ou até ouviu, compartilhando posteriormente com outras pessoas aquilo que lhe foi significativo.

Com o cenário acima descrito, a educação formal, tradicional, nos moldes em que é aplicada, encontra-se desafiada cotidianamente pelos visíveis reflexos dos avanços das tecnologias e pela presença das mídias na vida das pessoas. A escola já não se configura mais como o único local de construção e reconstrução de conhecimentos. Diante dos imensos canais por onde se acessa, se troca e se discute informações para além dos muros da escola, ocorre uma mudança paradigmática da educação, que deixou de ser concebida como centrada no ensino e passou a ser baseada na colaboração e construção coletiva, instigada pelo desenvolvimento tecnológico.

Uma educação baseada na colaboração, trabalho em equipe, cidadania e na construção coletiva pressupõe o estabelecimento do diálogo na comunidade escolar e o protagonismo Juvenil.

Para encarar os desafios impostos à educação escolar atual e melhorar a comunicação no ambiente escolar, vemos a necessidade de o docente mudar, não somente seus métodos de ensino, como também o seu papel, o que implica em novas formas de comunicação, novas atitudes e condutas, tanto como docente quanto como investigador. Portanto, a partir da ideia de diálogo na comunidade escolar que fundamenta a educomunicação e do reconhecimento da urgente necessidade de se repensar os processos educativos e comunicativos que envolvem a educação escolar é que se pensou na busca por pesquisar e refletir sobre protagonismo Juvenil.

A participação autêntica dos jovens pressupõe sempre um compromisso com a democracia. Dialogar, conquistar, fortalecer e ampliar a experiência democrática na vida das pessoas, das comunidades e dos povos é e será sempre o objetivo maior de todo protagonismo juvenil autêntico. Trata-se, para o adolescente, de uma oportunidade de vivência cidadã concreta, como etapa imprescindível do processo de desenvolvimento pessoal e social pleno (COSTA, 2006).

Para justificar a importância desta pesquisa realizou-se uma busca nos portais da SciELO, Periódicos Capes e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) encontram-se três dissertações que contêm o tema “Educomunicação”, mas nenhuma estabelece a relação “Educomunicação e Protagonismo Juvenil”. Como pode ser observado, em nossas buscas não foram encontrados trabalhos que trouxessem como foco, nos resumos, a relação da Educomunicação com o Protagonismo Juvenil. No portal da SciELO foram encontrados cinco artigos com o tema “Educomunicação”, enquanto não existe nenhum trabalho que reúna os temas “Educomunicação e Protagonismo Juvenil” em seus resumos. No banco de informações dos Periódicos CAPES/MEC, no entanto, encontram-se doze artigos com o



tema “Educomunicação”. Mais uma vez, não se encontra nada sobre “Educomunicação e Protagonismo”.

## **1.4 OBJETIVOS**

### **1.4.1 Objetivo geral:**

Compreender como o Projeto de Rádio Escolar pode contribuir para o protagonismo juvenil no Centro Educacional Marista São José.

### **1.4.2 Objetivos específicos:**

- Descrever o que é uma rádio escolar;
- Caracterizar protagonismo juvenil a partir do ponto de vista da Educomunicação;
- Verificar o ponto de vista dos alunos a respeito de suas práticas na rádio escolar como uma possibilidade de estímulo ao protagonismo juvenil;
- Estabelecer categorias para o protagonismo juvenil pensando na prática pedagógica educacional.

## **1.5 METODOLOGIA**

Neste capítulo serão apresentados os procedimentos metodológicos que conduziram esta pesquisa de mestrado. Um dos primeiros passos para a compreensão do tema foi se apropriar das suas discussões teóricas por meio da leitura de autores das áreas de Educação e Comunicação que discutem Educomunicação, Protagonismo Juvenil e Rádio Escolar. Outro ponto é compreender como se estrutura e escola que participou do estudo, o Centro Educacional Marista São José, que faz parte da Rede Marista de Solidariedade. Nessa escola as atividades da Rádio ocorreram na Jornada Ampliada.

Na compreensão da escola seguiu-se o preceito de Orofino (2008) que aponta esse lugar como local de

apropriação da mídia e onde ocorrem o consumo cultural e a reprodução de ideologias dominantes. O conteúdo midiático a que as crianças e adolescentes têm acesso é trocado, debatido, discutido e confrontado nas inúmeras experiências desenvolvidas no cotidiano da escola. Seja no pátio, na cantina, nos corredores, ou mesmo do lado de fora dos muros, nas calçadas, antes e depois da aula, as mídias são parte importante da escolarização (OROFINO, 2008).

Por fim, são apresentados os procedimentos metodológicos que incluem técnicas, instrumentos e outras análises que implicam no caráter qualitativo da pesquisa.

### **1.5.1 Institucional Marista**

O Instituto Marista foi fundado na França em 1817 por Marcelino Champagnat com foco na educação, especialmente de crianças e jovens em situação de vulnerabilidade. Hoje, os trabalhos de educação e evangelização estão em 79 países. Essa importante tarefa é partilhada com aproximadamente, 4.300 irmãos e 40.000 leigos, que juntos atendem cerca de 500.000 crianças e jovens (Centro Educacional Marista São José, 2014).

No Brasil, a atuação Marista chegou em 1897. No ano de 1952 foi fundada em Santa Catarina a União Catarinense de Educação (UCE), mantenedora com objetivos educacionais e assistenciais e sem fins lucrativos. A UCE é integrante da Rede Marista de Solidariedade, Província Marista Brasil Centro-Sul (Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Mato Grosso do Sul e Distrito Federal), que abrange Serviços, Programas e Projetos Sociais desenvolvidos por mais duas mantenedoras: a Associação Brasileira de Educação e Cultura (ABEC) e a Associação Paranaense de Cultura (APC).

Centrada na defesa dos direitos da criança e do adolescente, a Rede é formada por 23 Centros Educacionais e Sociais Maristas, 04 Programas de Ação Comunitária e

Ambiental (ProAção), pelo Centro Marista de Defesa da Infância, pelos programas de bolsas de estudo para a Educação Básica e Superior, e diversas outras iniciativas voltadas ao desenvolvimento e transformação local, orientada pela Diretoria Executiva de Ação Social, alinhada aos objetivos estratégicos da mesma.

A participação e articulação maristas também acontecem nos conselhos de direitos e de assistência social e em redes e fóruns nas áreas de educação e direitos, nos âmbitos municipal, estadual, nacional e internacional.

### **1.5.1.1 Centro educacional Marista São José**

O Colégio Marista e Municipal São José está localizado no município de São José, Santa Catarina, fundado pelos primeiros colonizadores açorianos em 26/10/1750, e que integra, junto com outros municípios, a região da grande Florianópolis.

De acordo com dados do IBGE/2013, São José possui uma população de 224. 779 habitantes distribuídos nos seus 116 Km<sup>2</sup>. É o quarto município de Santa Catarina em população e eleitores, e o segundo em maior número de hab./km<sup>2</sup> do Estado. Isso implica em conviver com o desafio de uma cidade que cresceu de forma desordenada, acumulando as virtudes e mazelas dos grandes aglomerados urbanos.

A base de sustentação da economia josefense está fundamentada no comércio, indústria e atividade de prestação de serviços, mantendo ainda a pesca artesanal, maricultura, produção de cerâmica utilitária e agropecuária como atividades geradoras de renda. Possui mais de 1.200 indústrias, cerca de 6.300 estabelecimentos comerciais, 4.800 empresas prestadoras de serviços e 5.300 autônomos.

É dentro do Distrito de Barreiros, mais precisamente no Bairro Serraria, que se localiza o Colégio Marista e Municipal

São José, que atende principalmente a comunidade do loteamento Jardim Zanellato, composto de uma área de aproximadamente 227.186 m<sup>2</sup>, que se situa geograficamente na bacia hidrográfica do rio Três Henriques, entre as comunidades de Areias e Potecas.

No início, caracterizava-se a localidade como um loteamento cujas encostas possuíam acentuada declividade, onde a vegetação era totalmente descaracterizada pela implantação de pastos e habitações em condições precárias, apresentando uma situação de risco potencial de deslizamentos. Atualmente ainda é precário o saneamento básico, continuam alguns esgotos a céu aberto e a coleta de lixo é precária, sem coleta seletiva.

Iniciou-se assim o processo de mudança das condições de habitação e valorização da comunidade, identificando as lideranças e estabelecendo vínculos com o poder público local. O Marista foi um elo com as famílias que passaram a ter mais dignidade na busca de cidadania.

Durante os 19 anos em que o Colégio Educacional Marista São José está atuando no Jardim Zanellato, vem acompanhando as mudanças e o crescimento da comunidade, que atualmente conta com recursos locais como: transporte coletivo, conselho comunitário, igrejas, posto de saúde e centro de educação infantil.

A comunidade do Jardim Zanellato conta com apenas um Centro Educacional Infantil (ONG), que atende 80 educandos na faixa etária de 02 anos e 06 meses até completar 06 anos, o que deixa muitas famílias sem este atendimento.

A rede sócio assistencial do município de São José apresenta fragilidade no atendimento da população, não possuindo equipamentos sociais públicos e/ou parcerias que deem conta da demanda.

O Centro de Saúde do Jardim Zanellato, bem como os de outras áreas, realizam somente atendimentos básicos, não havendo atendimento especializado. O município dispõe de

duas policlínicas para atendimento de toda população e um hospital estadual para atendimento de todo estado.

O Município de São José apresenta em torno de 20 localidades socialmente vulneráveis e tem apenas dois CRAS – Centros de referência da Assistência Social em funcionamento, (Bairros: Areias – próximo ao Loteamento Jardim Zanellato e Colônia Santana), constando do Plano Municipal de Assistência Social – 2010/2015, a criação de mais cinco Unidades de Atendimento.

No dia 11 de março de 1996, o Centro Educacional Marista São José iniciou o primeiro ano letivo na comunidade do Jardim Zanellato, uma parceria entre a Prefeitura Municipal de São José e a União Catarinense de Educação (Marista). A escola começou com 671 educandos; hoje atende 1.175 educandos, do fundamental I, II e Ensino Médio. Além das atividades educativas formais, 750 educandos participam de oficinas na Jornada Ampliada, desenvolvendo competências e habilidades por meio da música, teatro, dança, artes visuais, dentre outras.

### **1.5.1.2 Jornada Ampliada**

Em se tratando de ofertar uma modalidade formativa que dialoga com o ensino formal no que diz respeito à missão educativa marista, a jornada ampliada é um projeto de contraturno que visa dar condições pedagógicas para o fortalecimento do processo educativo, melhoria no ensino-aprendizagem e conseqüente elevação do aproveitamento e resultados em avaliações externas, potencialização das possibilidades de expressão dos educandos, resgate da cidadania crítica e empoderamento político e cultural da comunidade do Jardim Zanellato. Tem por objetivo implantar a educação integral através de jornada ampliada para educandos

com distorção idade/série, dificuldade de aprendizagem e com histórico recorrente de reprovações.

A partir da Análise Situacional Interna que consta no Plano de Ação 2014, bem como em conformidade com a Proposta Educativa Marista, e considerando as demandas supracitadas na perspectiva do reposicionamento institucional, institui um processo formativo sob o viés da Educação Integral, contemplando o currículo e suas implicações metodológicas que promovam e oportunizem, dentre outros, o incentivo à continuidade dos estudos no contraturno para a qualificação do processo de ensino-aprendizagem, o acesso a esferas diversas de produção do conhecimento, o diálogo metodológico entre as modalidades de ensino que passaram a fazer parte do currículo da unidade, o letramento, a manifestação, valorização e resgate de expressões e linguagens artístico-culturais, a (re)apropriação das técnicas de produção de conteúdos midiáticos e a abordagem crítica quanto às formas com que se estabelecem as relações entre os binômios desenvolvimento tecnológico/econômico e sanitarismo/economia solidária (Centro Educacional Marista São José, 2014).

### **1.5.2 Procedimentos Metodológicos**

Trata-se de um estudo de caso feito no Centro Educacional Marista São José. Segundo Yin (2010) o estudo de caso contribui para o conhecimento de fenômenos sociais complexos de eventos da vida cotidiana como o comportamento de pequenos grupos, nesse caso, os estudantes. Dessa forma o estudo de caso, seguindo as afirmações de Yin (2010), serviu para explicar os presumidos vínculos causais nas intervenções das oficinas de rádio com a vida real daquilo que ocorre na escola e para além dela, ilustrar determinados tópicos e explorar as situações de intervenção que não possuem um único e claro conjunto de resultados. Esta pesquisa apresenta

caráter qualitativo e em sua coleta de dados, segundo Appolinário (2009), envolveu a técnica de entrevista. Dessa forma, é possível identificar categorias, padrões e relações entre os dados coletados de forma a compreender seus significados e subjetividades (APPOLINÁRIO, 2009).

Neste estudo de caso foram realizadas entrevistas com a amostragem intencional de 10 (dez) dos vinte (20) monitores da Rádio Coração Marista. Nas oficinas havia, no número total de participantes, incluindo os monitores, 50 estudantes. No Centro Social Marista São José a proposta da rádio escolar surgiu no ano de 2007, quando, durante as aulas, os educandos da 6ª série do Ensino Fundamental II indagaram sobre a possibilidade de se criar uma rádio escolar. Junto com aquela ideia, surgiu o nome Rádio Coração Marista, o qual foi aceito, de forma unânime, pelos demais educandos. Percebeu-se que a proposta poderia ser uma oportunidade de participação dos educandos, através da animação dos recreios, e também expressão de suas ideias. Em 2008 a Rádio já era reconhecida como um meio não apenas de comunicação, mas também de acolhida, troca afetiva e manifestação da cultura juvenil. Para a implantação efetiva do projeto investiu-se no processo de formação na área de comunicação e na aquisição de alguns equipamentos, tais como aparelho e caixas de som, amplificador de áudio, microfone, pen drive e CDs. No início a rádio funcionava no momento do recreio e ficava sob a responsabilidade de uma equipe de educandos que tinha afinidade em relação ao projeto. No entanto, percebeu-se que os momentos de recreio eram bastante barulhentos, o que contribuía para a desvalorização da proposta da Rádio. Em conversa com os educandos, foi proposto que a mesma passasse a acontecer no horário da entrada de cada turno, como uma forma de acolhida e animação de um momento destinado ao bate papo e à amizade. Os conteúdos transmitidos pela rádio eram músicas, informações sobre assuntos internos e temas relacionados à comunidade local e global. Algumas ações

ganharam destaque no ano de 2009, como a apresentação dos projetos realizados no Centro Social Marista São José a um grupo de visitantes; um workshop em Comunicação; e campanhas temáticas, como doações, prevenção à Gripe A, entre outros.

Em 2011 a Rádio Coração Marista ganhou uma nova roupagem, foi construída uma cabine com melhores equipamentos: amplificadores, mesa de som, microfones sem fio, computadores, programas para edição de áudio e vídeo, programa Zararadio para tocar as músicas. As pautas acontecem na acolhida com: notícias, músicas, recadinho inteligente e na hora do recreio há os quadros: perfil, vivência marista, no mundo dos esportes, correio elegante, momento cultural e entrevistas. Cada equipe elabora uma pauta e um quadro antes de levar a programação ao ar, essa atividade é realizada de modo frequente. A Rádio tem o espaço físico limitado, e os educandos têm dificuldades de manuseio em relação aos equipamentos. Apesar desses contratempos, não há como negar o entusiasmo e o encantamento dos educandos com esse meio de comunicação.

Foi em 2014, momento que interessa a esta pesquisa, que o projeto implementou um grupo de monitores para conduzir rádio e auxiliar o educador com os outros educandos nas oficinas educacionais. Os monitores também passaram por oficinas de formação, abordando temas ligados à cidadania, aos direitos humanos, comunicação, trabalho em equipe e ao meio ambiente. O objetivo das oficinas era proporcionar aos monitores formações com acompanhamento pedagógico, dinâmicas de grupo, de modo a contribuir para formação humana, cidadã e a melhoria do desempenho escolar, como também promover o protagonismo juvenil. O primeiro passo dessa caminhada enquanto investigador foi perceber os educandos como sujeitos possuidores de culturas próprias e, igualmente, conscientes e ativos socialmente. Sendo assim, se parte das interações com os sujeitos da pesquisa para alcançar



os objetivos elencados e, assim, promover uma ampliação do entendimento sobre o papel da rádio no protagonismo dos jovens educandos do Centro Educacional Marista São José.

A intenção do pesquisador foi criar vínculos com os educandos do grupo e com os monitores. Isso exigiu uma permanência junto a eles, de modo a realizar uma inserção gradativa e respeitosa – com a intenção de conhecer melhor os sujeitos da pesquisa – com os monitores, as relações sociais estabelecidas pelo grupo, suas práticas cotidianas, suas relações com a rádio, suas pautas, notícias, reportagens, vinhetas e, igualmente, o funcionamento da instituição para identificar a relação do espaço radiofônico com as outras áreas da escola.

Para Ferreira (2003, p. 153), por exemplo, a postura do pesquisador deve valorizar as ações dos adolescentes e das crianças a partir de suas interações consigo mesmos e com sua realidade social cotidiana, ou seja, precisa buscar conhecê-las em seus contextos de vida. Além disso, para ela, há a necessidade deste pesquisador compreender que “todos se constituem como sujeitos e participantes nos processos de construção de conhecimento social, o que pressupõe não mais ignorar as distinções e relações de poder entre adultos e crianças; sobretudo não as tomar como certas” (FERREIRA, 2003, p. 153).

A análise foi feita por meio da realização de entrevistas com uso de um roteiro semiestruturado destinado a dez (10) educandos monitores que participam da Rádio Coração Marista. De acordo com Triviños (1987) a entrevista semiestruturada parte de questionamentos básicos apoiados em teorias e hipóteses que interessam à pesquisa e oferecem amplo campo de interrogativas à medida que vão surgindo novas hipóteses advindas das respostas do informante. Assim, o estudante segue sua linha de pensamento de modo a relatar suas experiências e participar do conteúdo da pesquisa com a finalidade de obter um maior entendimento quanto ao projeto de rádio escolar. Busca envolvê-los no processo da pesquisa e

contribuir na qualificação das informações indicadas nos registros escritos.

Para refletir os dados coletados nas entrevistas, será utilizada a análise de conteúdo segundo Bardin (1977). Para a autora, a análise de conteúdo é “[...] um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis em constante aperfeiçoamento que se aplicam a discursos extremamente diversificados”. É, pois, um esforço de interpretação e que oscila entre o “[...] rigor da objetividade e a fecundidade da subjetividade” (BARDIN, 1977, p. 9). A autora ainda afirma que “[...] absolve e cauciona o investigador por esta atração pelo escondido, o latente, o não aparente, o potencial de inédito (do não-dito), retido por qualquer mensagem”.

Ainda para a autora, as fases de análise se dividem em três “polos cronológicos”: 1) a pré-análise; 2) a exploração do material; e, por fim, 3) o tratamento dos resultados: a inferência e a interpretação (BARDIN, 1977, p. 95). O primeiro polo, como o próprio nome já deixa claro, detém-se na fase inicial de organização, traçando as ideias iniciais para o desenvolvimento do plano de trabalho. A autora afirma que esta fase possui três missões: a escolha dos documentos, a formulação das hipóteses e dos objetivos e a construção de indicadores que fundamentem a interpretação final do trabalho. Sua ordem pode ser alterada, embora os três pontos estejam diretamente interligados. A organização desta fase, segundo a autora, é composta de atividades abertas.

Uma destas atividades são as leituras que Bardin chama de “flutuantes”, que são aquelas diversas leituras de textos teóricos de documentos, feitas após a definição do tema a ser pesquisado, dependendo do tipo da pesquisa. Nestas leituras, segundo ela, devemos nos deixar invadir por impressões e orientações. A partir deste primeiro contato com as várias leituras, é hora de escolher aqueles textos que, à primeira vista, serão utilizados na pesquisa. Porém, esta escolha está relacionada com a construção do “corpus da pesquisa”. É este

corpus que nos dará os materiais de análise, e, por causa da sua importância, Bardin (1977, p. 97) traça algumas regras e estratégias de escolha. Uma delas é a “regra da exaustividade”, que consiste na seleção de todos os materiais precisos para a análise. Outra regra é a da “representatividade”, que ajuda a esgotar todas as possibilidades do tema da pesquisa. A penúltima regra estabelecida por Bardin é a da “homogeneidade”, que diz que o material para análise deve obedecer a critérios de escolha parecidos. Sua última regra para a construção do corpus da pesquisa é a da “pertinência”: onde os materiais pesquisados devem corresponder ao objetivo da análise.

A escolha dos documentos é a primeira missão estabelecida por Bardin. Essa documentação baseou-se na transcrição das entrevistas que foram realizadas com os monitores da Rádio Coração Marista. Os números de páginas das entrevistas transcritas oscilaram muito, algumas com 15, 9, 4, por exemplo.

Após entrar em contato com os monitores, 10 foram selecionados para a análise mais detalhada das transcrições. Estes levaram autorizações para casa. A escolha foi baseada na busca por aqueles que mais poderiam nos ajudar a responder aos objetivos e à problemática dessa pesquisa.

A segunda missão da pré-análise é a formulação das hipóteses e dos objetivos, que não são obrigatórias em uma pesquisa, mas podem ser importantes, se feitas de maneira coerente com o projeto do trabalho. Elas também podem surgir no decorrer da pesquisa.

A terceira missão levantada por Bardin é a construção de indicadores que fundamentem a interpretação final do trabalho. Isto implica observar quais expressões ou temas mais se sobressaem no texto analisado. A partir desta observação, traçaram-se indícios de indicadores. Bardin (1977, p. 100) também aconselha a realização de uma última organização de todo o material coletado para o que ela chama de “preparação

formal”. Para visualizar os indicadores da pesquisa trazidos por meio das respostas dadas, foram produzidos no software uma tabela, na qual o nome de cada monitor, as perguntas e suas respostas ficam lado a lado, de modo a facilitar a visualização dos indícios.

O segundo polo cronológico apresentado por Bardin é a exploração do material. Segundo a autora (1977, p. 101), se todas estas fases da pré-análise forem executadas, o restante do processo acontecerá de maneira longa e cansativa, momento em que as decisões tomadas no primeiro polo serão efetivadas. É quando os dados brutos são organizados e agregados em unidades e “[...] consiste essencialmente de operações de codificação, desconto ou enumeração, em função de regras previamente formuladas”. Esta codificação diz respeito a uma identificação que permite atingir certa representação de conteúdo de sua expressão.

Para a exploração do material, Bardin (1977, p. 104-105) destaca duas unidades, quais sejam, a de “registro” e a de “contexto”. A partir delas é possível compreender quais elementos devem ser levados em conta e como recontar os textos em elementos completos. As unidades de registro são unidades de significação; as mais utilizadas são as palavras, o tema, o objeto, o personagem, o acontecimento. Já a unidade de contexto em questão serve para compreender a unidade de registro como a frase é para a palavra e o tema para o parágrafo: “[...] a referência ao contexto é muito importante para a análise avaliativa e para a análise das contingências” (1977, p. 107).

Para auxiliar nessa análise qualitativa das entrevistas foi utilizado o software ATLAS.ti. A cada entrevista inserida o programa gerou um código, como por exemplo, “EA”. Esses códigos foram aproveitados para identificar os entrevistados e os manter no anonimato. O software permitiu o primeiro nível de análise por meio da leitura das entrevistas e identificações de unidades de significados. Estas foram agrupadas em códigos

ou categorias. Tais unidades foram elaboradas a partir da leitura e recebiam novos códigos ou eram inseridas em outras já existentes à medida que se ia avançando na leitura das entrevistas. Foram obtidos no total trezentos e cinquenta e quatro (354) trechos selecionados das entrevistas (unidades de significado) que foram agrupados dentro de vinte e cinco (25) códigos. A partir do mesmo geraram-se as categorias de análise, pela frequência dos códigos e, conseqüentemente, pontos em comum encontrados nas dez (10) entrevistas realizadas. Os códigos podem ser vistos no apêndice C.

A exploração do material também conta com a categorização, que nada mais é do que a organização dos dados brutos que têm características em comum. Para o trabalho, a organização que ajudou na exploração se deu da seguinte forma: houve a releitura de todas as transcrições no software; foram criados códigos; foram separados no programa os trechos que mais chamaram a atenção; foram feitas análises sobre as respostas dos escolhidos; dentro dos trechos pré-selecionados, foram destacadas as partes que rendiam boas análises.

Esta forma de organizar nos deu segurança para a análise e aprofundamento, que seria necessário ter em relação às falas dos monitores. O terceiro e último passo da autora é referente ao tratamento dos resultados obtidos e à sua interpretação: a construção das categorias. Para Bardin (1977, p. 118), a categorização é um processo estruturalista que comporta duas etapas: isolar os elementos (inventário) e classificá-los (organizar as mensagens), passos já realizados quando foram organizadas as informações que estavam disponíveis para a exploração dos dados.

A primeira etapa foi realizada junto com a categorização durante a exploração dos dados. Foram isolados na tabela aqueles elementos que mais chamaram a atenção ou que se assemelhavam entre si. Na segunda etapa foram condensados uma representação simplificada dos dados brutos.

Bardin (1977, p. 120) indica que um conjunto de categorias deve levar em consideração a exclusão de elementos semelhantes; a homogeneidade de elementos; a pertinência junto ao material de análise; a intenção e as questões da pesquisa; a objetividade e a obtenção de resultados férteis. As categorias são a última parte da análise de conteúdo defendida pela autora, portanto, ela é apresentada ao final deste capítulo, em que foram reunidas todas as informações retiradas dos dados brutos das entrevistas.

## 2. EDUCOMUNICAÇÃO E PROTAGONISMO JUVENIL

Fez diferença porque eu conheci novas pessoas, novos jeitos de chegar às outras pessoas, como perguntar, como falar. Como conviver. Como lutar pelos meus direitos. Além de estarmos sempre pesquisando, aprendendo de tudo um pouco. Todas as disciplinas aprendemos na rádio, por causa das notícias e reportagens. Conversamos de tudo. Deixa eu ver, também fez diferença na minha pessoa, eu mudei bastante, antigamente eu era muito reservado, quase ninguém olhava pra mim, eu não olhava nos olhos das pessoas porque eu tinha vergonha.

EB

Neste capítulo, serão apresentados autores e discussões presentes em duas áreas as quais se considera possuem práticas e epistemologias entrelaçadas: Protagonismo Juvenil e Educomunicação. Foram unidas no mesmo capítulo porque não seria possível separá-las. Ambos os conceitos remetem à participação do sujeito no processo de transformação política e social, à atuação na comunidade, ao exercício da autonomia, ao diálogo, ao trabalho em equipe, à interação, à responsabilidade e ao exercício pleno da cidadania.

Nesta pesquisa, tratar destes dois campos significa fortalecer as práticas e seus conceitos de educomunicação e entender como ambos conseguem balizar uma educação e uma comunicação mais dialógica, democrática e participativa.

Compreende-se que deter um pouco da história e da proposta do protagonismo Juvenil auxiliará a compreender igualmente qual é sua relação com a Educomunicação e de que forma aquela influencia esta. Ao falar sobre Educomunicação, traz-se como referencial teórico autores como Kaplún (1998, 2002), Martín-Barbero (2000, 2014), Soares (2002, 2011, 2014), Citelli (2011), Aparici (2014), Freire (1969, 1973, 1977,

1987), Souza (2012), Freinet (1975), Luedemann (2002), Rossetti (2004) e Sartori (2012, 2014), os quais possibilitarão a compreensão de como a Educomunicação e suas práticas podem promover o diálogo na comunidade escolar e o Protagonismo Juvenil, para além do uso das mídias, auxiliando nos processos de aprendizagem, ensino e trabalho em equipe, interação, participação democrática, resolução de problemas, autoestima dos educandos, entre outros.

No que tange ao protagonismo Juvenil, traz-se Ferretti (2004), Stamato (2009), Serrão e Baleeiro (2000), Madalena Freire (1998, 2005), Bernardo Toro (1997), Jacques Delors (1998) e Jorge Boran (1985). Juntos, eles nos trazem reflexões importantes que também nos ajudam a melhor refinar o olhar acerca da Rádio Coração Marista e dos personagens pesquisados nesta investigação.

## **2.1 EDUCOMUNICAÇÃO**

Uma nova área do conhecimento se configura pelas inter-relações entre as áreas da Educação e da Comunicação e vem sendo chamada de Educomunicação. De acordo com o entendimento do Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo (NCE/USP), o conceito de Educomunicação designa um campo de ação emergente na interface entre os tradicionais campos da educação e da comunicação, e que se apresenta, hoje, como um excelente caminho de renovação das práticas sociais que objetivam ampliar a possibilidade de expressão de todos os segmentos humanos, especialmente da infância e juventude (SOARES, 2011). Isto é, Ampliar as condições de expressão da juventude como forma de engajá-la em seu próprio processo educativo.

Embora a Educomunicação seja um campo novo, essa nova área do conhecimento já tem história. O neologismo *Educommunication* havia sido pautado, nos anos 1980, pela



UNESCO, como sinônimo de *Media Education* (Educação para Recepção Crítica dos Meios de Comunicação), para designar todo o esforço do campo educativo em relação aos efeitos dos meios de comunicação na formação de crianças e jovens.

De acordo com Soares (2011, p. 33), a ideia de recepção “crítica dos meios de comunicação”, que possibilitou as primeiras reflexões da educomunicação, surgiu com o argentino Mario Kaplún. Inspirado por Paulo Freire, que trabalhava com educação Popular e que concluiu no livro *Extensão ou comunicação?*, que todo educador é um comunicador e que todo comunicador é um educador, e que desta forma sua prática deveria ser educomunicativa. Desde então Kaplún e Freire são referências teóricas na área de educomunicação.

Em entrevista à revista *Linhas*, o professor Adilson Citelli conta que no Brasil, desde a década de 1950 até o golpe de 1964, os meios de comunicação da época (como o rádio) eram muito utilizados para fins educativos. Citelli (2011, p. 202) ressalta o papel de Paulo Freire no Estado de Pernambuco e as experiências que ocorreram em todo o norte e nordeste do país como “experiências interessantíssimas de como colocar a televisão, o rádio, para fazer educação popular, sobretudo”. O autor explica:

Claro que com os problemas das ditaduras no cone Sul, Brasil, Argentina, Paraguai, Chile, Uruguai, enfim, esse movimento foi desaquecido. O movimento popular foi se reorganizando para fazer o que foi chamado de comunicação popular. Esse termo ganhou força nos anos 1970, por que se criaram formas de resistência à ditadura no cone Sul, levando para escola o jornal e a super 8, entre outros meios da época. O objetivo era que as crianças começassem a produzir. Essa preocupação está espalhada pela América Latina, inclusive América Central. (CITELLI, 2011, p. 202)

De acordo com Soares (2011), numa perspectiva dialética, o maior volume dessa prática deu-se na América latina no contexto denominado “educação popular”, “comunicação alternativa”, “comunicação popular e alternativa”. No caso, o que as ações e cursos das entidades envolvidas com o tema pretendiam discutir não era exatamente o impacto das mensagens sobre suas audiências, mas o modo como os receptores reagem e se articulavam ao receber e ressignificar os conteúdos midiáticos.

Ao longo da década de 1990, núcleos de extensão de universidades e ONGs voltadas para o uso da mídia em suas experiências de formação de crianças e jovens no Brasil difundiram abordagens para práticas de educação à mídia. Algumas dessas instituições passaram a entender que o exercício de produzir comunicação de forma democrática e participativa, por parte das crianças e jovens, representaria um diferencial em relação às experiências internacionais voltadas exclusivamente para as práticas de “leitura” da mídia.

O NCE/USP, entre 1997 e 1999, realizou uma pesquisa coordenada pelo professor Dr. Ismar de Oliveira Soares, com fomento da FAPESP, junto a 176 especialistas de 12 países da América Latina, identificando a vigência de uma prática mais abrangente no seio da sociedade civil que tomava a comunicação como eixo transversal das atividades de transformação social. Passou, então, o NCE/USP a ressemantizar o termo Educomunicação para designar o conjunto destas ações que produzem o efeito de articular sujeitos sociais no espaço da interface Comunicação/Educação. No caso, a leitura crítica da mídia e a produção midiática por jovens soma-se ao conceito de gestão da comunicação nos espaços educativos. (SOARES, 2011)

Com a conclusão da pesquisa do NCE/USP se passou a descrever este novo campo de intervenção social da educomunicação como:

O conjunto das ações voltadas ao planejamento e implementação de práticas destinadas a criar e desenvolver ecossistemas comunicativos abertos e criativos em espaços educativos, garantindo desta forma, crescentes possibilidades de expressão a todos os membros das comunidades educativas (SOARES, 2014).

Essa perspectiva da educomunicação oferecida pelo NCE/USP passa a se propagar significativamente na América Latina, nos Estados Unidos e em países Europeus a partir do ano 2000 por meio de textos publicados em revistas e coletâneas (SOARES, 2011).

Atualmente, Soares (2014) cita a criação de dois cursos de graduação na área, no Brasil: uma licenciatura, pela USP, em São Paulo, instaurada em 2011; e um bacharelado na Universidade Federal de Campina Grande, na Paraíba, instaurada em 2010. A opção da USP pela Licenciatura tem o propósito de garantir ao formado acesso à educação formal. A Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro abriu em 2014 um Bacharelado em Mídia e Educação. Multiplicam-se, além disso, cursos de especialização e extensão por todo o país.

No banco de teses da CAPES, órgão do governo federal que dá suporte à investigação acadêmica, identificou-se que entre os anos de 2000 e 2014, um total de 97 dissertações e teses foram defendidas nos centros de Pós-Graduação do Brasil, tendo como objetivo a práxis educacional, mantendo entre os principais referenciais o trabalho dos pesquisadores do Departamento de Comunicações e Artes da ECA/USP (APARICI, 2014).

Desde que o termo educomunicação foi publicado pela primeira vez, em 1999, na revista *Contato*, em Brasília (APARICI, 2014), para designar um novo campo de intervenção social, coube à revista *Comunicação e Educação* cumprir o papel de elucidar os diferentes componentes do conceito. Igualmente, o diálogo com os especialistas da

América Latina e da Europa tem sido realizado principalmente através de participação em congressos, ao que se soma a veiculação de artigos em revistas e livros.

Todo esse conjunto de discussões, pesquisas, experiências e práticas envolvendo questões pertencentes tanto à área da educação quanto à área da comunicação tem participado do processo de consolidação da Educomunicação como uma nova área do conhecimento e de intervenção social.

### **2.1.1 A educomunicação na escola**

Uma educação preocupada com a formação dos educandos busca dar conta de todas as dimensões do desenvolvimento do sujeito e estabelecer-se como processo ao longo da vida. Nesse sentido a educomunicação, um campo em desenvolvimento, busca o repensar das práticas de ensino e aprendizagem e o reconhecimento da comunidade escolar, oportunizando outras possibilidades educativas, para além daquelas fragmentadas pelos tradicionais currículos escolares.

Nesse contexto, a educomunicação possibilita o diálogo com outras áreas do conhecimento, em arranjos mais abertos, criativos, críticos e participativos, em que se busca dar ênfase a uma educação dialógica de produção de conhecimento, fugindo da educação bancária (FREIRE, 1969) de mera transmissão de conteúdo.

O diálogo e a problematização não adormecem ninguém. Conscientizam. Na dialogicidade, na problematização, educador educando vão ambos desenvolvendo uma postura crítica, da qual resulta a percepção de que este conjunto de saber se encontra na interação. Saber que reflete o mundo e os homens, no mundo e com ele, explicando o mundo, mas, sobretudo, tendo de justificar-se na sua transformação (FREIRE, 1973, p. 62).

Promover relações dialógicas significa entender que o convívio, a apreensão, a produção do conhecimento e a gestão das decisões, são processos que precisam ser participativos e horizontais, à medida que se dão na construção e realização da autonomia de cada um. Freire (1977, p. 66) destacou que “o sujeito pensante não pode pensar sozinho; não pode sem a coparticipação de outro sujeito no ato de pensar sobre o objeto”. Não há um “penso”, mas um “pensamos”. É o “pensamos” que estabelece o “penso”, e não o contrário.

Somos sujeitos sociais, ensinamos e aprendemos em grupo, compartilhamos saberes historicamente constituídos, negociamos significados, em uma ação necessária, natural e inevitável. Para Freire (1987, p. 78) “todos educam; todos ensinam e aprendem. Por isso, ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”.

Ao analisar o tipo ou modelo de relação dos interagentes, Freire especificava que nos modelos baseados na transmissão não havia comunicação. Essa relação se dá ainda hoje na maioria das escolas e é a prática que continuam exercendo os meios convencionais de comunicação. Em todo ato comunicativo, seja face a face ou mediado por uma tecnologia, tem que ser produzido um ato de encontro e de reciprocidade entre todos os que participam desse ato comunicativo.

Ser dialógico é não invadir, é não manipular, é não sloganizar. Ser dialógico é empenhar-se na transformação constante da realidade. Esta é a razão pela qual, sendo o diálogo o conteúdo da forma de ser própria à existência humana, está excluído de toda relação na qual alguns homens sejam transformados em “seres para outro” por homens que são falsos seres para si mesmos (FREIRE, 1973, p. 75).

O diálogo é um elemento crucial para problematizar o conhecimento. Não um diálogo complacente ou um diálogo para o nada, mas sim uma modalidade que indaga os saberes mútuos e questiona o conhecimento preestabelecido. O diálogo não é um mero bate-papo, o diálogo é uma metodologia e uma filosofia.

O que se pretende, com o diálogo, em qualquer hipótese (seja em torno de um conhecimento científico e técnico, seja de um conhecimento “experencial”), é a problematização do próprio conhecimento, em sua indiscutível relação com a realidade concreta, na qual se gera e sobre a qual incide, para melhor compreendê-la, explicá-la, transformá-la (FREIRE, 1973, p. 57).

Kaplún (1998) descreve estas questões como duas dimensões tradicionais, em que se estabelecem funções específicas ainda hoje reproduzidas. Este método, dizia Kaplún (1998), está baseado na relação entre o docente e o livro didático, que é a principal fonte de informação nas salas de aula. Não se dá importância ao diálogo e à participação, “valoriza-se muito o dado e muito pouco o conceito, a boa retenção dos conteúdos (isto é, sua memorização) é premiada, e a reprodução pouco fiel é castigada. A elaboração pessoal do educando é, também, reprimida como erro”. E acrescenta: “A experiência de vida dos educandos é desvalorizada” (KAPLÚN, 1998, p. 205).

Essa Educação bancária é modelo que muitas vezes vem da formação universitária que deixa de lado as interações grupais e a produção dialógica na academia. Nesse sentido, Roberto Aparici (2014, p. 35) escreve:

O velho discurso universitário carece de mediações pedagógicas, está centralizado em uma palavra despersonalizada, obstinada em transmitir ciência; fecha oportunidades de

expressão, entende pouco ou nada de meios audiovisuais, e frequentemente entende ainda menos de interação grupal. Como formar comunicadores a partir de semelhantes matrizes?

No processo educativo e comunicativo, Kaplún propôs o lançamento de modelos autogestores baseados na participação ativa em todos os níveis e campos, e dizia:

Como se vê, tem de ser assim, participativo, não só por conta de coerência com a nova sociedade democrática que procura construir, como também em razão de eficácia: porque somente participando, envolvendo-se, pesquisando, estabelecendo perguntas e procurando respostas, questionando e questionando-se, chega-se realmente ao conhecimento (KAPLÚN, 1998, p. 51).

Neste contexto, Ricardo Aparici (2014, p. 16) afirma:

A forma mais desenvolvida de participação é a autogestão. Este princípio implica o direito de participação no planejamento e na produção dos conteúdos da mídia. No entanto, nem todos desejam ou devem ser envolvidos em sua implementação prática. É mais importante que a participação seja possível no nível da tomada de decisões quanto aos temas que serão tratados nas mensagens e quanto à seleção de procedimentos. Um dos obstáculos fundamentais contra a decisão de adotar a estratégia participativa consiste em que ela significa uma ameaça para hierarquias existentes. No entanto, a participação não implica que especialistas do desenvolvimento, planejadores e dirigentes institucionais já não tenham nenhuma função. Somente significa que os pontos de vista dos grupos locais do público são levados em conta antes que os recursos dos

projetos de desenvolvimento sejam designados e distribuídos e que sugestões de mudanças políticas sejam levadas em conta.

Ao se pensar nesta concepção de participação e diálogo da comunidade escolar o conceito de ecossistemas comunicativos é fundamental na perspectiva da educomunicação. Em outra perspectiva, além de Martn-Barbero (2000), que emprega o conceito para designar a nova atmosfera gerada pela presença das tecnologias às quais cada um de nós e a própria educação estaríamos compulsoriamente conectados, Soares (2011) usa o termo como figura de linguagem para nomear um ideal de relações, construído coletivamente em dado espaço, em decorrência de uma decisão estratégica de favorecer o diálogo social, levando em conta, inclusive, as potencialidades dos meios de comunicação e de suas tecnologias.

Segundo Soares (2011) todas as formas de relacionamentos com regras determinadas e rigorosamente seguidas acabam por conformar um tipo definido de ecossistema comunicativo. A educomunicação, como uma maneira própria de relacionamento, faz sua opção pela construção de modalidades abertas e criativas de relacionamento, contribuindo, dessa maneira, para que as normas que regem o convívio passem a reconhecer a legitimidade do diálogo como metodologia de ensino, aprendizagem e convivência.

A partir desta perspectiva, entende-se que a relação dialógica não é dada pela tecnologia adotada, mais ou menos amigável, mas essencialmente pela opção por um tipo de convívio humano. Trata-se de uma decisão ético-político-pedagógica, que necessita, naturalmente, ser circundada pela definição de tecnologia de auxílio (SOARES, 2011).

Um ambiente escolar educomunicativo caracteriza-se, justamente, pela opção de seus



construtores pela abertura à participação, garantindo não apenas a boa convivência entre as pessoas (direção – docentes - estudantes), mas, simultaneamente, um efetivo diálogo sobre as práticas educativas (interdisciplinaridade, multidisciplinaridade, pedagogia de projetos), elementos que conformam a pedagogia da comunicação. Quando falamos, pois, de ecossistema comunicativo no espaço escolar, estamos nos referindo a um projeto educativo que tem como meta a qualidade dos relacionamentos, associada à busca por resultados mensuráveis, estabelecidos a partir de uma proposta comunicativa negociada no âmbito da comunidade educativa (SOARES, 2011, p. 45).

Se o conceito de ecossistema comunicativo é a meta a ser construída, as denominadas “áreas de intervenção” apresentam-se como portas de ingresso ao universo das práticas educacionais. De acordo com Soares (2011) as “áreas de intervenção” representam os possíveis tipos de ação a partir dos quais a comunidade é despertada para o novo, podendo perceber com mais facilidade o pensamento qualificado pela ação educacional, com ela dialogando. O termo intervenção pode soar de maneira entranha, pela possibilidade de interpretações, na sua polissemia de sentidos, nos faz pensar numa perspectiva da intromissão e da imposição de sentidos e vontades. Para o autor, o termo nos faz lembrar a inserção da obra de um artista plástico em determinado espaço, quebrando a monotonia da paisagem. Um *Signo Novo*, contraditório, porém forte. Na educação as áreas de intervenção são, sobretudo, pontes lançadas entre os sujeitos sociais e o mundo da mídia, do terceiro setor, da escola, oferecendo um diálogo sobre determinado âmbito da ação educacional.

Em termos específicos de uma escola, o professor de educação artística é quem tomará a iniciativa, a partir de seu

campo de ação, dando vida à escola através da produção e da manifestação estética.

Intervenção significa o novo. Nesta linha, pode ser incluído todo o esforço dos gestores e dos docentes no sentido de implementar projetos comunicativos com especificidades próprias, que emprestem razões para o aluno gostar da formação recebida, criando nele o desejo de vê-la difundida e multiplicada.

Algumas áreas de intervenção são descritas no agir educomunicativo segundo Soares (2011):

1. A área da educação para a comunicação: ocupa-se com o estudo do lugar dos meios de comunicação na sociedade e seu impacto. Está presente, por exemplo, na implementação de programas de recepção pedagogicamente organizados (media education, educación em médios) fundamentados na contribuição das ciências humanas;

2. A área da expressão comunicativa através das artes: está atenta às distintas formas de manifestação artística na comunidade educativa de forma acessível;

3. A área da mediação tecnológica na educação: reflete as preocupações relacionadas às tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) e seus múltiplos usos pela comunidade educativa, garantindo, além da acessibilidade, as formas democráticas de sua gestão, entendidas como uma forma solidária e democrática de apropriação dos recursos técnicos;

4. A área da pedagogia da comunicação: referenda-se na cultura escolar. Está atenta ao cotidiano da didática, prevendo a multiplicação da ação dos agentes educativos (professor e aluno trabalhando juntos) e opta, quando conveniente, à ação através de projetos;

5. A área da gestão da comunicação: volta-se para o planejamento e a execução de planos, programas e projetos referentes às demais áreas de intervenção e aponta, inclusive, para indicadores da avaliação de ecossistemas comunicacionais;

6. A área da reflexão epistemológica: dedica-se à sistematização de experiências e ao estudo do próprio fenômeno constituído pela inter-relação entre educação e comunicação. Mantém atenção especial à coerência entre teoria e prática.

O Grupo de Pesquisa Educação, Comunicação e Tecnologia – CNPq/UEDESC vem desenvolvendo pesquisas sobre a educomunicação na escola e chegou ao conceito de Prática Pedagógica Educomunicativa (SARTORI e ROESLER, 2014, p. 130), definindo-a como:

Prática pedagógica que dialoga com o ecossistema comunicativo em que alunos e professores estão envolvidos, com intuito de elevar as possibilidades comunicativas, criando ambientes amigáveis de diálogo em que a relação com as mídias é planejada para propiciar aprendizagem colaborativa. Trata-se de superar a utilização instrumental das mídias em sala, possibilitando a criação e circulação de sentidos, ou seja, tornar significativo o que acontece em sala de aula.

### **2.1.2 Prática Pedagógica Educomunicativa**

A prática pedagógica educomunicativa emana do campo da Educomunicação e surge na escola como possibilidade de trabalho em atividades educativas.

As práticas pedagógicas educomunicativas, segundo Souza (2012, p. 198), configuram-se como um caminho de pensamento na condução da mediação, pois:

-Consideram as particularidades desta contemporaneidade marcada pelo universo midiático e tecnológico;

-Estabelecem um ecossistema comunicativo nas relações de um determinado espaço educativo;

-Ampliam as possibilidades comunicativas estabelecidas entre os sujeitos que participam do processo educativo (comunidade escolar, crianças, famílias e sociedades);

-Preocupam-se com o uso pedagógico crítico de recursos tecnológicos e midiáticos.

-Favorecem uma relação crítica mais ativa e criativa desses sujeitos diante das referências midiáticas que fazem parte de seu contexto de vida.

Para Sartori e Souza (2012, p. 35) as práticas pedagógicas educomunicativas favorecem:

[...] uma relação mais ativa e criativa do sujeito em relação às referências midiáticas a que tem acesso, isto é, potencializam os ecossistemas comunicativos entre todos os envolvidos no processo educativo.

A partir do conceito e critérios estabelecidos pelas autoras Sartori e Souza (2012) é possível fazer um resgate histórico de práticas pedagógicas que podem ser consideradas educomunicativas ao longo do tempo, como as de Freinet e Makarenko, além de projetos atuais desenvolvidos no Brasil.

Freinet implementou o “jornal escolar”; mas não entendido como mera atividade complementar, “extracurricular”, e sim como eixo central, como o motor do processo educativo. A aula se transformou, de maneira permanente, em sala de redação do jornal, além de oficina de composição e impressão (KAPLÚN, 2014). Tudo o que as crianças aprendiam, tudo o que pesquisavam, refletiam, sentiam e viviam, era levado às páginas do jornal escolar, completamente rígido, ilustrado, desenhado e impresso por eles. Aquele meio de comunicação mudou toda a dinâmica de ensino-aprendizagem. Os pequenos jornalistas aprendiam

realmente a redigir para expressar suas ideias, aprendiam a estudar e a pesquisar, porque agora tinham uma motivação e um estímulo para fazê-lo: esse conhecimento que produziam já não era para cumprir uma obrigação, nem para registrá-lo em um caderno individual, e sim para publicá-lo, comunicá-lo, compartilhá-lo: com os colegas, familiares e outros moradores da cidadezinha (KAPLÚN, 2014).

Assim incentivadas, as crianças mergulhavam na realidade para procurar dados a fim de ampliar seus artigos jornalísticos e garantir veracidade, saíam, por própria iniciativa, para fazer entrevistas, enquetes, observações, medições, cálculos etc. Ao mesmo tempo, interessaram-se por ler a imprensa profissional e analisar as notícias. A coleção do jornal escolar foi se tornando a memória coletiva do grupo, registro de seu processo de descobrimento e de seus avanços na produção de conhecimento. De aquisição individual, o saber transformou-se em construção coletiva, em produto social, de acordo com o método de Freinet (KAPLÚN, 2014).

Essa experiência pedagógica se espalhou por outras escolas e alguns professores, sabendo da inovação, pediram para que lhes enviassem exemplares para serem distribuídos entre seus alunos. Os alunos bebiam as palavras, devoravam o jornal com avidez, relataram os professores da época. Eram alunos escrevendo para alunos. Coisas em comuns. Suas produções eram valorizadas. Essa prática se espalhou por várias escolas públicas da França, todas elas pobres e relegadas. De acordo com Freinet:

Os alunos assim revigorados e renovados têm um rendimento muito superior, tanto quantitativamente como qualitativamente, ao exigido pelo velho sistema repressivo [...]. O jornal mudou totalmente o sentido e o alcance da pedagogia de minha aula porque dá ao aluno consciência de seu próprio valor e o transforma em ator, o vincula ao seu meio social e amplia

os horizontes de sua vida (FREINET, 1975, p. 45).

O exemplo de Freinet, pela forma de enfrentar o conflito, nos mostra como transformar a dificuldade em desafio e construir um novo cenário pedagógico que potencialize as aprendizagens das crianças. Uma nova escola capaz de responder aos desafios da educação deverá possibilitar e potencializar o protagonismo juvenil e a coaprendizagem. Aprender a aprender no seu próprio caminho para o conhecimento. O educando aprende fazendo. Ao desenvolver uma atividade ele se desperta para um novo assunto. A observação, raciocínio crítico, a elaboração criativa, a troca com os colegas, os desafios, o trabalho em equipe, ensinam a esse educando novos conhecimentos. O educando aprende fazendo. O educador tem uma nova roupagem. Ele é um mediador, um facilitador, um orientador. O professor é um estimulador (KAPLÚN, 2014).

Outra prática pedagógica que pode ser pensada como educ comunicativa é a do mestre ucraniano Anton Makarenko, um educador que tinha como missão dirigir um colégio interno (na zona rural) cheio de crianças e jovens infratores, muitos órfãos, que mal sabiam ler e escrever, numa época em que o modelo de escola e de sociedade estava em xeque. Professor na Ucrânia, país do leste europeu que era parte da União Soviética na época, foi um dos homens que ajudou a repensar o papel da escola e da família na recém-criada sociedade comunista, no início do século XX. Sua pedagogia tornou-se conhecida por transformar centenas de crianças e adolescentes marginalizados em cidadãos (LUEDEMANN, 2002).

A metodologia utilizada por ele era uma novidade porque organizava a escola como coletividade e levava em conta os sentimentos dos alunos na busca pela felicidade, um conceito que só teria sentido se fosse para todos. O que importava eram os interesses da comunidade e a criança tinha privilégios impensáveis na época, como opinar e discutir suas

necessidades no universo escolar. "Foi a primeira vez que a infância foi encarada com respeito e direitos" (LUEDEMANN, 2002).

Makarenko queria formar crianças capazes de dirigir a própria vida no presente e a vida do país no futuro. Exercícios físicos, trabalhos manuais, recreação, excursões, aulas de música e idas ao teatro faziam parte da rotina. A escola tinha que permitir o contato com a sociedade e com a natureza, ou seja, ser um lugar para o jovem viver a realidade concreta e participar das decisões sociais. O estudo do meio já era comum na escola de Makarenko, ainda que sem esse nome. Na Colônia Gorki, meninos e meninas eram divididos em grupos de dez, de diferentes faixas etárias. Um representante de cada turma participava de assembleias e reuniões em que se discutiam as situações da escola: um objeto roubado, a melhoria do prédio, a compra de materiais, a limpeza dos banheiros, os problemas particulares. Sexo e namoro também tinham espaço nas reuniões. Normas e decisões não podiam ser predeterminadas. O primeiro e o último voto eram sempre dos alunos (LUEDEMANN, 2002).

Mais que educar, com rigidez e disciplina, ele quis formar personalidades, criar pessoas conscientes de seu papel político, cultas, sadias e que se tornassem trabalhadores preocupados com o bem-estar do grupo, ou seja, solidários. Na sociedade socialista de então, o trabalho era considerado essencial para a formação do homem, não apenas um valor econômico. Makarenko aprendeu tudo na prática, à base de acertos e erros, primeiro na escola da Colônia Gorki e, em seguida, na Comuna Dzerjinski. Cada etapa de suas experiências foi registrada em relatórios, textos e livros. As dificuldades e os desafios têm muitos paralelos com os dos professores de hoje. A saída encontrada há quase um século correspondia às necessidades da época, mas serve de reflexão para buscar soluções atuais e entender a educação no mundo (LUEDEMANN, 2002).

Além das práticas pontuadas acima é certo que muitos outros educadores se ocuparam daquilo que se entende como prática pedagógica educacional, como Paulo Freire (1967) na Educação de Jovens e Adultos com o uso de cartilhas e imagens de situações significativas para os sujeitos. Atualmente, algumas práticas brasileiras na perspectiva da Educomunicação estão presentes em escolas brasileiras. O Centro de Referências em Educação Integral<sup>1</sup> cita alguns exemplos de práticas educacionais:

- Projeto Rádio pela Educação: em Santarém, cidade ao oeste do estado do Pará, o Projeto Rádio pela Educação traz os estudantes de escolas da rede pública da região para dentro do estúdio da Rádio Rural onde eles apresentam um programa que trata da realidade amazônica e trazem a voz de crianças e adolescentes, professores e lideranças comunitárias das zonas urbana e rural para o debate. O projeto contempla ainda um guia pedagógico educacional aos professores, uma rede de repórteres educacionais formada pelos alunos, rádios internas nas escolas, um núcleo de radioatores e outro de leitores.

- Uma rádio-bicicleta itinerante: na zona leste da cidade de São Paulo, os grupos de teatro que integram o espaço Centro Cultural Arte e Construção realizam a divulgação das atrações culturais que ocorrem no espaço por meio de uma caixa de som instalada na bicicleta do Instituto. A bicicleta-rádio circula pelas feiras, Centros Educacionais Unificados (CEUs), escolas e espaços culturais e, atualmente, é um instrumento oficial de divulgação coletiva e de envolvimento do grupo com a comunidade local.

- Radioescolas de Horizonte: no município de Horizonte, Ceará, o projeto Radioescolas começou a utilizar o rádio em dez unidades escolares, para assim abrir a discussão sobre os

---

<sup>1</sup> Disponível em: <http://educacaointegral.org.br/metodologias/como-iniciar-praticas-educadoras-ambiente-escolar/>. Acesso em 25 de agosto de 2015.



direitos da infância e da adolescência, fomentando a promoção da democracia, da liberdade de pensamento, da responsabilidade social, da autonomia e do protagonismo juvenil. Cada escola ganhou espaço para criar e veicular sua peça radiofônica no intervalo entre as aulas. Essa dinâmica se manteve até 2011, quando o projeto conseguiu uma parceria junto à rádio local. Com isso, além do diálogo estabelecido no interior das escolas, esses jovens tornaram-se propulsores de uma comunicação ativa com os ouvintes, em horários fixos.

A partir desses exemplos, compartilha-se com Soares (2014) que, por meio do trabalho desenvolvido pela educomunicação, os professores conseguem resgatar o interesse dos alunos, que antes se mostravam desmotivados diante do processo de aprendizagem, pois saem da rotina estruturada da sala de aula, desenvolvendo um processo dinâmico e prazeroso. Desenvolvem pesquisas sobre diversos assuntos, fazem entrevistas, fotografam, filmam, enfim, registram tudo aquilo que consideram interessante para depois editarem os filmes, montarem jornais, panfletos educativos, fazendo da aprendizagem um recurso para difundir o conhecimento adquirido. Os temas abordados podem variar de acordo com a disciplina, como: meio ambiente, escassez e desperdício de água, causas indígenas, matemática e física aplicadas no dia a dia, geografia, história, línguas, informática, entre outras. Com isso, as escolas podem desenvolver projetos, envolvendo todas as disciplinas, com a participação de todas as turmas, a fim de retratar algum assunto importante para a comunidade.

De acordo com o jornalista Rossetti (2004, p. 45):

[...] nos projetos educacionais os alunos ampliam ainda mais o vocabulário e seu repertório cultural; aumentam suas habilidades de comunicação; desenvolvem competências para trabalho em grupo, para negociação de

conflitos e para planejamentos de projetos. Além de auxiliar no desempenho escolar e outros ganhos. Além disso, a partir dessa participação, surgem grêmios estudantis, cooperativas de trabalhos, grupos juvenis de intervenção comunitária e periódicos.

Segundo Soares (2002), precursor da educomunicação no Brasil, o trabalho docente voltado para as práticas de utilização de recursos da mídia torna os alunos críticos diante dos fatos sociais e dos meios de comunicação, transformando o espaço escolar em lócus para a produção de rádio, música, revista, jornal, teatro, através de um processo democrático. Mas é necessário que os conceitos sejam produzidos de forma coerente com a verdade científica e com os anseios da cidadania, associando-os.

Essas ações educacionais não servem como salvação da educação, mas para elaborar algumas saídas para um ensino que emancipa. A partir de então, é fundamental entender como se dá a comunicação no ambiente escolar e como essas práticas pedagógicas educacionais estimulam o diálogo da comunidade escolar e potencializam o protagonismo juvenil.

## **2.2 O PROTAGONISMO JUVENIL**

O termo protagonismo juvenil surgiu no cenário político e econômico no final da década de 1980, como a concepção de empoderamento e participação democrática da juventude, e está relacionado à noção de sujeitos de direitos, presente no Estatuto da juventude, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação e no Estatuto da Criança e do Adolescente. A palavra é originada do grego *protagnistés*, que se refere ao ator principal no teatro grego ou que ocupa o papel central num acontecimento (FERRETTI, 2004). Essa expressão remete à participação no processo de transformação política e social,

atuação na comunidade, ao exercício da autonomia, à responsabilidade e ao exercício pleno da cidadania (STAMATO, 2009).

No entanto, quando se fala em protagonismo juvenil neste trabalho, refere-se a jovens e adolescentes. Na legislação Brasileira (Lei nº 8.069/90), adolescentes são as pessoas entre doze e dezoito anos de idade. Já jovens são aqueles entre 15 a 25 anos de idade.

O adjetivo, como bem sabemos, delimita e imprime caráter à coisa adjetivada. Quando se fala de protagonismo juvenil, é preciso delimitar. Trata-se de adolescentes ou, no máximo, de adolescentes e de jovens adultos. Não está, portanto, se referindo nem às crianças, nem aos adultos plenos. O segundo ponto de delimitação consiste em responder à indagação acerca do caráter que o adjetivo juvenil imprime ao substantivo protagonismo.

De acordo com Costa e Vieira (2006) para responder a essa pergunta há de se pensar no significado da adolescência como fase de transição, ou seja, fase de travessia. E são muitas as travessias da adolescência.

Travessia entre a heteronomia da infância e a autonomia da idade adulta, entre o mundo da educação e o mundo do trabalho, entre a condição de filho e a possibilidade de fazer filhos. Para empreender essas travessias, o adolescente passará por uma trajetória biográfica (estudo, trabalho, participação em grupos, entidades e movimentos de diversas naturezas) e por uma trajetória relacional (conjunto das relações interpessoais por ele estabelecidas ao longo de sua trajetória biográfica com o mundo adulto e com pares, outros adolescentes) (COSTA e VIEIRA, 2006, p. 21).

A educação nacional tem como objetivos maiores a formação integral do educando, a sua preparação para a cidadania e a sua qualificação para o trabalho (COSTA, 2000). Visa, portanto, formar a pessoa, o cidadão e o trabalhador. O protagonismo juvenil relaciona-se, basicamente, com a preparação para a cidadania. Não podemos, entretanto, aprisioná-lo nesse campo. Sua prática tem-se revelado extremamente frutífera, como estratégia propiciadora do desenvolvimento pessoal do adolescente, assim como do desenvolvimento de qualidades que o capacitam para ingressar, permanecer e ascender no mundo do trabalho.

No campo do desenvolvimento pessoal (aprender a ser), a prática do protagonismo contribui para o desenvolvimento do senso de identidade, da autoestima, do autoconceito, da autoconfiança, da visão de, do nível de aspiração vital, do projeto e do sentido da vida, da autodeterminação, da auto-realização e da busca de plenitude humana por parte dos jovens.

No campo da capacitação para o trabalho (aprender a fazer), o protagonismo propicia ao jovem, através de praticas e vivências estruturantes, o desenvolvimento de habilidades como autogestão, heterogestão e co-gestão, ou seja, ele aprende a lidar melhor com suas potencialidades e limitações (gerir a si mesmo), a coordenar o trabalho de outras pessoas (atuar sobre a atuação de outros) e agir conjuntamente com outros adolescentes e adultos na consecução de objetivos comuns (trabalho em equipe). Nesse sentido, o protagonismo juvenil diz respeito à atuação criativa, construtiva e solidária do jovem, junto a pessoas do mundo adulto (educadores), na solução de problemas reais na escola, na comunidade e na vida social mais ampla (COSTA e VIEIRA, 2006, p. 21 e 22).

Antes de seguir com o diálogo sobre protagonismo juvenil, é preciso conhecer um pouco sobre adolescência. Segundo Oliveira (2012, p. 11), a palavra vem do latim *Adolescere*, que significa crescer, desenvolver-se, tornar-se jovem. É o período de vida entre a puberdade e a virilidade. Por “puberdade” entende-se a idade na qual o indivíduo se torna apto para a procriação. “Virilidade” é a idade de sentir-se homem ou mulher adulto, idade do vigor, da energia. É o período que vai do fim da adolescência até a velhice. É considerada a fase mais longa da vida. A adolescência pode ser definida a partir de alguns critérios: cronológico, físico sociológico e psicológico.

1. Cronológico: É o período da vida humana que se estende dos 10 aos 21 anos, aproximadamente.

2. Físico: A adolescência é um período marcado por uma série de mudanças. Surgem as espinhas no rosto, muda a voz, crescem os pelos púbicos e nas axilas. Desenvolvem-se os seios e tem início a menstruação nas meninas, enquanto nos meninos, os testículos se desenvolvem, entre outros.

3. Sociológico: Sob esse critério, a adolescência seria o período da vida de uma pessoa no qual a sociedade deixa de encará-la como criança, mas não confere status, papéis e funções de adultos.

4. Psicológico: É o período da vida no qual se organiza a personalidade. É uma fase de autoconhecimento, de autoafirmação. É uma etapa na qual se deixa lentamente o aeroporto da infância para galgar as alturas da vida adulta. Para o adolescente a vida significa futuro, sonhos e ilusões. É o período colorido, cheio de atrativos, perspectivas brilhantes e aventuras. É a idade na qual se realiza a independência progressiva, física e psíquica com ajuda dos pais e outros educadores (OLIVEIRA, 2012).

Por se tratar de pessoas em condição peculiar de desenvolvimento, o protagonismo, mais do que justificar, pressupõe e exige a presença do educador como mediador

(irradiador de referências) da relação do adolescente consigo mesmo, com outros adolescentes e com a situação sobre a qual ele está atuando.

O protagonismo é uma forma de ajudar o adolescente a construir sua autonomia e interação, através da geração de espaços e situações propiciadoras da sua participação criativa, construtiva e solidária na solução de problemas reais, na escola, na comunidade e na vida social mais ampla (STAMATO, 2009).

Não se trata, portanto, dos adultos deixarem de exercer seu papel e jogar sobre os jovens o peso total da responsabilidade do que ocorreu ou deixou de ocorrer. Trata-se do estabelecimento de uma corresponsabilidade entre jovens e adultos pelo curso dos acontecimentos, que resulta de sua atuação conjunta.

O objetivo é que jovens possam ir construindo sua autonomia através da prática, da situação real, do corpo-a-corpo com a realidade, a partir da participação ativa, crítica e democrática em seu entorno social. As relações escola-comunidade, os programas não-formais de educação para a cidadania, o movimento estudantil do tipo novo (não instrumentalizado por organizações político-partidárias e ideológicas do mundo adulto), as ações nos campos do meio ambiente, da saúde, da promoção da qualidade de vida, da cultura, do esporte e do empreendedorismo produtivo são exemplos típicos de áreas onde esse tipo de participação juvenil pode ser exercido de modo pleno (COSTA e VIEIRA, 2006, p. 23).

Segundo Costa (2000), o protagonismo juvenil é uma forma de atuação com os jovens, a partir do que eles sentem e percebem da sua realidade. Não se trata de uma atuação para os jovens, muito menos de uma atuação sobre os jovens. Portanto,

trata-se de uma postura pedagógica que contraria qualquer tipo de paternalismo, assistencialismo ou manipulação.

A adoção da perspectiva ético-política e da metodologia do protagonismo juvenil traz como exigência a necessidade de mudanças na cultura das pessoas, das organizações (com ênfase na escola) e no contexto sócio comunitário em que a ação se desenvolve (COSTA e VIEIRA, 2006).

De acordo com Costa (2000) é necessário a mediação de um educador. Os adolescentes carecem de diretividade. Não se trata, porém, de uma diretividade que venha a tolher sua iniciativa e sua criatividade; ao contrário, defende-se a diretividade democrática, ou seja, uma forma de direcionamento que, em vez de inibir, estimule o exercício de níveis crescentes de autoconfiança, de autodeterminação, de autonomia.

A diretividade democrática e progressivamente decrescente do educador é o meio. A autonomia e autotelia do adolescente são o fim da modalidade de protagonismo juvenil que defendemos. A autonomia é a normatização da conduta do adolescente a partir de si próprio. Da mesma forma, a autotelia é o estabelecimento por ele mesmo dos fins da sua atuação em relação a si próprio e à realidade que o cerca. Como se vê, estamos diante de uma via de condução pedagógica da participação cidadã por parte dos jovens que nega os vícios de direita e de esquerda. Aqui, a questão fundamental é indagar se, efetivamente, existe maneira mais adequada de preparar as novas gerações para viver a democracia, atuar no mundo do trabalho da era pós-industrial e relacionar-se de forma construtiva e solidária consigo mesmo e com os outros na cultura da pós-modernidade (COSTA, 2000, p. 24).

Para quem, providos de matrizes de pensamento que, de repente, atropeladas pelas mudanças, se tornaram velhas e

desgastadas, é fundamental o exercício de estrita disciplina de contenção e despojamento diante do novo. Um olhar atento para que possamos construir, desconstruir o novo e possibilitar jovens e adolescentes críticos e protagonistas da sua própria história.

### **2.2.1 O protagonismo como educação para a participação**

A dimensão participativa da democracia brasileira ainda está muito longe de conhecer um desenvolvimento pleno. Passados mais de 20 anos da promulgação da carta constitucional de 1988, cabe perguntar: Porque o envolvimento dos cidadãos na formulação e controle das políticas públicas ainda é tão precário entre nós?

Se, como adultos ainda estamos em estágio tão primário, que dizer do que se passa com os jovens? O exercício do direito à participação democrática é um tipo de experiência de que nós, brasileiros, carecemos, seja na vida pública, seja nas demais esferas do cotidiano. Sabe-se que esse tipo de reflexão tem que começar bem cedo, e a escola, certamente, é um dos lugares para isso.

A Convenção Internacional dos Direitos da Criança (1989) contém dispositivos que nos permitem compreender e trabalhar melhor essa questão. É bom lembrar que, para a ONU, criança é a pessoa de zero a dezoito anos, ou seja, o termo abarca toda a população infanto-juvenil do planeta. Em relação a esse contingente, a convenção estabelece dois preceitos fundamentais para quem pretende educar para a cidadania: o direito de crianças e adolescentes terem sua opinião levada em conta nas questões que lhes digam respeito; e o conceito de autonomia progressiva (COSTA e VIEIRA, 2006, p. 138).

De acordo com Costa e Vieira (2006) a prática e vivência desses dois pontos são a base de toda a educação para



a autonomia e a responsabilidade que, juntamente com os valores de justiça e de solidariedade, formam a base sobre a qual se edifica a cidadania. A passagem do adolescente por experiências desse tipo é fator importante de estruturação do seu mundo interior e isso, com o tempo, passa a se refletir na relação com seus pares e com o mundo adulto.

Viver a cidadania não é somente viver a solidariedade, como parece crer hoje em dia um número crescente de educadores. A vivência da cidadania passa, sem dúvida alguma, pela preocupação e pela ação em favor do bem comum. Isso, porém, não basta. É preciso que esse envolvimento seja democrático, isto é, que envolva níveis crescentes de participação e de autonomia por parte dos adolescentes (COSTA e VIEIRA, 2006, p. 139).

A cidadania não se limita a uma palavra ou uma ideia, nem está fora da vida da pessoa. Ela começa na relação do homem consigo mesmo para, a partir daí, expandir-se até o outro, ampliando-se para o contexto social no qual esse homem está inserido. É uma nova forma de ver, ordenar e construir o mundo, tendo como princípios básicos os direitos humanos, a responsabilidade pessoal e o compromisso social na realização do destino coletivo (SERRÃO e BALEEIRO, 2000).

É um desafio para o educador evitar que o conceito de cidadania se mantenha apenas no nível intelectual. A cidadania não é um discurso, precisa ser vivenciada e é construída no exercício das pequenas coisas do cotidiano, abrangendo não apenas os direitos, mas também os deveres, gerando compromisso, responsabilidade e participação.

É importante estimular o protagonismo juvenil como exercício da cidadania, envolvendo o adolescente na discussão e resolução de problemas concretos do seu cotidiano, assim como nas questões de interesse coletivo, incentivando sua participação em associações (ecológicas, culturais, estudantis,

entre outras) e em movimentos sociais mais amplos (SERRÃO e BALEEIRO, 2000).

Sem esse espaço de descobertas e experimentação social, a transição do adolescente para o mundo adulto se faz sem práticas e vivências que lhe possibilitem ser o protagonista de sua história e, portanto, o desenvolvimento da sua consciência ética e do seu compromisso cidadão será comprometido.

Os adolescentes, além de portadores de entusiasmo e de vitalidade para a ação, são dotados também de pensamentos e de palavra. Segundo Costa (2000) o propósito do protagonismo juvenil, enquanto educação para a participação democrática, é criar condições para que os educandos possam exercer, de forma criativa e crítica, sua autonomia, a qual será chamado a exercer de forma plena no mundo adulto.

A relação mais intensa e mais importante para os adolescentes é com seus pares. Tanto em termos de tempo físico ou intensidade do vínculo essa relação assume em suas vidas uma centralidade que, frequentemente, seus educadores escolares e familiares têm dificuldade de compreender e aceitar (COSTA, 2000).

A perspectiva do protagonismo juvenil sustenta que sem canalizar construtivamente essas relações será muito difícil atuar no sentido da sua melhora qualitativa entre os pares, sejam eles educadores, educandos, familiares e comunidade. Tais sujeitos precisam se comprometer de forma duradoura e profunda com algo comum a todos e, para tanto, considerar a escola e a comunidade.

De acordo com Costa e Vieira (2006, p. 140) a tendência à grupalidade é parte constitutiva do modo de ser dos adolescentes.

É no calor da atmosfera grupal que vão incorporar ou não as propostas e mensagens que lhes chegam do mundo adulto. A ação educativa que se mostrar incapaz de reconhecer

e operar com esse dado, não terá, certamente, chance de êxito significativo junto aos jovens. Quando isso ocorre, os educadores ficam restritos ao terreno do manejo externo dos educandos, o que é feito pela manipulação e, não raro, pelas atitudes repressivas (COSTA e VIEIRA, 2006, p. 140).

Os educadores não podem continuar ignorando a importância do trabalho em grupo nessa fase da vida dos educandos. Ele é o espaço de conquista e afirmação da identidade pessoal e social dos jovens, além de, por seu caráter espontâneo, ser o espaço de procura e experimentação em que o jovem exercita a sua autonomia, ainda que relativa, em relação ao mundo adulto (Freire, 2005).

Um grupo se constrói com ação exigente, rigorosa do educador. Jamais com a cumplicidade autocomplacente, com o descompromisso do educando. Um grupo se constrói no trabalho árduo de reflexão de cada participante e do educador. No exercício disciplinado de instrumentos metodológicos, educa-se o prazer de se estar vivendo, conhecendo, sonhando, brigando, gostando, comendo, bebendo, imaginando, criando; e aprendendo juntos, num grupo (FREIRE, 1998, p. 24).

Para Costa (2000), os grupos que se formam em colaboração usada para o exercício do protagonismo juvenil, devem reconhecer e respeitar os colegas e não pretender sobrepor-se ou querer ser melhor que outros jovens. Por isso, as estratégias, preventivas e educacionais, são importantes na formação dos adolescentes.

O desenvolvimento da sociabilidade dos nossos adolescentes é indispensável para a construção

de uma democracia participativa que não se restrinja aos textos da constituição e das leis. O caminho para isso passa pela valorização pedagógica da tendência natural dos jovens à grupalidade espontânea. Da observação do que se passa nesse universo, os educadores podem tirar lições extremamente úteis para a construção das grupalidades organizadas, características da grande maioria das experiências de protagonismo juvenil na escola ou fora dela.

A democracia, elaboração coletiva e permanente, deve começar na família, mas é, sobretudo na escola, que o seu exercício se torna uma exigência inarredável dos novos tempos. As relações entre educadores e educandos e destes com seu entorno sócio-comunitário são fundamentais para a incorporação das virtudes democráticas ao modo de ser dos nossos adolescentes em sua busca de identidade e de projeto de vida. (COSTA e VIEIRA, 2006, p. 141 e 142).

Compartilho com Costa (2000) que mais do que prevenir em relação às situações de risco, o protagonismo juvenil procura preparar os jovens para a tomada de decisões baseadas em valores não apenas lidos e escutados, mas vividos e incorporados em seu ser. Jovens assim, certamente, estarão em condições melhores para enfrentar os dilemas da ação coletiva que caracterizam a sociedade, onde a pluralidade, o conflito de pontos de vista e de interesses entre pessoas, grupos e instituições são parte integrante do tecido social. Uma sociedade com tais características pode ser chamada de democrática e participativa. A escola é um dos espaços que podem estimular o aprendizado da cidadania, através do seu envolvimento na resolução de problemas reais, os conhecimentos, valores, habilidades e atitudes requeridas ao exercício pleno dessa cidadania.

Bernardo Toro (1997) nos ensina que a educação, por si só, não faz grandes mudanças, mas nenhuma grande e verdadeira mudança na vida de um povo se faz sem educação.

O protagonismo juvenil é, por isso mesmo, uma importante estratégia de educação para a cidadania. Se não formos capazes de formar no Brasil uma nova geração de jovens que atuem como atores protagonistas nas causas da cidadania, as imensas conquistas inseridas na constituição de 1988 poderão tornar-se apenas um conjunto de boas intenções.

### **2.2.2 Protagonismo juvenil: um conceito em construção**

Protagonismo juvenil é a participação do adolescente em atividades que extrapolam o âmbito de seus interesses individuais e familiares e que podem ter como espaço a escola, a vida comunitária (igrejas, clubes, associações) e até mesmo a sociedade em sentido mais amplo, através de campanhas, movimentos e outras formas de mobilização que transcendem os limites de seu entorno sócio-comunitário (STAMATO, 2009).

Participar, para o adolescente, é influir, através de palavras e atos, nos acontecimentos que afetam a sua vida e a vida de todos aqueles em relação aos quais ele assumiu uma atitude de não indiferença, uma atitude de valorização positiva.

A participação autêntica dos jovens pressupõe sempre um compromisso com a democracia. Conquistar, fortalecer e ampliar a experiência democrática na vida das pessoas, das comunidades e dos povos é e será sempre o objetivo maior de todo protagonismo juvenil autêntico. Trata-se, para o adolescente, de uma oportunidade de vivência cidadã concreta, como etapa imprescindível do processo de desenvolvimento pessoal e social pleno (COSTA, 2000).

A quantidade e a qualidade das oportunidades de participação na resolução de situações reais postas ao alcance dos adolescentes influenciam de maneira decisiva nos níveis de autonomia e de autodeterminação que eles serão capazes de alcançar na vida familiar, profissional e cívica, quando atingida a idade adulta.

As ações das pessoas, grupos e organizações, visando intervir no curso da vida social, são decididas, planejadas, executadas e avaliadas. A participação ou não dos adolescentes em cada uma dessas etapas é que vai nos permitir avaliar a natureza e o grau de seu envolvimento e comprometimento na compreensão e operação do seu entorno social.

O protagonismo juvenil poderá – dependendo do contexto em que ocorra – deparar-se com atitudes de receptividade, incentivo, apoio e envolvimento por parte dos adultos ou, o que não é raro, atitudes de indiferença, suspeita, censura e hostilidade. Tais reações, por sua vez, despertam nos adolescentes contrarreações que vão da motivação e da adesão entusiástica à desmotivação, à divergência, e à rebeldia (COSTA, 2000).

É inegável, porém, que a participação dos jovens (construtiva ou não) estará sempre relacionada, de alguma forma, à postura e atuação assumidas pelos adultos ante as questões que afetam o conjunto da sociedade.

A escola é uma das primeiras atividades de ingresso dos seres humanos na esfera pública, um ponto de partida para a participação democrática e a cidadania. Envolver-se com questões de interesse coletivo, empenhar-se construtivamente no esforço de identificar, compreender e intervir na superação de situações problema não é, como pensam alguns, apenas uma ação preventiva das práticas divergentes ou antagônicas à moralidade e à legalidade vigentes. É muito mais do que isso. Na verdade, estamos diante de um processo de construção de cidadãos mais autônomos, críticos e autodeterminados e de

uma sociedade mais democrática, solidária e aberta (COSTA e VIEIRA, 2006).

A seguir, é apresentado um quadro que, segundo Costa e Vieira (2006, p. 178-181), permite analisar a relação educandos e educadores:

Quadro 1 - A relação entre educadores e educandos.

ETAPAS	DEPENDÊNCIA	COLABORAÇÃO	AUTONOMIA
1. A iniciativa da ação	Iniciativa unilateral dos educadores.	Os educadores e os educandos discutem se devem ou não assumir uma iniciativa.	A iniciativa da ação parte dos próprios educandos.
2. O planejamento	Os educadores planejam sem a participação dos educandos.	Os educadores e os educandos planejam juntos a ação.	Os educandos planejam o que vai ser feito.
3. A execução da ação	Os educadores executam e os educandos recebem a ação.	Os educadores e os educandos executam juntos a ação planejada.	Os educandos executam o que foi planejado.
4. A avaliação da ação	Os educadores avaliam os educandos.	Os educadores e os educandos discutem o que e como avaliar a ação realizada.	Os próprios educandos avaliam a ação realizada.
5. A apropriação dos resultados da ação	Os resultados da ação são inteiramente apropriados pelos educadores.	Os educadores e os educandos compartilham os resultados da ação desenvolvida.	Os educandos se apropriam dos resultados.

Fonte: COSTA e VIEIRA, 2006, p. 178.

A partir da análise do quadro é possível perceber três concepções de ensino. Em uma delas o educador é o centro, ele executa, planeja, avalia, sem a participação dos educandos, pautado numa educação bancária de transmissão e aceitação. Na segunda, o ensino é baseado na cooperação, ambos produzem conhecimentos juntos, tudo é feito no coletivo. Os

educandos e os educadores planejam, executam, avaliam e compartilham os resultados da ação desenvolvida. A terceira e última concepção de ensino está pautada na autonomia, em que o interesse pelo tema surge dos educandos; eles planejam, executam, avaliam a ação realizada e busca-se a resolução de problemas.

### **2.2.3 O adolescente como ator protagonista: de problema a solução**

O adolescente deve ser visto pelo educador não como uma ameaça à autoridade dos adultos ou à ordem imperante na instituição escolar, mas como possibilidade de construção de conhecimento para uma sociedade mais justa e igualitária.

De acordo com Costa e Vieira (2006, p. 218) para que isso ocorra, é preciso que:

[...] o educador mude sua maneira de ver, de entender e de agir em relação aos educandos. A adesão à perspectiva pedagógica do protagonismo juvenil vai muito além da assimilação pelo educador de algumas noções e conceitos a respeito do tema.

Antes de qualquer coisa, essa adesão deve traduzir-se em um compromisso de natureza ética do educador com essa pessoa em condição peculiar de desenvolvimento, que é o adolescente. O protagonismo deve ser vivido como participação do adolescente no ato criador da ação educativa, em todas as etapas de sua evolução.

Além de um compromisso ético, a opção pelo desenvolvimento de propostas que tenham por base o protagonismo juvenil exige do educador uma clara vontade política no sentido de contribuir – através de seu trabalho - para a construção de uma sociedade que respeite os direitos de cidadania e aumente



progressivamente os níveis de participação democrática de sua população.

A clareza conceitual, o compromisso ético e a vontade política só potencializam verdadeiramente sua ação quando o educador estiver comprometido em níveis que ultrapassem o mero conhecimento do assunto, ou seja, quando estiver emocionalmente envolvido com a causa da dignidade plena do adolescente.

No seu trabalho com adolescentes, o educador deve observar se sua postura inibe ou incentiva a participação dos educandos. Eis um pequeno elenco dessas posturas, apresentadas numa escala evolutiva por Costa e Vieira (2006, p. 219):

- Anunciar aos jovens decisões já tomadas, reservando-lhes apenas o dever de acatar;
- Decidir previamente e, depois, tentar convencer o grupo a assumir a decisão tomada pelo educador, como se fora sua própria decisão;
- Apresentar uma proposta de decisão e convocar o grupo para discuti-la;
- Apresentar o problema, colher as sugestões dos jovens e, depois tomar a decisão;
- Apresentar o problema, colher sugestões e decidir com o auxílio do grupo;
- Estabelecer os limites existentes em uma situação dada e solicitar aos adolescentes que decidam dentro desses limites;
- Deixar a decisão ao encargo do grupo, sendo um facilitador do processo de tomada de decisão.

Segundo Jacques Delors (1998) o professor deve estabelecer uma nova relação com quem está a aprender, passar do papel de “solista” ao de “acompanhante”, tornando-se não alguém que transmite conhecimentos, mas que ajuda seus

alunos a encontrar, organizar e gerir o saber, guiando, mas não modelando os espíritos e demonstrando grande firmeza quanto aos valores fundamentais que devem orientar toda uma vida.

Quando existe um compromisso do educador com a participação efetiva do educando, o terreno está preparado para o exercício de ações protagonistas. Nesses casos, segundo Costa e Vieira (2006, p. 219) a evolução do trabalho com adolescentes observa de modo geral as seguintes etapas:

1. Apresentação da situação-problema – A situação problema deve ser apresentada da maneira mais realista e desafiante possível. É necessário embasá-la em dados e informações objetivos. Quanto maior a participação nessa etapa, maior a facilidade para envolver o grupo e torná-lo mais coeso nas etapas posteriores.

2. Proposta de alternativas ou vias de solução – deve-se extrair do grupo o máximo de alternativas para a situação apresentada.

3. Discussão das alternativas de soluções apresentadas – As propostas devem ser discutidas e criticadas livremente. É necessário que o grupo tenha claro que são as ideias, e não as pessoas que as apresentaram, que estão em análise.

4. Tomada de decisão – Durante a discussão, o grupo vai eliminando as alternativas mais inviáveis e inconsistentes até chegar o momento da decisão final, que pode ser unânime ou majoritária. Só em caso de omissão da maioria do grupo, a solução deve ser minoritária. Esta, contudo, é uma situação indesejável que deve ser evitada ao máximo pelo educador.

Desenvolvendo essas quatro etapas, o grupo estará apto a ajudar a elaborar um projeto para responder a um problema real ou satisfazer uma necessidade sentida em sua comunidade. Com isso, a equipe juvenil adquire mais confiança em si mesma e amplia seu desejo e capacidade de intervir em seu entorno social (COSTA e VIEIRA, 2006, p. 220).

Quando se trabalha em conjunto sobre projetos motivadores e fora do habitual, as diferenças e até os conflitos tendem a reduzir-se, chegando a desaparecer em alguns casos. Uma nova forma de identificação nasce destes projetos que fazem com que se ultrapassem as rotinas individuais, que valorizam aquilo que é comum e não as diferenças. Graças à prática do desporto, por exemplo, quantas tensões entre classes sociais ou nacionalidades se transformaram afinal em solidariedade através da experiência e do prazer do esforço comum? E no mercado de trabalho, quantas realizações teriam chegado a bom termo se os conflitos habituais em organizações hierarquizadas tivessem sido transcendidos por um projeto comum?

A educação formal deve, pois, reservar tempo e ocasiões suficientes em seus programas para iniciar os jovens em projetos de cooperação, desde a infância, no campo das atividades desportivas e culturais, evidentemente, mas também estimulando a sua participação em atividades sociais: renovação de bairros, ajuda aos mais desfavorecidos, ações humanitárias, serviços de solidariedade entre gerações. As outras organizações educativas e associações devem, neste campo, continuar o trabalho iniciado pela escola. Por outro lado, na prática letiva diária, a participação de professores e alunos em projetos comuns pode dar origem à aprendizagem de métodos de resolução de conflitos e constituir uma referência para a vida futura dos alunos, enriquecendo a relação professor/aluno (DELORS, 1998).

Sem dúvida, trabalhar em projetos, aprender a viver juntos, aprender a viver com os outros, representa, hoje em dia, um dos maiores desafios da educação. O mundo atual é, muitas vezes, um mundo de violência que se opõe à esperança posta por alguns no progresso da humanidade. A história humana sempre foi conflituosa, mas há elementos novos que acentuam o perigo e, especialmente, o extraordinário potencial de autodestruição criado pela humanidade no decorrer do século

XX e início do século XXI. A opinião pública, através dos meios de comunicação social, torna-se observadora impotente e até refém dos que criam ou mantêm os conflitos. Até agora a educação não pode fazer grande coisa para modificar esta situação real. Poderemos conceber uma educação capaz de evitar os conflitos, ou de os resolver de maneira pacífica, desenvolvendo o conhecimento dos outros, das duas culturas, da sua espiritualidade?

É louvável a ideia de ensinar a não-violência na escola, mesmo que constitua apenas um instrumento, entre outros, para lutar contra os preconceitos geradores de conflitos. A tarefa é árdua porque, muito naturalmente, os seres humanos têm a tendência de supervalorizaras suas qualidades e as do grupo a que pertencem, e a alimentar preconceitos desfavoráveis em relação aos outros. Por outro lado, o clima geral de concorrência que caracteriza atualmente atividade econômica no interior de cada país e, sobretudo, em nível internacional, tem a tendência de dar prioridade ao espírito de competição e ao sucesso individual. De fato essa competição resulta, atualmente, numa guerra econômica implacável e numa tensão entre os mais favorecidos e os pobres, que divide as nações do mundo e exacerba as rivalidades históricas. É de lamentar que a educação contribua, por vezes, para alimentar este clima, devido a uma má interpretação da ideia de emulação (DELORS, 1998).

Que fazer para melhorar a situação? Segundo Jacques Delors, para reduzir o risco, não basta por em contato e em comunicação membros de grupos diferentes (através de escolas comuns a várias etnias ou religiões, por exemplo). Se, no espaço comum, estes diferentes grupos já entram em competição ou se o seu estatuto é desigual, um contato deste gênero pode, pelo contrario, agravar ainda mais as tensões latentes e degenerar em conflitos. Pelo contrário, se este contato se fizer num contexto igualitário, e se existirem objetivos e projetos comuns, os preconceitos e a hostilidade

latente podem desaparecer e dar lugar a uma cooperação mais serena e até à amizade.

Parece, pois, que a educação deve utilizar duas vias complementares. Num primeiro nível, a descoberta progressiva do outro. Num segundo nível, e ao longo de toda a vida, a participação em projetos comuns, que parece ser um método eficaz para evitar ou resolver conflitos latentes.

Segundo Costa e Vieira (2006, p. 220) esses projetos devem ser elaborados pelos próprios educandos e devem ser previamente explicado pelos próprios educandos – através de reuniões, encontros, assembleias ou visitas – a todos os setores afetados pelas ações do grupo. Ao elaborar um projeto, os alunos devem certificar-se da importância do mesmo: o grupo deverá verificar se este está claramente direcionado para sanar um problema ou suprir uma necessidade da comunidade. Para Costa e Vieira (2006, p. 220) é preciso, primeiramente, estabelecer os objetivos do projeto para saber se está sendo alcançado e, então, determinar os métodos e formas a serem utilizados para abordar o problema.

Quando se trata de projetos de protagonismo juvenil, o acerto e o erro têm valor positivo, pois ambos podem ser usados pelo educador para alimentar e retroalimentar o processo de aprendizagem, crescimento e desenvolvimento dos jovens, como pessoas e como cidadãos.

O papel do educador junto aos jovens envolvidos na realização de ações de protagonismo pode ser desempenhado de varias maneiras, tais como: ajudar o grupo a identificar a situação problema e posicionar-se diante dela; empenhar-se para que o grupo não desanime nem se desvie dos objetivos propostos; favorecer o fortalecimento dos vínculos entre os membros do grupo; animar o grupo, para que não se deixe abater pelas dificuldades; motivar o grupo a avaliar permanentemente a sua atuação e, quando necessário, replanejá-la; zelar permanentemente para que a ação dos educandos seja compreendida e aceita por todos os que com

eles se relacionam no curso do processo; estar atento para a manutenção de um clima de empenho e mobilização por parte de todos os membros do grupo; colaborar sempre que necessário – na avaliação das ações desenvolvidas e na incorporação de suas conclusões às etapas seguintes do trabalho.

De acordo com Jorge Boran (1985), que trabalhou muitos anos com jovens, a presença ativa de educadores na formação é fundamental. O adulto traz duas coisas importantes: experiência e teoria.

Os jovens enfrentam muitas situações pela primeira vez. O educador já passou por experiências semelhantes e muitas vezes têm consciência de elementos que escapam à compreensão de uma geração mais nova. Alguém com trinta anos de experiência têm mais distância e, portanto, mais objetividade diante de certas situações. Mas, é claro, há exceções. Nem todo adulto aprendeu com a experiência de vida.

É normal que os jovens passem por instabilidade emocional nessa etapa da vida. Nesses casos, os adultos servirão como elementos estabilizadores. Os educadores é quem garantem a continuidade no trabalho de formação, fazendo com que seja aproveitada toda experiência acumulada, na medida em que vão se revezando as varias gerações de jovens. Os protagonistas são os jovens, é claro. Mas os educadores funcionam como parceiras que, com suas experiências e conhecimento teórico, facilitam o nascimento do novo (BORAN, 1985, p. 90).

É importante que o educador que se disponha a atuar como mediador de grupos jovens e adolescentes desenvolva os seguintes atributos e habilidades: ter convicção do significado

que a participação na solução de problemas reais da sua comunidade tem para o desenvolvimento pessoal e social de um jovem; conhecer os fundamentos, a dinâmica e a evolução do trabalho com grupos; apreender a situação ou problema que se pretende enfrentar; ter boa compreensão do projeto e ser capaz de explicá-lo quando necessário; participar das ações grupais, mesmo não sendo na condição de mediador; administrar oscilações de comportamentos comuns entre os educandos, como conflitos, passividade, indiferença, agressividade e destrutividade; ser capaz de conter-se para proporcionar aos educandos a oportunidade de pensar e agir livremente; respeitar a identidade, o dinamismo e a dignidade de cada um dos membros do grupo.

Essa maneira de trabalhar com os adolescentes pode contribuir para que muito do que hoje é considerado problema se transforme, amanhã, em solução. Para isso, o fundamental é acreditar sempre no potencial criador e na força transformadora dos educandos.

## **2.3 RÁDIO E EDUCAÇÃO**

O que foi realizado pelo rádio no Brasil no terreno educativo tem constituído, e constitui, um trabalho incansável no âmbito da educação e da construção do conhecimento.

Em nossa variada realidade social, não é possível passar por cima da experiência, de tanto esforço de promoção e acompanhamento do aprendizado realizado muitas vezes em condições precárias, no marco da retirada do Estado de suas funções fundamentais. Há um tesouro de experiências e de saberes que o sistema educacional guarda em cada país. Porque se ninguém está totalmente equivocado, é preciso então reconhecer o valor do que foi desenvolvido por gerações de educadores. Frequentemente, quando vêm as propostas de mudanças através de reformas, existe uma tendência a

considerar que nada do que foi feito antes serve; que uma nova teoria e uma nova maneira de trabalhar os conhecimentos vem inaugurar os tempos a partir do zero.

Com as mãos vazias não se chega, de maneira alguma, a esta sociedade do conhecimento. Não é bom estabelecer o avanço tecnológico passando por cima de nossa cultura, de nossos saberes e do que foi acumulado por gerações de comunicadores e de educadores.

No texto a seguir, resgata-se a história do rádio na educação e sua importância no processo de ensino e aprendizagem.

### **2.3.1 História do rádio na educação**

O rádio surge num período de construção da identidade do país colaborando para que a comunicação fosse expandida e as pessoas tivessem acesso à informação. O rádio criou no Brasil um cenário educativo que atingiu diferentes esferas nacionais por meio de cursos técnicos que chegaram ao campo.

Segundo Borges (2002, p. 2), o rádio nasceu num momento fundamental para o surgimento e desenvolvimento dos meios tecnológicos. A descoberta da telegrafia sem fio tornou possível novas formas de comunicação sonora a distancia, entre elas, o telefone e o rádio. Deve-se o feito ao italiano Guglielmo Marconi, que em 1901 captou as frequências e inaugurou, com esse feito, a era das telecomunicações.

O rádio inaugura uma nova era, passando a contribuir com os ideais de universalização e identidade de vários povos e nações. Vivia-se a época das grandes imigrações; o capitalismo esmagava violentamente alguns países da Europa. A comunicação a distancia tornou-se uma necessidade. O mundo



passa a funcionar em ondas, em frequências, comunicando-se de pontos distantes e com certa instantaneidade.

A primeira transmissão radiofônica no Brasil realizou-se durante a festa de Centenário da independência, em 7 de setembro de 1922, na cidade do Rio de Janeiro. A solenidade foi aberta com o discurso do presidente Epiitácio Pessoa e os acordes da peça “O Guarani”, de Carlos Gomes, executada no Teatro Municipal da então capital federal. Alguns nomes ilustres e marcantes participaram do evento, a exemplo de Roquete Pinto, o pioneiro na radiodifusão brasileira (BORGES, 2002).

Embora a inovação do rádio no Brasil tenha provocado grandes expectativas, as transmissões não tiveram continuidade por falta de projetos específicos e recursos que pudessem ser destinados a este novo meio. É só com a radiodifusão que o rádio se consolida no Brasil. Nessa época, em 1923, foi criada a Rádio Sociedade do Rio, fundada por Roquete Pinto e Henry Morize, que impõem à emissora uma característica marcadamente educativa (BORGES, 2002).

A ideia de ensinar por meio do rádio vem desde o seu surgimento. De acordo com Edgard Roquette-Pinto, um dos pioneiros da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, ao lado de Henrique Charles Moritze e de um grupo de intelectuais da Academia Brasileira de Ciências, dizia:

O rádio é o jornal de quem não sabe ler; é o mestre de quem não pode ir à escola; é o divertimento gratuito do pobre; é o animador de novas esperanças; o consolador do enfermo; o guia dos sãos, desde que o realizem com espírito altruísta e elevado (TAVARES, 1999, p. 8).

No que diz respeito à educação propriamente dita, o contexto também era de efervescência. Foi na década de 1920 que surgiram as reformas estaduais – em São Paulo, tendo à

frente Sampaio Dória; em Minas Gerais, com Francisco Campos; no Distrito Federal, com Fernando Azevedo e, na Bahia, com Anísio Teixeira. Além dos Estados, houve uma discussão em nível nacional, envolvendo um grupo de educadores com ideias renovadoras sobre o ensino e que culminou, em 1924, na fundação da Associação Brasileira de Educação. Com o objetivo de implantar uma política nacional de educação, a entidade elaborou propostas que versavam, entre outros tópicos, sobre a universalização do ensino primário leigo, obrigatório e gratuito, sob responsabilidade do Estado (AZEVEDO, 2001).

É nesse contexto que surgem emissoras como a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro e a Rádio Educadora de São Paulo. No caso da rádio carioca, a emissora tinha um caráter elitista não só pelo conteúdo que veiculava, como palestras com temática científica e músicas clássicas, mas também pelo fato de poucas pessoas possuírem um aparelho de rádio. Uma vez que os equipamentos ainda eram caros, a popularidade do rádio não constituiu um elemento que o acompanhou desde a sua implantação no Brasil. Os aparelhos receptores eram importados, o que dificultava ainda mais o seu barateamento.

Tais dificuldades estabeleceram um estilo de fazer rádio consonante com as expectativas de seus investidores/receptores: era um meio que tocava operas, apresentava palestras culturais dirigidas às elites e sobrevivia de músicas emprestadas de colecionadores. Segundo Ortriwano (1985, p. 43), durante a década de 1920, as classes populares, a dita cultura popular, foram impedidas de participar da programação radiofônica, o que caracterizava o rádio como um veículo individualista, familiar ou particular, muito pouco extensivo. Essa programação “seleta” motivou Roquete Pinto a pensar na radiofusão como o meio pelo qual o rádio pudesse estar afinado com os ideais que lhe deram origem: popularização e educação.

Em 1925, a Rádio Sociedade deu início à parte instrucional, com uma perspectiva mais popular de educação. Veiculava aulas de francês, português, geografia, história do Brasil, higiene, silvicultura, química, história natural e física. Havia também transmissões de concertos e espetáculos teatrais (FEDERICO, 1982).

De fato, logo o rádio se tornaria um meio com feições populares. Foi nessa época que começou a se propagar pelo território brasileiro.

Em 1926, Roquette-Pinto publicou na Revista Elétron o artigo “Radioeducação do Brasil”, no qual traça um plano para transformar em cinco ou seis anos a mentalidade popular do país. Segundo ele, cada Estado fundaria uma radioescola, totalizando vinte “poderosas estações”, fornecidas através de concorrência pública. Já os municípios limítrofes entrariam em acordo para subvencionar um sistema de rádio, a radioescola municipal (SALGADO, 1946).

Três anos depois, em 1929, houve um movimento feito por revistas e jornais em prol da radiodifusão escolar. Nesse ano, a Diretoria de Instrução Pública de São Paulo instalou, com fins experimentais, um aparelho de rádio receptor no Grupo Escolar Prudente de Moraes.

Na década de 1930, porém, o rádio passa por profundas transformações, preparando o terreno para o que é hoje. Em 1931 surge o primeiro documento sobre radiofusão. O rádio brasileiro já estava comprometido com os reclames (os anúncios daquele tempo) para garantir sua sobrevivência.

Em 1º de março de 1932, o decreto nº 21.111 autorizou a inserção publicitária, regulamentando o decreto nº 20.047, de maio de 1931 – primeiro diploma legal sobre radiodifusão, sugerido nove anos após a implantação do rádio no país.

O estado passa a ter maior ingerência sobre o serviço de radiodifusão, percebendo o rádio como um meio importante no território brasileiro. O governo definia a radiodifusão como serviço de interesse nacional e de finalidade educativa.

Os decretos do presidente Getúlio Vargas foram cruciais para a expansão comercial do rádio nacional.

O impacto do rádio sobre a sociedade brasileira a partir de meados da década de 1930 foi muito mais profundo do que aquele que a televisão viria a produzir trinta anos mais tarde. O rádio comercial e a popularização do veículo implicaram a criação de um elo entre o indivíduo e a coletividade, tornando-se capaz não apenas de vender produtos e ditar “modas”, como também de mobilizar massas, levando-as a uma participação ativa na vida nacional. Pelo rádio o indivíduo vê formar-se a identidade da nação e sua dinâmica ou, pelo menos, a imagem do país que está se formando (BORGES, 2002).

Ao assumir o poder, o Governo Provisório (1930-1934) buscou condições de infraestrutura administrativa, com novos modelos de intervenção estatal, como o surgimento de políticas setoriais. Desta forma, criou ministérios, como o da Educação e Saúde Pública, tendo Francisco Campos como seu primeiro ministro. Esse foi o marco da regulamentação nacional do setor educativo. Entre as medidas tomadas, constam os decretos que instituem o regime universitário, reformam os ensinos secundário e comercial e criam o Conselho Nacional de Educação e o Conselho Consultivo do Ensino Comercial, responsáveis pelo estabelecimento das diretrizes nacionais para os ensinos primário, secundário, superior e técnico profissional e também pela sua unificação via poder central (AZEVEDO, 2001).

A educação, que já vinha sendo discutida de forma sistemática desde a criação da Associação Brasileira de Educação, faz cada vez mais parte da agenda pública. Algumas das ações da Associação foram a publicação do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nacional, em 1932, e as lutas posteriores em torno do projeto de lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional. O documento reivindicava laicidade do ensino público, gratuidade, obrigatoriedade, entre outros itens, e defendia uma reação contra a estrutura educacional vigente,

considerada verbalista e artificial. Mais do que isso, tratava a educação como um problema social. “Ao proclamar a educação como um problema social, o Manifesto não só estava traçando diretrizes novas para o estudo da educação no Brasil, mas também estava representando uma tomada de consciência, por parte dos educadores, até então praticamente inexistente” (ROMANELLI, 1988, p. 150).

Muitas das reivindicações foram incluídas na Constituição de 1934. Interessante realçar que o manifesto (1932) já pregava o uso de meios de comunicação na educação.

[...] A escola deve utilizar, em seu proveito, com a maior amplitude possível, todos os recursos formidáveis, como a imprensa, o disco, o cinema e o rádio [...]. Um dos argumentos para a inserção desses meios na escola era a extensão territorial do País. Diante dessa missão de criar uma identidade do país e também para evitar que ela se tornasse um empreendimento lucrativo, Roquette-Pinto preferiu doá-la, em 1936, ao Ministério da Educação e Saúde Pública, que tinha como ministro Gustavo Capanema (governo Getúlio Vargas, 1934-1945). A Rádio MEC (atual Rádio MEC AM, do Rio de Janeiro), como passou a ser chamada, foi doada com uma condição registrada em termo assinado com o governo: As instalações serão gratuitamente transferidas ao Ministério da Educação e Saúde, que, em compensação, se obriga a não utilizar a emissora para outros fins senão o desenvolvimento da cultura popular e jamais permitir a publicidade comercial ou a propaganda política. (FEDERICO, 1982, p. 46).

Destaca-se ainda a criação, em 1933, da Rádio Escola Municipal do Distrito Federal, sugerida por Roquette-Pinto e levada à frente pelo educador Anísio Teixeira. A emissora, hoje chamada de Rádio Roquette-Pinto, começou funcionando em

uma pequena sala nos fundos do Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Antes da transmissão das aulas, eram enviados folhetos aos inscritos, pelo correio, com os esquemas das lições. Os alunos, por sua vez, enviavam à emissora os trabalhos e faziam contato por carta, telefone e visitas. Após um ano de sua criação, a emissora já havia recebido 10.800 trabalhos. Assim, estabelecia “[...] o contato direto entre emissora e ouvinte e o desenvolvimento de uma didática especial para o ensino radiofônico” (MOREIRA, 1991, p. 18).

Com essas iniciativas, o rádio brasileiro foi encontrando a si próprio, definindo sua linha de atuação e assumindo um papel cada vez mais importante na vida política e econômica do País. Este meio de comunicação, logo nas décadas seguintes, conseguiu considerável audiência e sucesso, de tal sorte que consolidou a sua fase de ouro.

Em 1940 é consolidada a fase de ouro do rádio brasileiro. É o momento em que ele começa a se definir, mais claramente, para o jornalismo. O repórter Esso foi criado exatamente às 12h45 do dia 28 de agosto de 1940, na rádio nacional do Rio de Janeiro. Durante os 27 anos em que esteve no ar, anunciou em primeira mão as principais notícias do Brasil e do mundo. A voz grave e modulada de Heron Domingues, locutor exclusivo desse programa durante dezoito anos, tornou-se popular em todo o país. O repórter Esso foi extinto no dia 31 de dezembro de 1968. Nesse período temos ainda o surgimento das radionovelas: a primeira delas foi *Em busca da felicidade*, de 1942, seguida de *O direito de nascer*. O estilo humorístico também marcou presença com *Balança, mas não cai*. Em 1942, a rádio Tupi de São Paulo lançou o grande jornal falado Tupi, e, em 1946, o Matutino Tupi, ambos sob o comando do jornalista Corifeu de Azevedo Marques. Em 1947, a rádio Panamericana (JOVEM PAN) transformou-se na Emissora de esporte (BORGES, 2002).

Tal época de ouro enfrentou uma grave crise com a emergência da televisão, que herdou do rádio seus

profissionais, seus quadros e suas linguagens. O universo audiovisual fez com que o rádio repensasse sua forma e estrutura, de tal modo que o público não desertasse para a tela da TV.

O transistor tornou-se uma importante saída para que o potencial do rádio fosse explorado em suas várias possibilidades, com a vantagem de serem mais baratos, ágeis e noticiosos, inaugurando uma nova fase para o meio. Com o transistor tornou-se possível ouvir rádio a qualquer hora e em qualquer lugar, sem, precisar mais ligá-lo a tomadas. Sua dinâmica de transmissão cresceu enormemente (BORGES, 2002).

Para Salgado (1946, p. 93), o Estado de São Paulo foi o que mais se preocupou com o rádio educativo. O decreto nº 5.884, de abril de 1933, instituiu o Código de Educação de São Paulo, no capítulo XI, Do Serviço de Rádio e Cinema Educativo, cujo objetivo era “[...] colocar ao alcance da escola as conquistas da técnica moderna, no campo da cinematografia e do rádio”. Os estabelecimentos de ensino deveriam instalar aparelhos de rádio. Além disso, foi criada uma rádio escola para irradiar programas de informação e orientação organizados pelo Departamento de Educação; a hora certa; o hino nacional; comunicados oficiais; conferências e palestras e boletim meteorológico. Foi nas décadas de 1940 e 1950 que surgiram programas específicos de educação. Um exemplo é o Universidade no Ar, lançado em 1941 pela Rádio Nacional do Rio de Janeiro, encampada um ano antes por Getúlio Vargas. O objetivo do programa era oferecer orientação metodológica aos professores do ensino secundário, com cursos de letras, ciências, didática e pedagógica, entre outros. No seu primeiro ano, o projeto registrou 4.829 radioalunos. Os cursos eram gratuitos e qualquer professor podia se inscrever. Às vezes, recebiam resumos mimeografados das aulas. O aproveitamento do curso era verificado por trabalhos feitos pelos alunos que, se satisfatórios, recebiam certificados.

Segundo Salgado (1946, p. 87), o projeto levava “às mais afastadas regiões cursos semelhantes aos ministrados nas faculdades de Filosofia, nos grandes centros urbanos do Brasil”. Em 1944, através da Portaria nº 18, o Ministério da Educação instituiu concurso para selecionar uma nova cartilha destinada à alfabetização de adultos, operários e trabalhadores do campo. A Portaria estabelecia que “as cartilhas deveriam ser preparadas de sorte que pudessem ser também utilizadas para ensino por meio de rádio” (COSTA, 1956, p. 61).

Na década de 1940, entre as reformas feitas pelo ministro Gustavo Capanema, chamadas de Leis Orgânicas do Ensino, percebe-se a preocupação do governo em engajar as indústrias na qualificação da mão-de-obra, afinal, o Estado precisava satisfazer a necessidade de consumo interno com produtos nacionais, sem importar trabalhadores especializados. Criou-se, então, em 1942, o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) e, em 1946, o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC), dando início a um sistema de ensino paralelo ao oficial, a partir de convênio com a Confederação Nacional das Indústrias e a Confederação Nacional do Comércio (ROMANELLI, 1988).

Em 1947 o sistema SENAC e SESC lançou, em São Paulo, um programa com o mesmo nome – o Universidade no Ar – com o objetivo de atingir a classe operária do Interior.

Segundo Costa (1956), os professores liam suas lições ao microfone e os alunos, reunidos em núcleos de recepção, ouviam a aula e depois debatiam sobre o assunto, sob orientação de um professor-assistente. Depois das aulas, os estudantes recebiam textos, pelo correio, e faziam provas. O autor conta que, no primeiro curso, matricularam-se 1.531 alunos, dos quais 839 fizeram as provas e 635 conseguiram habilitar-se.

Em 1949, o professor João Ribas da Costa elaborou um plano para a criação de escolas radiofônicas, que visavam a alfabetização de adultos. A ideia era fazer uma grande cadeia



de emissoras de onda média, sem fins lucrativos, em algumas áreas do Nordeste, preferencialmente nas regiões com alta densidade demográfica, onde as estações eram raras. O professor argumentava que o custo do sistema rádio-educativo, em cinco anos, seria inferior ao do sistema tradicional em um só ano. A economia, segundo ele, se basearia na substituição de milhares de professores por poucos especialistas. “De acordo com o plano, os postos de recepção seriam confiados a monitores – pessoas de ambos os sexos, com um mínimo de conhecimentos, que auxiliariam a tarefa do professor-locutor, a título de colaboração gratuita” (COSTA, 1956, p. 45).

Além da questão econômica, João Ribas da Costa destacava como vantagem de sua proposta o que chamou de “universalidade da influência”. “Enquanto o sistema escolar comum só atinge os adultos que se matricularem e forem assíduos, a atividade do Sistema Rádio-Educativo se estende a todos quantos forem capazes de ouvir, inclusive, portanto, os não matriculados e os cegos” (COSTA, 1956, p. 47).

A proposta foi rejeitada sob a alegação de que o ensino da leitura “é tecnicamente impossível de se realizar através do rádio, por ser indispensável o contato direto entre o professor e o aluno”. Porém, segundo Costa, menos de um ano depois, o técnico de Educação do Estado do Rio de Janeiro, professor Geraldo Jañuzzi, sem conhecer o plano, idealizou e dirigiu um curso de alfabetização pelo rádio, na emissora ZYM-7, da cidade fluminense de Marquês de Valença. Na década de 1950, aumenta a oferta de emprego, com a criação de infraestrutura de comunicações, transporte e energia, porém, falta mão-de-obra qualificada. “A educação, portanto, passa a ser encarada como o único caminho disponível, para as classes médias, de conquistar postos e, para as empresas, de preencher seus quadros” (ROMANELLI, 1988, p. 206).

Surtem iniciativas focadas no público adulto, sem que o sistema educacional respondesse de forma satisfatória à demanda existente. Em 1957, tiveram início os cursos básicos

do Sistema de Rádio Educativo Nacional (SIREN), patrocinados pelo MEC e dirigidos por Ribas Costa. Um ano depois da criação do SIREN, 11 emissoras irradiavam cursos básicos que visavam erradicar o analfabetismo, número que saltou para 47 emissoras em 1961. “Apesar do relativo sucesso do Sistema, ele foi extinto em 1963 e incorporado à Rádio Educadora de Brasília” (MOREIRA, 1991, p. 20).

Do fim do Estado Novo, em 1945, até o golpe militar de 1964, a educação volta de forma mais intensa ao debate nacional. Nesse período de democratização, há um movimento por uma educação popular e outro em defesa da educação pública. O primeiro predomina na educação não formal e na educação de jovens e adultos. O segundo concentra-se na educação escolar formal, tendo como um de seus momentos mais importantes os debates acerca da LDB (GADOTTI, 1993).

Alguns exemplos de campanhas que visavam práticas alternativas à educação convencional são o Método Paulo Freire, o Movimento de Educação de Base (MEB); o Movimento de Cultura Popular; e a Campanha “De pé no chão também se aprende a ler”, realizada em Natal (RN). O MEB surgiu em 1961 e era ligado a grupos da Igreja Católica. Regulamentado por decreto presidencial, teve como idealizador Dom Eugênio Salles. Uma das atividades do movimento foi a criação de escolas radiofônicas. A iniciativa, supervisionada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), marcava a participação da Igreja Católica nas experiências com o rádio educativo. Embora, como ressalta Moreira (1991, p. 20),

As atividades da Igreja nesse campo já existiam, na verdade, desde a metade da década de 1950, quando frei Gil Bonfim, da Ordem Franciscana, apresentou às autoridades eclesiais um projeto de programação diária de aulas de alfabetização.

O Norte, Nordeste e Centro-Oeste brasileiros foram o palco de atuação do Movimento de Educação de Base que, além da alfabetização, tinha como meta a conscientização, a mudança de atitudes e a instrumentação das comunidades receptoras. A conscientização representa, para o MEB, o reconhecimento, pelo educando, de seus valores, da significação vivencial de seu trabalho de homem no mundo. O MEB entende que ela é intrínseca à própria educação, pois significa ajudar alguém a tomar consciência do que ele é (consciência de si), do que é os outros (comunicação dos dois sujeitos) e do que é o mundo (coisa intencionada), sem dúvida os três polos de toda educação integral (IPEA, 1976, p. 27).

A prática de conscientização motivou o surgimento da ideia de animador popular. Definida como um “processo de estruturação de comunidades, progressivamente assumido por seus próprios membros, a partir de seus elementos de liderança”, a proposta de animação popular tornou-se o centro da ação educativa do MEB e as Escolas Radiofônicas passaram a representar apenas um instrumento dentro desse contexto (MOREIRA, 1991, p. 21).

A autora menciona alguns pontos do Movimento: “ler, escrever e interpretar textos com situações e vocabulários próprios das áreas rurais”; “distinguir as relações entre as estruturas sociais, econômicas, políticas e religiosas”; “saber utilizar a legislação e as potencialidades econômicas da comunidade” e “desenvolver o conhecimento sobre as técnicas de trabalho em grupo”. A programação era dividida entre aulas para escolas radiofônicas (oferecem ao monitor subsídios para a alfabetização e pós-alfabetização), cursos radiofônicos (aos monitores e comunidades atingidas, visando transmitir informações e possibilitar a formação de grupos comunitários em função de temas como sindicalismo, saúde etc.) e programas especiais (caráter recreativo e sociocultural para atingir público mais amplo que o da escola). A transmissão era feita pelas emissoras pertencentes à Diocese e a recepção

acontecia nas escolas radiofônicas e nos grupos de audiência organizados para os cursos radiofônicos (IPEA, 1976).

Porém, o momento pelo qual o País passava – de ditadura militar – já não combinava mais com as propostas do MEB e tampouco com a perspectiva de descentralização prevista na LDB. “Em 1964, o golpe dos militares provocou novamente o fortalecimento do Executivo e a centralização das decisões no âmbito das políticas educacionais.” (LIBÂNEO et al, 2003, p. 137).

O Movimento de Educação de Base enfrentou situações difíceis e a palavra conscientização passou a ser interpretada como uma ameaça à ordem. A participação da sociedade civil na discussão sobre educação ficou cada vez mais restrita e as escolas e municípios cada vez mais dependentes da União. Ela, por sua vez, traça uma política educacional que busca atender exigências quantitativas da demanda social, sem que isso aconteça de forma satisfatória. Como a meta é baseada na quantidade, a educação a distância via rádio parecia adequada. Nos anos 1970, o governo federal implantou o Projeto Minerva, um programa de 30 minutos diários, veiculado de segunda à sexta, e de uma hora e 15 minutos, aos sábados e domingos. Tinha cunho informativo-cultural e educativo, visando o ensino a distância, com transmissão obrigatória por todas emissoras. A programação era gerada via Embratel pela Rádio MEC, do Rio de Janeiro, para todo o País. Exceção apenas das áreas não cobertas pela rede de telecomunicações. Nesses locais, as emissoras recebiam os programas gravados em fitas. No ar de outubro de 1970 até outubro de 1989, o projeto tinha produção regionalizada, concentrada no eixo Sul-Sudeste, com uma distribuição centralizada. Ele visava à complementação do trabalho dos sistemas educativos tradicionais e educação continuada, podendo abranger qualquer nível de escolaridade. A recepção acontecia de forma isolada, com cada ouvinte em sua residência, ou organizada, para alunos reunidos em grupos de 30 e 50, que acompanhavam as

aulas sob a orientação de um monitor escolhido na própria classe, sendo que cada radioposto tinha um aparelho receptor e o acompanhamento era feito em apostilas, com a classe podendo funcionar em escolas, quartéis, clubes etc. (IPEA, 1976).

Para Ferraretto (2001, p. 162), o projeto Minerva foi uma resposta do governo militar aos movimentos de educação popular anteriores ao golpe. Além disso, o uso do veículo de comunicação tinha como norte uma visão tecnicista, típica da ditadura.

Nesse contexto de um processo pedagógico voltado apenas a instrumentalizar o indivíduo para o trabalho, sem refletir criticamente sobre a realidade, o governo determina horários obrigatórios para a transmissão de programas educativos (MICHELOTO, 2006, p. 38).

Entre os conteúdos trabalhados, verificados previamente pelos censores a serviço do regime militar, constavam as disciplinas Educação Moral e Cívica e Organização Social e Polícia do Brasil, que visavam o “treinamento do cidadão responsável”. “A concepção do Telecurso quanto aos direitos do cidadão resumia-se à sua dimensão puramente individual, formal, desvinculada da realidade social e política” (MICHELOTO, 2006, p. 38).

Na década de 1970, o Centro Nacional de Recursos Humanos do Instituto do Planejamento (IPLAN) fez um diagnóstico do rádio no Brasil, dentro do Sistema Avançado de Tecnologias Educativas (Projeto SATE), substituído mais tarde por um conjunto de programas de tele-educação, coordenado pelo Ministério da Educação e da Cultura. Ele apresenta a seguinte análise (IPEA, 1976):

a) Produção – predominam programas expositivos e de diálogo construído, o que torna monótona a aula radiofônica; pouca redundância; linguagem difícil e inadequada ao público;

ritmo de locução acima da possibilidade de acompanhamento; o apelo à atividade dos alunos durante as transmissões é insuficiente e o interesse não é mantido; aulas curtas;

b) Recepção – pouca ênfase na recepção organizada ou controlada; grande rotatividade entre o pessoal de recepção; supervisão não sistemática;

c) Transmissão – unificação do horário inadequada, pois não permite atender à clientela com diferentes horários de trabalho e de estudos; a revisão semanal aos sábados é inadequada, porque não se faz repetição total dos programas; horário de domingo voltado a fins culturais, o mesmo previsto para toda a radiodifusão;

d) Planejamento e pesquisa – faltam estudos exploratórios para servir de base ao planejamento; a programação é feita sem estudos sobre o público-alvo; não há aproveitamento da realimentação, visando introdução de correções.

Em fevereiro de 1999, foi assinado um convênio entre o então ministro da Educação, Paulo Renato Souza (governo Fernando Henrique Cardoso, 1995-2002), e a Associação Brasileira das Emissoras de Rádio e Televisão (ABERT), que substituiu o Projeto Minerva. De acordo com o convênio, as emissoras associadas à Abert deveriam veicular aos sábados e domingos três pequenos programas, entre as 6 horas e as 22 horas. A grande maioria dos programas tratava de ações do MEC, como o Exame Nacional do Ensino Médio ou o extinto Provão, terminando com a leitura de um poema ou trecho de um conto ou romance. Havia, ainda, uma participação do ministro, que lia e respondia cartas de ouvintes.

Em 2003, o Ministro da Educação, Cristovam Buarque (governo Luiz Inácio Lula da Silva, 2003-2011), assinou um convênio similar, em vigor até 31 de dezembro de 2006, com o presidente da ABERT, Paulo Machado de Carvalho Neto, para veiculação de programas educativos no rádio e na televisão. O convênio garante ao MEC a divulgação gratuita de mensagens

institucionais e de utilidade pública durante cinco minutos diários, na forma de inserções de 30 segundos a um minuto, em todas as emissoras de televisão e rádios AM e FM filiadas à entidade. Além disso, as emissoras devem transmitir três programas aos sábados e domingos. Eles serão produzidos e distribuídos pelo MEC. A proposta é veicular também assuntos sobre alfabetização, ensino básico, tecnológico e superior, educação especial e a distância. No que diz respeito à educação a distância, um dos programas mantidos pelo governo federal, através da Secretaria de Educação a Distância, é o Rádio Escola, que “[...] desenvolve ações que utilizam a linguagem radiofônica para o aprimoramento pedagógico de comunidades escolares, o desenvolvimento de protagonismos cidadãos e o treinamento de grupos profissionais” (MEC, 2006).

O Rádio Escola, ciente dessa nova realidade, tem por princípio essa "educação para, sobre e na mídia", oferecendo para os que partilham da realidade de nossa cultura o pleno exercício da cidadania. O Rádio Escola é composto de três tipos de produtos de educação a distância: a série do professor, do aluno e do radialista. O material inclui programas de rádio, gravados em fitas cassetes ou CDs, e um guia impresso com instruções de uso e sugestões de atividades pedagógicas. Em um primeiro momento, os kits eram enviados pelo correio. Atualmente, estão disponibilizados no site do MEC (MEC, 2006).

Conforme mencionado anteriormente, o Plano Nacional de Educação (2001) formaliza a proposta de educação a distância utilizando diversos meios de comunicação, entre eles, o rádio. As Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental (1998) permitem a apropriação de novas linguagens e tecnologias de comunicação e a LDB 9.394/96 deu autonomia para a elaboração do projeto pedagógico. Ou seja, desde o surgimento do rádio, o governo brasileiro vem incentivando o seu uso na educação. Atualmente, a incorporação das mídias no ambiente escolar tornou-se um

objeto de estudo que, cada vez mais, atrai pesquisadores. Um dos resultados são parcerias desenvolvidas entre universidades e escolas (PICHETTE, 1996).

Em São Paulo, uma das experiências é o projeto “Educom.rádio: educomunicação pelas ondas do rádio”, um curso de extensão que começou a ser desenvolvido em 2001, pelo Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo, com professores de ensino fundamental da rede municipal de São Paulo. Esse programa foi utilizado como base para a criação da Lei Educom- Educomunicação pelas ondas do rádio, sancionada no ano de 2005, que prevê que as escolas da rede possam adotar a prática radiofônica em seu projeto pedagógico. O programa oferece os equipamentos necessários para a implementação de rádios escolares, estimulando que o processo de planejamento e gestão do instrumento faça parte do currículo da unidade. As rádios escolares são destinadas a todos os alunos, professores e comunidade, que podem utilizá-la para apresentar programas de informação, entretenimento, músicas e prestação de serviço, sendo também um espaço onde o professor pode divulgar as atividades desenvolvidas na sala de aula (SOARES, 2011).

Ciente do seu papel histórico e de sua importância na educação, destacado nessa primeira parte, vejamos agora a práxis educacional radiofônica nas linhas que se seguem.

### **2.3.2 As possibilidades da prática pedagógica educacional da rádio na escola**

Ao chegar à escola, a criança já se comunica. Esse ato de se comunicar é praticado por ela desde os primeiros anos de vida no núcleo familiar e com seus pares, o que significa que ela apresenta e compreende certos códigos. Segundo Assumpção (2008) comunicar-se provém de comum,



comunitário, ou seja, da mesma raiz latina *cum-*, que integra palavras como *communis*; em nossa língua, esta transforma-se em “comunidade”. Para que haja comunidade, é necessário que cada indivíduo saiba se comunicar, compartilhar seus interesses, gostos, sentimentos e conhecimentos. Uma das bases que fixa os laços comunitários é a língua e, em especial, a língua oral. Daí advém que seu ensino esteja tão intimamente relacionado com a formação da personalidade. Ensinar a falar não é somente ensinar conteúdos linguísticos, é ensinar a pensar, a sentir e a agir (ASSUMPCÃO, 2008).

A escola pode desenvolver habilidades de comunicação oral (fluência verbal) por proporcionar aos educandos nas salas de aula situações de questionamento, perguntas, argumentações, discursos envolvendo realidades do núcleo familiar, escolar e da comunidade, explorando, assim, a comunicação verbal e não verbal da criança, preparando-a para o desenvolvimento e aprimoramento das competências e habilidades linguísticas.

No espaço escolar, a rádio poderá ser um dos recursos desencadeadores da oralidade e da produção da escrita, desde que a escola a contemple em seu projeto com a participação efetiva de alunos como emissores e receptores da rádio, juntamente com professores e demais educadores. Assim, os alunos poderão compreender as rotinas de produção radiofônica através da construção de programas, conhecendo e respeitando a linguagem e a técnica de produção do texto radiofônico que deve ser escrito para ser falado, dito, contado e ouvido.

Por valer-se da audição e da fala, a linguagem da rádio deve ser de fácil entendimento para o ouvinte. Por isso, o texto deve ser redigido previamente, num estilo de comunicação oral, valendo-se da voz do locutor, do silêncio e da sonoplastia. Tais elementos dão vida à programação e levam os “radiouvintes” (nesse caso os alunos) ao mundo da imaginação.

A nossa imaginação é nossa capacidade de organizar representações mentais (sobretudo percepções, imagens e esquemas de imagens) em unidades significativas e coerentes [...] inclui nossa capacidade de gerar uma ordem inovando [...] é importante reviver e enriquecer nossa noção de imaginação, a fim de superar alguns efeitos indesejáveis de um conjunto de dicotomias profundamente arraigadas que dominaram a filosofia ocidental (por exemplo, mente/corpo, razão/imaginação, ciência/arte, cognição/emoção, fato/valor e assim sucessivamente) e que influíram em nossa compreensão comum. Consequentemente, deveríamos chegar à conclusão que a imaginação é absolutamente central para a racionalidade humana, isto é, para nossa capacidade racional de achar conexões significativas, de fazer deduções e de resolver problemas (JOHNSON apud REYZABEL, 1999, p. 26).

A escola, ao trabalhar com a rádio como recurso interdisciplinar de ensino, além de favorecer a organização dos alunos em grupo, reforça a criatividade, a espontaneidade, a autoconfiança, o espírito crítico e a argumentação dos participantes. Oportuniza narrativas sobre relatos orais (informativos, envolvendo pesquisas, entrevistas, debates), peças radiofônicas; contos e histórias infantis (dramatizados); declamação de poemas e poesias (extraídos dos conteúdos programáticos).

A construção de debates e entrevistas sobre temas diversos para serem transmitidos pela rádio escola exigirá, do educando-emissor, competências e habilidades para a escolha, reflexão, pesquisa do tema, conhecimento do perfil dos debatedores/entrevistados, espírito de equipe, construção da estrutura da entrevista (perguntas com sequência lógica) que podem ser realizadas durante os debates. Nesse contexto, Silva (1986, p. 17-18) alerta:

Todo o discurso do falante se vai desvendar mediante a ideia que ele tem de si próprio, a imagem que tem do seu(s) interlocutor (es) adesão ou recusa. A ideia que ele tem da situação do assunto que vai tratar. As relações que se estabelecem no seio do grupo determinam a eficácia da comunicação. O diálogo é a primeira atividade deste conjunto com dois interlocutores. Não se trata do dialogo pelo dialogo, mas sim de uma atividade com um sentido, com um resultado. Dialogar para informar, para confrontar ideias. Dialogar, também para terem conta a possibilidade, de distorcer, desinformar a informação. A entrevista como atividade de comunicação verbal surge num contexto pedagógico e, portanto, pressupõe que se trata de um entrevistador sem experiência. [...] estar pronto a enfrentar da parte dos entrevistados algumas resistências, pouca disposição a colaborar e ainda fortes inibições em face deste tipo de atividade. [...] o debate se desenvolve em nível de oralidade, a capacidade de apresentar argumentos, cotejar informações, acrescentar provas, etc.

Assim, a rádio poderá levar o educando a participar democraticamente do processo de ensino aprendizagem e do exercício da cidadania. “A construção da cidadania passa necessariamente pelas expressões comunicativas [...]” (GOMES, 2001). Isso pode ocorrer quando o educando é levado a trocar papéis na produção e recepção radiofônica. Ou seja: ora emissor, ora receptor, testando, assim, sua produção escrita (textos) e sua comunicação oral, (leitura) permeada pela locução de textos junto ao microfone da rádio.

Valendo-se da comunicação radiofônica, o educando emissor deve expressar-se com clareza, simplicidade, exatidão para seduzir a audiência e atrair a atenção de seus colegas, ouvintes da rádio, porque “a palavra dita, mais ainda a palavra

contada é celebrada: a transmissão do saber, iniciação e gozo” (ASSUMPCÃO, 2008).

A escola poderá utilizar também a rádio para o aperfeiçoamento da comunicação oral e da produção da escrita. Esse aperfeiçoamento poderá ser realizado com a construção de comerciais, notícias, entrevistas, debates, mesas redondas, roteiros e programas radiofônicos. A produção de textos escritos para rádio deve priorizar frases curtas, ordem direta, voz ativa, utilização de vocábulos não herméticos, não complexos e de fácil entendimento. Devem-se evitar as gírias nas produções textuais. O educando deve aprender que o texto para rádio exige a objetividade, concisão, coerência, elementos de coesão, consistência argumentativa, adequação ao interlocutor e à situação (altura, tonalidade, timbre, postura e formalidade), com linguagens nítidas, simples, ricas, repetitivas, fortes, concisas, corretas, invocativas e agradáveis (BALTAR, 2012).

Não há nenhum segredo ou mistério em trabalhar com rádio como meio interdisciplinar de ensino na escola, pois as mesmas normas linguísticas gramaticais, temas diversos do dia a dia, reportagens que devem ser utilizadas na programação radiofônica fazem ou devem fazer parte das áreas de conhecimento e da proposta curricular da escola.

A escola, como uma das instituições detentoras do saber sistematizado, objetiva o desenvolvimento de competências e habilidades da comunicação oral e escrita. Para a comunicação escrita, a escola pode buscar a concretização dessa competência e habilidade, através da rádio escolar porque o domínio da norma culta para a oralidade é importante para o exercício da cidadania. Este domínio abre para o educando as possibilidades de expor adequadamente seu pensamento e de compreender aquilo que ouve ou lê – o que lhe dará acesso ao discurso das classes dirigentes, ampliando sua capacidade de agir e reagir dentro da sociedade (BALTAR, 2012).

A rádio, na escola, poderá desenvolver e aprimorar no aluno competências e habilidades tais quais as da audiência (o saber ouvir) e da eloquência (o saber falar, o saber argumentar), porque na rádio a voz e a palavra constroem textos escritos/oralizados que veiculam signos míticos aptos a ritualizar a escuta radiofônica (NUNES, 1993). Estes signos estão presentes na oratória e na retórica dos alunos-emissores e produtores da informação transmitida pela rádio na escola, porque a rádio é essencialmente audição e fala. Ao trabalhar com ela, no espaço escolar, o educando comunica-se com os colegas, com os professores, com os funcionários e com a comunidade externa. Nesse sentido, a comunicação acontece porque há interação entre emissor e receptor. Para se comunicar e interagir, o educando que está ouvindo a rádio na escola precisa prestar atenção no que o colega está transmitindo; o que ele está falando, o que está dizendo, o que ele está contando através da escrita de um texto (REYZABAL, 1999).

A rádio na escola contribui para o desenvolvimento da auto-expressão do aluno, que, expressando-se oralmente, revela sua personalidade, permitindo assim que ele exteriorize seus sentimentos, pensamentos e aspirações. Os exercícios radiofônicos ajudam na imaginação, percepção, observação, espontaneidade e relacionamento; capacidades que, somadas, possibilitam o pensamento crítico e o protagonismo juvenil.

Destacamos dois formatos jornalísticos de comunicação que, segundo Baltar (2012), podem ajudar a promover o protagonismo juvenil:

- 1 - Entrevista radiofônica escolar – que desenvolve habilidades no entrevistador de planejar e redimensionar perguntas já feitas em seu roteiro prévio, permite o desenvolvimento da velocidade de raciocínio, aprimora a capacidade de lidar com o imprevisto, estimula a flexibilidade de pensamento, a pontualidade nas intervenções, instiga a

pesquisa, autonomia, argumentação, criticidade, entre outros ganhos.

2 - Notícia radiofônica escolar – possibilita ao educando selecionar, comentar, compreender e interpretar os fatos do cotidiano, sob diferentes ângulos. Desenvolve a competência discursiva, promovendo o protagonismo juvenil de forma consciente e crítica. Aprimoram-se aspectos da redação radiofônica, tais como: texto coloquial, objetividade, concisão, pontuação adequada. Melhoram aspectos da oralidade, tais como: pronúncia, entonação, clareza, ritmo, entre outros.

De acordo com Soares (1999), a rádio propicia o desenvolvimento da espontaneidade, ampliando a capacidade de compreensão e criação textual (considerando aqui a expressão de frases e o contar histórias), além de facilitar a aprendizagem de outros conteúdos educacionais. A rádio pode dar uma contribuição honesta e verdadeira ao educando se lhe for permitida a liberdade para experimentar e ousar. O educando compreenderá e aceitará sua responsabilidade com a comunicação radiofônica e, se envolvendo, desenvolverá relacionamentos, criará e aprenderá a improvisar, ficando mais atento, desinibido, melhorando a postura e a sua comunicação. Ainda conforme Soares (2011, p. 39):

Uma rádio na escola favorece o exercício de relacionamentos igualitários e colaborativos entre todos os membros da comunidade educativa, envolvendo professores e alunos. Isso ocorre, naturalmente, quando os educadores valorizam o trabalho em grupo e não as iniciativas isoladas deste ou daquele pequeno gênio. O grande benefício, no caso, passa a ser de natureza política: os alunos acabam aprendendo que existem outras formas de produzir comunicação, além do modelo clássico, pelo qual o direito de expressão é garantido apenas a indivíduos e grupos privilegiados política ou economicamente.

### 3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

As entrevistas com os monitores foram realizadas em novembro de 2014, em São José, no Centro Educacional Marista São José, lugar onde estudam os entrevistados e onde acontece o projeto da Rádio Coração Marista. A primeira etapa para a realização constitui-se no envio do convite à instituição solicitando a colaboração e explicando qual a finalidade do nosso contato. Também se pediu que aqueles que estivessem disponíveis para colaborar com a pesquisa entrassem em contato com seus pais levando uma autorização e trazendo-a assinada. Com isso foi agendando o dia, local e horário adequados. Todos se dispuseram a participar, e nos dias 24 e 25 de outubro de 2014, às 8 da manhã, aconteceu à primeira entrevista. Dos 20 monitores do projeto, 10 foram entrevistados, sendo quatro mulheres e seis homens.

Todas as entrevistas foram realizadas na cabine da rádio, espaço familiar aos educandos, onde eles se sentiam à vontade, local reservado, sem barulho, de modo que fosse possível realizar a gravação do áudio e manter o ambiente da entrevista o mais agradável e aconchegante possível.

Sou Educador Social no Centro Educacional Marista São José, por isso os educandos já estavam familiarizados comigo. Acredito que este foi um dos pontos positivos para esta aproximação. De acordo com Bourdieu:

Enquanto um jovem físico interroga um outro jovem físico com o qual ele compartilha a quase totalidade das características capazes de funcionar como fatores explicativos mais importantes de suas práticas e de suas representações, e ao qual ele está unido por uma relação de profunda familiaridade, suas perguntas encontram sua origem em suas disposições objetivamente dadas às do pesquisado; as mais brutalmente objetivantes

dentre elas não têm nenhuma razão de parecerem ameaçadoras ou agressivas porque seu interlocutor sabe perfeitamente que eles compartilham o essencial do que elas o levarão a dizer e, ao mesmo tempo, os riscos aos quais ele se expõe ao declarar-se (BOURDIEU, 2008, p. 697-698).

Esta aproximação entre os conhecimentos de quem entrevista e de quem é entrevistado, das vivências anteriores às entrevistas; a compreensão de ambos ao entender as dificuldades da rádio, os usos dos equipamentos falhos ou da falta de compreensão da escola; o barulho na hora do recreio; as dúvidas sobre o projeto e como lidar com determinadas situações; características dos educandos; tudo mais que fomos reconhecendo entre eu e os monitores que fez com que ambos se sentissem à vontade durante a entrevista.

Sendo assim as perguntas das entrevistas foram: Gostaria que você falasse o seu nome todo, a sua idade e contasse um pouquinho da sua história, até chegar aqui na rádio Coração Marista, sua trajetória. Fale um pouco da sua experiência com a Rádio Coração Marista e a importância dela pra você, a rotina e evento do dia a dia. Comente um pouco sobre o movimento de monitoria, no qual vocês tocam a rádio sozinhos. Como fazem as pautas. Como é esse processo? E como vocês lidam com os conflitos? Como é o convívio com o grupo, na hora de apresentar e gerir a rádio sozinhos? Como é a relação do grupo, a convivência de vocês, na questão das escolhas, pautas, o que falar. Questão da música, convivência no dia a dia dentro da cabine da rádio já que era uma galera. Você vê alguma diferença de antes de participar da rádio e hoje, agora? O que você está fazendo pra melhorar a sociedade, o que você já fez e o que você pretende fazer? Imagine que estão tirando a rádio da escola. O que você faria se isso fosse verdade? Qual a importância da rádio para a comunidade escolar? Com todos os setores, cozinha, direção, etc.? Qual a



relação da rádio com a sala de aula? O que a rádio significa pra você? Ao participar dessas oficinas de rádio, entre outras, isso contribuiu com o seu desempenho fora da escola nas atividades da igreja, na comunidade, atividades extraclasse, contribuiu no que? Você acredita que a rádio contribui para a formação do cidadão?

O roteiro das entrevistas foi dividido em três partes, sendo que a primeira abordou sobre a biografia dos monitores, suas vivências, pois, ao saber de onde eles vêm, compreenderemos mais sobre as ações do sujeito da pesquisa. A segunda parte da entrevista procurou saber sobre a rotina dos monitores, suas relações interpessoais na Rádio Coração Marista, interações, o quanto esse projeto colaborou para a formação dos monitores e saber sobre os ambientes de construção de um ecossistema comunicativo. Na terceira parte, as questões estão relacionadas à participação, empoderamento, formação de cidadão críticos, compromisso social e protagonismo juvenil.

Todos os participantes foram informados da metodologia a partir da qual seriam feitas as entrevistas. Antes mesmo de iniciar a gravação, novamente foi explicado sobre a pesquisa, seu objetivo, a instituição à qual esta se vincula e como havíamos chegado até eles. Todos os monitores ficaram livres para não responder, caso não se sentissem à vontade, assim como foram informados que poderiam retomar alguma questão. Comunicamos que o áudio seria utilizado apenas como uma memória das entrevistas para o momento das análises e, desta feita, iniciamos o trabalho.

Cada entrevista durou em média entre quinze e quarenta minutos, algumas até mais que isso. A transcrição das conversas foi realizada na íntegra.

Neste estudo de caso foram realizadas entrevistas com a amostragem intencional de 10 (dez) dos vinte (20) monitores durante as oficinas de Rádio. O número total de participantes nas oficinas, incluindo monitores, era de 50 estudantes.

Quadro2 - Características dos entrevistados.

Nome	Idade	Ano escolar	Tempo de entrevista
EA	17	3° ano EM	45 min
EB	15	1° ano EM	15 min
EC	13	7° ano	15 min
ED	13	7° ano	15 min
EE	17	3° ano EM	30 min
EF	15	1° ano EM	10 min
EG	16	1° ano EM	45 min
EH	13	7° ano	15 min
EI	12	6° ano	15 min
EJ	15	2° ano EM	10 min

Fonte: Desenvolvido pelo autor.

Diante do tempo da pesquisa e da complexidade do estudo de tantos dados, optou-se pela seleção de 10 monitores, de modo a ampliar as análises. Os critérios de seleção estabelecidos foram:

- a) Monitores com alta frequência;
- b) Monitores que estavam em consonância com os objetivos da pesquisa.

A escolha dos dez entrevistados não foi tarefa fácil. Como dito acima, encontrou-se em todos os outros participantes pontos para diálogo, argumentação e reflexão. No entanto, seria inviável analisar todas as entrevistas, devido à quantidade de educandos e o tempo da pesquisa.

Como em toda pesquisa científica, os entrevistados têm sua identidade preservada. Para apresentá-los, adotamos nomes fictícios. Apresentamos a seguir uma análise das principais respostas dadas em entrevista. Demos ênfase àquelas que dão uma abertura e um aprofundamento para maiores reflexões.

### **3.1 ANÁLISES DAS ENTREVISTAS**

Para ajudar na análise das entrevistas foi utilizado o software ATLAS.ti. O programa permitiu o primeiro nível de análise por meio da leitura das entrevistas, pontos em comum e identificação de unidades de significados. Assim, foi possível criar códigos (Apêndice C) e gerar categorias de análise. Com base nos códigos gerados nas entrevistas com os 10 monitores da Rádio Marista foram criadas duas categorias: (1) A prática pedagógica educ comunicativa a partir de uma rádio escolar possibilita o protagonismo e o diálogo na comunidade escolar; (2) A prática pedagógica educ comunicativa desperta a cidadania, a participação democrática e a resolução de problemas.

#### **3.1.1 A prática pedagógica educ comunicativa a partir de uma rádio escolar possibilita o protagonismo e o diálogo na comunidade escolar.**

Os códigos que geraram essa categoria de análise foram escolhidos pela sua frequência no texto e relevância para a pesquisa. São eles: interação – 27, rotina – 26, habilidade de comunicação – 22, desenvolvimento – 21, autoconfiança – 21, diálogo na comunidade escolar – 15, iniciativa – 14, responsabilidade – 13, melhora o desempenho na sala de aula 12 e trabalho em grupo – 9.

Iniciaram-se as análises com algumas respostas referentes ao entendimento dos monitores sobre trabalho em grupo, porque se entende que essa questão traz à tona a interação, o que nos permite pensar o diálogo, o trabalho em equipe e o respeito às diferenças como fatores primordiais no estímulo ao protagonismo juvenil. Vejamos as repostas:

EG- Na rádio o processo é assim; se eu não consigo, o meu amigo que está do meu lado vai

e me ajuda a fazer. Ah, mas eu estou com dificuldade nessa palavra, daí o grupo inteiro se une em prol daquela ideia. Galera, temos uma pauta pra apresentar, mas eu estou com dificuldade nisso aqui, aí o grupo se une. A gente vai te ajudar. A gente vai fazer com que todo mundo possa ter essa experiência de um dia falar no microfone, de um dia poder mexer direito, porque ninguém nasce sabendo. Todo mundo num grande grupo. Um interagindo com o outro. Nos primeiros meses é até um pouco engessado, cada um fica tímido, mas quando chega no final do ano que se vê o processo. Agora com as amizades bem consolidadas. Se um está vendo que está mal ele já vai e pergunta o que aconteceu, já vai dando aquele ombro amigo. Se percebe que o outro está com dificuldade na leitura já vai e ajuda, então, muito além de só apresentar um programa de rádio ou até um próprio programa de TV, a rádio ajuda muito na formação pessoal, por saber que o grupo está ali em volta e que é possível contar com o grupo e também que o grupo pode contar contigo.

EJ- Sim, eu acho que na rádio as pessoas aprendem, pois, elas podem interagir, tem muitas pessoas que na escola não interagem com o outro, com os colegas, e na rádio ela aprende a se “enturmar”, elas se desenvolvem com o tempo conhece, pessoas que não tinham ninguém pra conversar e hoje tem vários amigos tudo isso pela rádio, eu acho que a rádio é uma forma de ajudar agente e fazer com que aprendamos algo.

Percebe-se que ambas as respostas demonstram a importância do convívio em grupo, do apoio ao colega e do diálogo. De acordo com os educandos a rádio contribui para a interação dentro da oficina e o respeito às diferenças. Na construção da pauta e do roteiro, os colegas que apresentam

dificuldades na escrita ou na oratória são ajudados por outros componentes do projeto que se mobilizam para ajudar naquela habilidade que não foi desenvolvida. Demonstra-se iniciativa, protagonismo, melhora na comunicação e solidariedade com os amigos que estão no processo de ensino e aprendizagem. Aprende-se a respeitar o tempo de cada um. A produção dos programas radiofônicos leva os educandos a sentirem-se mais motivados e autoconfiantes nos desafios que surgem no ano letivo. Além de ampliarem o número de amigos.

Viver em comunidade pressupõe partilhar objetivos, crenças, aspirações, conhecimentos, mentalidades, ou seja, partilha de cultura.

Uma educação preocupada com a formação dos educandos busca dar conta de todas as dimensões do desenvolvimento do sujeito e estabelecer-se como processo ao longo da vida. Nesse sentido, a educomunicação busca o repensar das práticas de ensino e aprendizagem e o reconhecimento da comunidade escolar, o que oportuniza outras possibilidades educativas, para além daquelas fragmentadas pelos tradicionais currículos escolares.

Dessa forma, a educomunicação estimula o diálogo na comunidade escolar, o protagonismo juvenil em arranjos mais abertos, criativos, críticos e participativos. Assim, se busca dar ênfase em uma educação dialógica de produção de conhecimento, fugindo da educação bancária de mera transmissão de conteúdo (FREIRE, 1969).

Promover relações dialógicas significa entender que o convívio, a apreensão, a produção do conhecimento e a gestão das decisões, são processos que precisam ser participativos e horizontais, na medida em que se dão na construção e realização da autonomia de cada um. Freire (1977, p. 66) destacou que “o sujeito pensante não pode pensar sozinho; não pode sem a coparticipação de outro sujeito no ato de pensar sobre o objeto”. Não há um “penso”, mas um “pensamos”. É o “pensamos” que estabelece o “penso” e não o contrário.

Nos depoimentos a seguir os monitores deixam nítido que no trabalho com a rádio escolar eles se tornam mais responsáveis, porque a rádio estimula o trabalho em equipe, a produção do conhecimento no coletivo, a pesquisa e participação, além de colaborar no processo de ensino aprendizagem dos alunos menores por falarem a mesma linguagem.

EB - A experiência da rádio Coração Marista, nos dias que tem rádio, a gente faz uma conversação, pesquisamos, fazemos a pauta e depois montamos o roteiro que é para a gente falar as músicas que vão cada dia. O negócio do monitor é muito legal porque além de apresentarmos a pauta, você ensina crianças, você ajuda as crianças, é quase a mesma coisa que ser um professor só que com um pouco menos de responsabilidades, é muito legal. Aprendemos a conviver em grupo. Respeitar outro. A ter responsabilidade. Tem alunos que tem dificuldades de aprender e a nossa maneira de ensinar facilita o aprendizado porque falamos na mesma língua.

EE - Eu trabalhava como monitor, trabalhava com as crianças, é algo que a gente aprende também como lidar com elas porque não é simplesmente chegar e mandar. A criança a gente tem que saber trabalhar, tem que dar atenção, tem que ouvir, muitas vezes errar com eles para aprender e no dia-a-dia da rádio a gente passa por situações em que a gente não sabe o que fazer, mas aos poucos vamos aprendendo como fazer, corremos atrás e tentamos descobrir qual a melhor solução pra resolver a questão, no caso.

As respostas revelam o desenvolvimento dos monitores em ajudar o outro. Aprende-se a ouvir, valorizar a fala dos colegas, a lidar com os imprevistos que acontecem no dia-a-dia, buscando alternativas para resolver os problemas.

Elementos esses que considero importantíssimos para o diálogo na comunidade escolar e a promoção do protagonismo juvenil.

Somos sujeitos sociais, ensinamos e aprendemos em grupo, compartilhamos saberes historicamente constituídos, negociamos significados, em uma ação necessária, natural e inevitável. Para Freire (1987, p. 78) “todos educam; todos ensinam e aprendem. Por isso, ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”.

Outro fator determinante para o protagonismo juvenil e a formação de um grupo é saber de onde veio e para onde vai, conhecer a história do projeto da rádio. Analisar os ganhos e as perdas ao longo do processo. E assim um dos educandos fez um breve relato da história da rádio.

EG - Isso, aí eu entrei um pouco depois, em 2008 ou 2009. Lembro que a rádio antigamente era assim: ela era comandada pelo antigo educador, o Marcelo, que está de licença, sei lá se ainda está. E o Marcelo é que comandava essa parte da rádio. Então, ainda era um desafio muito grande porque, por um lado tínhamos que tocar músicas Maristas e por outro tínhamos que tocar músicas que a galera curtisse. Então, no início da rádio tinha muito essa confusão. A rádio não tinha essa estrutura que tem hoje, esse equipamento não era o mesmo. A gente teve uma grande evolução durante toda a história. E claro, tinham dias que a gente pegava aqui e ouvia cada besteira e comentários nada a ver, pautas nada a ver, mas tinham outros dias que claro, ouvia recados legais. Porque antigamente a rádio não tinha programação.

A resposta acima mostra os avanços da rádio, em termos tecnológicos e de programação. E o quanto todas as experiências foram importantes para o monitor na formação e crescimento da rádio. Ele dá destaque a alguns pontos de

atenção e conquistas. Um fator que chama a atenção foi a forma como o educando se reportou ao educador como comandante, como se fossem obrigados a tocar determinados tipos de músicas: “tínhamos que tocar músicas Maristas”. Essa afirmação serve para refletir sobre a importância de ouvirmos os nossos educandos, promovendo rodas de conversas, o que possibilita que nossas oficinas partam da realidade dos educandos, sendo relevante para eles, tendo vez e voz.

Ao analisar o tipo ou modelo de relação dos interagentes, Freire especificava que nos modelos baseados na transmissão não havia comunicação. Essa relação se dá ainda hoje na maioria das escolas e é a prática que continuam exercendo os meios convencionais de comunicação. Em todo ato comunicativo, seja face a face ou mediado por uma tecnologia, tem que ser produzido um ato de encontro e de reciprocidade entre todos os que participam desse ato comunicativo.

Ser dialógico é não invadir, é não manipular, é não sloganizar. Ser dialógico é empenhar-se na transformação constante da realidade. Esta é a razão pela qual, sendo o diálogo o conteúdo da forma de ser própria à existência humana, está excluído de toda relação na qual alguns homens sejam transformados em “seres para outro” por homens que são falsos seres para si mesmos (FREIRE, 1973, p. 75).

O diálogo é um elemento crucial para problematizar o conhecimento – não um diálogo complacente ou um diálogo para o nada, mas sim uma modalidade que indaga os saberes mútuos e questiona o conhecimento preestabelecido. O diálogo não é um mero bate-papo, o diálogo é uma metodologia e uma filosofia.

O que se pretende, com o diálogo, em qualquer hipótese (seja em torno de um conhecimento



científico e técnico, seja de um conhecimento “experencial”), é a problematização do próprio conhecimento, em sua indiscutível relação com a realidade concreta, na qual se gera e sobre a qual incide, para melhor compreendê-la, explicá-la, transformá-la (FREIRE, 1973, p. 57).

No relato a seguir os monitores evidenciam que o diálogo na comunidade escolar se dá a partir do ponto de vista de todos.

EB – [...] Na escola precisamos ouvir todos os setores: cozinha, administração, Jornada ampliada, sala de educomunicação, todos os lugares. Registrar e pegar os ângulos de cada pessoa. Tipo, a pessoa tem uma opinião, ela fala sobre aquela opinião, a gente vê qual é a opinião dela, aí a gente vai para outra pessoa e pega a opinião de todo mundo, mostra os vários lados da notícia [...].

O educando demonstra na resposta a importância do diálogo no espaço escolar, ouvindo a opinião de todos, a qual pode tornar o ambiente harmonioso, possibilitando que todos os setores dialoguem e haja a valorização de cada ser, abrindo espaço para que o educando seja ouvido, promovendo o protagonismo juvenil.

O protagonismo é uma forma de ajudar o adolescente a construir sua autonomia e interação, através da geração de espaços e situações propiciadoras da sua participação criativa, construtiva e solidária na solução de problemas reais, na escola, na comunidade e na vida social mais ampla (STAMATO, 2009).

Não se trata, portanto, dos adultos deixarem de exercer seu papel e jogar sobre os jovens o peso total da responsabilidade do que ocorreu ou deixou de ocorrer. Trata-se do estabelecimento de uma corresponsabilidade entre jovens e

adultos pelo curso dos acontecimentos, que resulta de sua atuação conjunta.

O objetivo é que jovens possam ir construindo sua autonomia através da prática, da situação real, do corpo-a-corpo com a realidade, a partir da participação ativa, crítica e democrática em seu entorno social. As relações escola-comunidade, os programas não formais de educação para a cidadania, o movimento estudantil do tipo novo (não instrumentalizado por organizações político-partidárias e ideológicas do mundo adulto), as ações nos campos do meio ambiente, da saúde, da promoção da qualidade de vida, da cultura, do esporte e do empreendedorismo produtivo são exemplos típicos de áreas onde esse tipo de participação juvenil pode ser exercido de modo pleno (COSTA; VIEIRA, 2006, p. 23).

Outra resposta das entrevistas teve como foco os ganhos, o desenvolvimento, a autonomia, a habilidade de comunicação da Rádio Coração Marista, a mediação do educador e a promoção do protagonismo juvenil. Características essas também da educomunicação.

EG- Dentro da escola não é algo que vem pronto, mas é algo que já vem pré-pensado e isso se modifica ao longo do processo, então, a gente apresenta, a gente, os educandos, meio que encarnamos o personagem. Dentro da rádio o protagonismo acontece de uma maneira super natural. Vou chegar aqui e tocar a música que eu quero, se a letra for legal, mas tem uma galera que quer ouvir também, então a gente abre a porta e: “Ah, o que você quer ouvir?”. Aí a galera escreve, a gente verifica, se é legal a gente coloca. No ano passado a gente fez uma pesquisa com eles pra saber o que eles pensavam da rádio, o que podia melhorar. Essa foi uma roda de conversa onde a gente escutou

eles. Eles trouxeram muitas sugestões de quadros, pontos da rádio que podiam melhorar. Não só o professor foi avaliado como eles também, então foi uma troca de experiência que aconteceu.

Os monitores trazem na citação acima que o projeto de rádio não é algo pronto, fixo, que vem de cima para baixo, sendo ele dialógico e aberto às mudanças. O grupo faz rodas de conversa para saber o que público pensa da rádio e o que pode melhorar. Ambos são avaliados, educandos e educadores, numa proposta de construção, segundo o relato.

Segundo Costa (2000), o protagonismo juvenil é uma forma de atuação com os jovens, a partir do que eles sentem e percebem da sua realidade. Não se trata de uma atuação para os jovens, muito menos de uma atuação sobre os jovens. Portanto, trata-se de uma postura pedagógica que contraria qualquer tipo de paternalismo, assistencialismo ou manipulação. Nessa proposta o educador é um mediador, como na educomunicação. Os adolescentes carecem de diretividade. Não se trata, porém, de uma diretividade que venha a tolher sua iniciativa e sua criatividade; ao contrário, uma diretividade democrática, ou seja, uma forma de direcionamento que, em vez de inibir, estimule o exercício de níveis crescentes de autoconfiança, de autodeterminação, de autonomia, que resulta no protagonismo juvenil e no diálogo na comunidade escolar.

O trecho a seguir mostra a importância da pesquisa para a formação dos sujeitos protagonistas, trazendo elementos para a formação, habilidade de comunicação e resolução de problemas.

EE - Muita coisa, às vezes, temos que pesquisar. Uma matéria, mas aí o educando mesmo não querendo pesquisar ele sabe que tem que correr atrás da matéria, tem que pesquisar o que vai falar na rádio, tem que ir atrás da informação e isso automaticamente ajuda na sala de aula. Ele vê um problema de

matemática e não vai simplesmente saber a resposta, procura ir atrás. Tem uma questão de português, tem que fazer uma redação, tem que procurar alguma coisa, ele não pega simplesmente um livro, ele vai lá e pesquisa, entra no assunto, tenta entender porque aquilo é assim e vai gerando dúvida e essa dúvida vai gerando cada vez mais respostas que vão gerando mais dúvidas e que assim faz com que o educando entre totalmente dentro de uma via de informação que ele também junta com a rádio e ao mesmo tempo está caminhando lado a lado, algo que fica paralelo. E ajuda muito dentro da sala de aula isso, academicamente o educando acaba estimulando o hábito da leitura que é algo bem difícil às vezes, sabemos que as crianças de hoje em dia não tem o hábito da leitura e é algo que vai ajudando porque muitos adolescentes gostam de ouvir música e a rádio faz juntar isso, a questão da literatura com a música e fazer as duas ficarem lado a lado, como faz a questão do projeto com a questão acadêmica.

EI- Contribui, contribui pra não ter vergonha, como eu disse, para apresentar trabalho, falar em público, essas coisas todas e, até quando tem dúvida, tem muita gente que fica com medo de ser “zoadado” porque não entende que é superimportante perguntar pros professores, quando tem dúvida, essas coisas e a rádio ajuda demais.

Nessa perspectiva, os educandos acreditam que a rádio escolar desperta no sujeito um ser pesquisador, questionador, crítico que vai a busca de suas respostas, porque na busca pela notícia surge outro olhar para as disciplinas de sala de aula, sendo também instigado a perguntar, gerar dúvidas e curiosidades, porque perdeu a vergonha. Desperta no educando o hábito e o gosto pela leitura. Permite o trabalho com pesquisas e entrevistas com responsabilidade, o que leva o

monitor a decodificar as informações educomunicativas. A rádio escola possibilita, ainda, que o educando torne-se sujeito ativo do processo de comunicação, produzindo textos escritos e orais conforme a linguagem do rádio.

Outra pergunta da entrevista teve como foco a rotina dos monitores e suas funções.

EA- Então, no começo a gente praticamente aprendeu bastante a fazer pauta. Como se portar, como falar no microfone, como dar entonação de voz para notícia boa ou notícia ruim. Tinha o lide: o que, onde, quando, como, quem e por que. E isso foi tudo no começo, quando eu comecei a participar da rádio. Eu fazia ela em horário oposto ao horário da aula. Então, eu fazia a rádio e a oficina na parte da tarde. Então eu criava as pautas pra apresentar no outro dia. No começo era bem simples, então era só criação de pauta, depois, quando fui ficando mais velho, foi quando eu estava já no primeiro e segundo ano, aí teve a parte mais, digamos, mais profissional da rádio, que vincula música, mexer nos equipamentos, cobrir eventos. Essa parte já foi um pouco mais complicada porque precisava de um pouco mais de responsabilidade. Nos eventos da rádio a gente procura os educandos, pergunta como está sendo o evento, primeiro a gente pergunta para a diretoria, o que vai acontecer, para informar na rádio. Pros alunos a gente pergunta o que eles estão esperando, expectativas. No evento a gente faz a cobertura de tudo o que está acontecendo. Tem também os eventos fora da escola, que já têm outro ângulo. Porque lá se vê pessoas que não estão no seu dia a dia, pessoas que você nunca via na vida e vai ter que chegar ali para perguntar. Isso tira muito a timidez da pessoa. Você está no colégio, você conhece aquela pessoa, nem que seja de vista, fazer uma pergunta a ela não é tão difícil, mas imagina uma pessoa que você nunca viu na

vida? Você não sabe qual reação ela vai ter, se ela está num dia bom, se está num dia ruim. Como ela vai receber essa pergunta e isso então é bem difícil no começo. E nisso a rádio ajudou bastante. Depois, assim, para fazer e entrevista, ficou bem mais tranquilo depois que a pessoa faz certo tempo, certo período já de entrevistas, a pessoa vai se acostumando a ver como as pessoas reagem perante o gravador, perante as perguntas. Então a rádio ajudou bastante nesse sentido também.

De acordo com a resposta do educando percebe-se a rotina da Rádio Coração Marista, que no começo ensina a elaborar as pautas, bem como técnicas de como usar os equipamentos: microfone, mesa de som; entonação, postura, como fazer uma entrevista e criar uma notícia. Percebe-se que é fundamental criar uma rotina, para a partir daí avançar para a cobertura de eventos, que seria o segundo momento. Segundo o educando, nos eventos são contemplados todos os setores da escola, promovendo o diálogo na comunidade escolar e o protagonismo juvenil. Os repórteres monitores entrevistam o diretor, os educandos, colaboradores, educadores, entre outros, levando conhecimento e informação para todas as instâncias do espaço escolar. Destacam-se os eventos fora da escola onde os educandos têm que entrevistar pessoas que nunca viram, sendo desafiados a perder o medo, ter iniciativa e produzir conhecimento.

De acordo com Soares (1999), a rádio propicia o desenvolvimento da espontaneidade, ampliando a capacidade de compreensão e criação textual (considerando aqui a expressão de frases e o contar histórias), além de facilitar a aprendizagem de outros conteúdos educacionais. A rádio pode dar uma contribuição honesta e verdadeira ao educando se lhe for permitida a liberdade para experimentar e ousar. O educando compreenderá e aceitará sua responsabilidade com a comunicação radiofônica e, se envolvendo, ele desenvolverá

relacionamentos, criará e aprenderá a improvisar, ficando mais atento, desinibido, melhorando a postura e a sua comunicação. Ainda conforme Soares (2011, p. 39):

Uma rádio na escola favorece o exercício de relacionamentos igualitários e colaborativos entre todos os membros da comunidade educativa, envolvendo professores e alunos. Isso ocorre, naturalmente, quando os educadores valorizam o trabalho em grupo e não as iniciativas isoladas deste ou daquele pequeno gênio. O grande benefício, no caso, passa a ser de natureza política: os alunos acabam aprendendo que existem outras formas de produzir comunicação, além do modelo clássico, pelo qual o direito de expressão é garantido apenas a indivíduos e grupos privilegiados política ou economicamente.

Ainda quanto à rotina dos monitores e suas funções:

EA - Então, quando a gente fazia essas atividades, como perfil, perfil era um jogo, vou falar sobre perfil, foi um dos que eu participei. Perfil, a gente chamava, anunciava na rádio que no dia teria o perfil que é um jogo em que se tenta adivinhar com algumas características o nome, objeto ou alguma coisa, desde monumento, tipos de profissão, qualquer coisa de qualquer gênero. No perfil a gente tinha um papelzinho que tinha as dicas, a gente chamava os alunos, falava “Vai ter perfil hoje”. Vinham os alunos interessados. A gente tinha sempre um brindezinho, uma camiseta, um broche, alguma coisa, oferecia aquilo como brinde e chamava os alunos. Entre os alunos, escolhia-se um, quando era escolhido, começava a fazer as perguntas. Se o aluno acertasse ganhava o brinde. E assim funcionava esse quadro. No quadro era preciso ter cuidado sobre o que falar, o que perguntar ao público, porque não

podia fazer uma pergunta muito difícil aos mais pequenos, não fazer uma muito fácil para os maiores. Então, sempre tentar equilibrar.

De acordo com o monitor, o quadro Perfil estimula o diálogo na comunidade escolar e o protagonismo juvenil. Os educandos são convidados a participar da brincadeira, envolvendo-se em perguntas e respostas, tendo o apresentador que desenvolver toda uma habilidade para interagir com as crianças e adolescentes.

A rádio, na escola, poderá desenvolver e aprimorar no aluno competências e habilidades de audiência (o saber ouvir) e de eloquência (o saber falar, o saber argumentar) porque na rádio a voz e a palavra constroem textos escritos/oralizados que veiculam signos míticos aptos a ritualizar a escuta radiofônica (NUNES, 1993). Estes signos estão presentes na oratória e retórica dos alunos-emissores e produtores da informação transmitida pela rádio na escola, porque a rádio é essencialmente audição e fala. Ao trabalhar com ela, no espaço escolar, o educando comunica-se com os colegas, com os professores, com os funcionários e a comunidade externa. Nesse sentido, a comunicação acontece porque há interação entre emissor e receptor. Para se comunicar e interagir, o educando que está ouvindo a rádio na escola precisa prestar atenção no que o colega está transmitindo. O que ele está falando, o que está dizendo, o que ele está contando através da escrita de um texto (REYZABAL, 1999).

A rádio, na escola, contribui para o desenvolvimento da auto expressão do aluno que, expressando-se oralmente, revela sua personalidade, permitindo assim que ele exteriorize seus sentimentos, pensamentos e aspirações. Os exercícios radiofônicos ajudam na imaginação, percepção, observação, espontaneidade e relacionamento; capacidades que, somadas, possibilitam o pensamento crítico e o protagonismo juvenil.



A seguir apresento mais algumas falas dos monitores sobre os benefícios que a Rádio Coração Marista trouxe para a comunidade escolar e promoção do protagonismo juvenil.

ED - Eu sempre fui bem tímida, mas eu entrei nas oficinas do colégio e me comuniquei mais com as pessoas, então, eu ainda tenho vergonha de falar, mas eu adoro um microfone. Eu tenho um canal no youtube, eu faço muitos vídeos, então a minha comunicação é bem solta, eu falo, às vezes sem pensar, às vezes pensando. A rádio me ajudou muito.

EH- A rádio Coração Marista pra mim é importante porque eu posso fazer um monte de pessoas não ficarem entediadas no recreio, só conversando e comendo, eu trago diversão porque quase todo dia eu toco uma música diferente, não fico tocando as mesmas músicas e isso para mim é muito legal, ver as pessoas não ficarem entediadas.

EB- Fez diferença porque eu conheci novas pessoas, novos jeitos de chegar nas outras pessoas, como perguntar, como falar. Como conviver. Como lutar pelos meus direitos. Além de estarmos sempre pesquisando, aprendendo de tudo um pouco. Todas as disciplinas aprendemos na rádio, por causa das notícias e reportagens. Conversamos de tudo. Deixa eu ver, também fez diferença na minha pessoa, eu mudei bastante, antigamente eu era muito reservado, quase ninguém olhava para mim, eu não olhava nos olhos das pessoas porque tinha vergonha.

Para os educandos, a continuidade do projeto é importante porque a Rádio Coração Marista contribui para perder a timidez, para o desenvolvimento cognitivo psicossocial do educando, para a iniciativa de começar um projeto pessoal, para a diversão, tornando os recreios animados.

Dessa forma, verifica-se que os monitores, em suas respostas, consideram que a rádio leva à produção de programações interativas e de seu interesse, à leitura e pesquisa, além de aprenderem a debater, questionar os assuntos que são veiculados pela rádio. Percebe-se diante da fala dos educandos a aprendizagem em diversas áreas do conhecimento. E a relação próxima de conceitos de educomunicação e protagonismo juvenil. Segundo EB “todas as disciplinas aprendemos na rádio, por causa das notícias e reportagens. Conversamos de tudo”.

Diante de todos os códigos que foram abordados até aqui, fechamos esse ciclo da 1<sup>o</sup> categoria com a fala dos protagonistas de que a prática pedagógica educ comunicativa a partir de uma rádio escolar possibilita o protagonismo juvenil e o diálogo na comunidade escolar.

EE- Então, é interessante porque nós fizemos algumas atividades abertas à comunidade. É bacana porque não fica só dentro dos muros da escola, mas todo mundo consegue observar o trabalho que a gente faz, o projeto que é realizado aqui dentro. Os pais veem os filhos vindos aqui para a rádio, participando, chegando em casa e contando: “nossa pai, foi muito massa. Mãe, que legal, hoje eu fiz um programa, falei num quadro na rádio”, isso é uma coisa bem bacana.

EF- Eu acho que sem a rádio na escola, a escola ficaria sem vida porque a rádio está sempre informando, está sempre comunicando os eventos que acontecerão, todas as datas importantes, como entrega de boletim, feriados, festividades, enfim.

### **3.1.2 A prática pedagógica educomunicativa desperta a cidadania, a participação democrática e a resolução de problemas.**

A segunda categoria relaciona a prática pedagógica educomunicativa e a cidadania que não se limita a uma palavra ou uma ideia, nem está fora da vida da pessoa. A cidadania começa na relação do homem consigo mesmo para, a partir daí, expandir-se até o outro, ampliando-se para o contexto social no qual esse homem está inserido. É uma nova forma de ver, ordenar e construir o mundo, tendo como princípios básicos os direitos humanos, a responsabilidade pessoal e o compromisso social na realização do destino coletivo (SERRÃO; BALEEIRO, 2000).

Viver a cidadania não é somente viver a solidariedade, como parece crer hoje em dia um número crescente de educadores. A vivência da cidadania passa, sem dúvida alguma, pela preocupação e ela ação em favor do bem comum. Isso, porém, não basta. É preciso que esse envolvimento seja democrático, isto é, que envolva níveis crescentes de participação e de autonomia por parte dos adolescentes (COSTA e VIEIRA, 2006, p. 139).

Percebe-se que o tema da cidadania é de fundamental importância na busca por uma sociedade mais justa, igualitária e democrática. Na preocupação e busca pela ação em favor do outro, como legítimo outro. Algumas respostas foram trazidas do entendimento dos monitores sobre a questão: o que eu posso fazer para melhorar a sociedade?

EB - O que eu quero fazer, eu acho que é ser educador pra educar as crianças, para ensinar a elas sobre o mundo, sobre as matérias, sobre tudo. E o que eu queria fazer, seria trazer a paz,

mas é difícil trazer a paz porque precisaria de todo o mundo, o mundo inteiro. Então eu acho que queria conscientizar as pessoas a não fazer certas coisas, tipo traficantes, drogados, eu queria ensinar a eles que há uma vida muito melhor se você lutar por ela, mesmo que a maneira seja muito rígida.

Na resposta acima se observa o entendimento do educando da importância do educador em conscientizar as pessoas a serem melhores umas com as outras e a conseguir mudar sua realidade de modo a alcançar seus objetivos.

EE - Então, nós estamos inseridos num contexto de comunidade que querendo ou não é uma comunidade carente, mas não só a carência de ser uma sociedade pobre, não só pobre financeiramente, mas quem sabe espiritualmente. A gente vê que as crianças vêm aqui com uma demanda de atenção, querendo um olhar, só um pouco de afeto, um pouco de carinho pra elas, isso a gente faz do fundo do nosso coração. Quando os monitores estão aqui com as crianças, a gente se sente totalmente especial, é uma troca de amor, nosso amor vai, passa para elas e volta trazendo vestígios do amor delas. E às vezes essa questão do ego é interessante porque as crianças, elas, ah, eu sou da rádio, às vezes, mas elas pensam: “eu sou da rádio, mas isso não é um título, é só um mérito do que eu faço”, as pessoas estão vendo o que eu faço, mas não preciso obrigá-las a ver isso, tanto que é alguns dos princípios básicos da nossa instituição Marista são: humildade, simplicidade e modéstia. A gente não precisa falar para todo mundo que a gente é da rádio, a partir do momento que as pessoas veem o nosso trabalho, eles já sabem que a gente é, eles veem o modo que a gente leva a vida, não precisa escrever na nossa testa “sou da rádio”, as pessoas veem o que a gente é pelo trabalho que

a gente faz, a gente faz um trabalho bem feito, com carinho, com amor. Voltando à questão da comunidade, enquanto eles estão fazendo esse trabalho com a gente a gente está dando um pouco da nossa atenção para a criança, é um moleque que a gente está tirando da rua, é uma criança a menos que poderia estar no tráfico, uma criança a menos que poderia estar passando fome em casa, uma criança a menos que poderia estar apanhando do pai, brigando com a mãe. Enquanto ele está aqui a gente consegue confortar e garantir que de certa forma a gente está dando uma educação de qualidade a ele, que a gente está formando pessoas virtuosas que provavelmente vão passar isso para os seus filhos. E nisso acontece uma corrente do bem, em que se vai passando essa informação do bem adiante.

A fala do monitor trás vários elementos para análise, como a preocupação do mesmo com a realidade do educando de alta vulnerabilidade, tanto no sentido financeiro, como no afetivo. Essa preocupação demonstra um olhar diferenciado para com o outro. “Quando os monitores estão aqui com as crianças, a gente se sente totalmente especial, é uma troca de amor, nosso amor vai, passa para elas e volta trazendo vestígios do amor delas”. Percebe-se a compreensão do educando de que a cidadania se dá nas relações, no diálogo e no contato com o outro. E que cidadania é atitude. Vai além do título e afirma que você precisa se envolver e participar. Segundo ele, fazer por amor, sem a preocupação se receberá elogio ou não. Outro fator importante é o olhar para o social, já que enquanto essa criança está participando das oficinas ela não estará nas ruas, em alta vulnerabilidade.

É um desafio para o educador evitar que o conceito de cidadania se mantenha apenas no nível intelectual. A cidadania não é um discurso, precisa ser vivenciada e é construída no exercício das pequenas coisas do cotidiano, abrangendo não

apenas os direitos, mas também os deveres, gerando compromisso, responsabilidade e participação.

É importante estimular o protagonismo juvenil, o diálogo na comunidade escolar, como exercício da cidadania, envolvendo o adolescente na discussão e resolução de problemas concretos do seu cotidiano, assim como nas questões de interesse coletivo, incentivando sua participação em associações (ecológicas, culturais, estudantis, entre outras) e em movimentos sociais mais amplos (SERRÃO e BALEEIRO, 2000).

ED - Respeitar os outros, desde chamar pelo nome, não chamar por apelido que possa pegar mal, ajudar a recolher o lixo, não jogar lixo no chão, não falar palavrão, não xingar.

EF - O que eu pretendo fazer para melhorar a sociedade, eu acho que é começando com um trabalho voluntário, ajudando as pessoas que tem menos, que tem mais dificuldades, eu acho que é isso.

EG - Certa vez eu conversava com a professora e a gente estava falando sobre isso: o que a gente pode fazer para mudar? E ela disse: “o gesto é a gente começar arrumando o nosso quarto. Não tem gesto mais singelo que começar arrumando nosso próprio quarto”. Ouvir o outro, fazer trabalhos voluntários, por exemplo, sair de casa, ir para a comunidade a fim de ouvir as pessoas, fazer um trabalho voluntário, eu acho que isso não é mudar o mundo porque ninguém consegue mudar o mundo de uma hora para a outra. Mas é um processo. Eu acho que mudar o mundo começa ao redor, cativando as pessoas. Não por um ideal ou objetivo, mas cativar, escutar, conversar, debater, ouvir, fazer amizades. Então eu acho que se o mundo fosse mais amigo e compreensível eu acho que a gente não estaria nesse jeito atual de muitas discussões, muitas

brigas, guerras. Se a gente cativasse quem está do nosso lado, acho que 10% do que temos hoje de homicídios, de brigas, seriam tranquilamente resolvidos. Porque hoje tem gente que reage a assaltos e toma um tiro, às vezes até por engano. Então se soubesse cativar e escutar ou numa briga não explodir, parar, pensar, compreender e refletir.

Para esses Monitores, a compreensão de cidadania está em respeitar, e se colocar à disposição para aqueles que precisam de ajuda, fazer trabalhos voluntários e ouvir o outro. Segundo o monitor, para melhorar a sociedade, começa-se na sua casa, no seu quarto, ajustando as suas coisas para depois ajudar outro. Através de suas respostas percebe-se o valor e a importância do diálogo na comunidade escolar e na sociedade. Para ele, se as pessoas fossem mais amigas e tivessem menos discussões e brigas, soubessem cativar e escutar num conflito, haveria menos homicídios. Nesse processo de luta e transformação da sociedade, segundo o entendimento dos monitores, a Rádio Coração Marista como prática educacional colabora para a cidadania, a participação democrática e a resolução de problemas.

EA - A rádio torna os educandos mais críticos em relação às mídias, fazendo com que não sejam manipulados facilmente. Lutamos pelo direito à comunicação. A nossa postura em relação à política é outra, nos posicionamos procurando conhecer os nossos direitos. Automaticamente, nossa relação com os colegas melhora porque temos que dividir as tarefas, cada um faz uma parte, aprendendo respeitar a ideia do outro.

Para esse educando a Rádio Coração Marista possibilita um olhar crítico em relação às mídias. Eles se sentem mais fortalecidos, não sendo influenciados facilmente, podendo lutar pelo direito à democratização da comunicação e se posicionam

politicamente ao buscar conhecer seus direitos. Deixa claro que na divisão de tarefas apreendem a respeitar a ideia do outro e que isso é importante nesse processo de cidadania.

Assim, a rádio poderá levar o educando a participar democraticamente do processo de ensino aprendizagem e do exercício da cidadania. “A construção da cidadania passa necessariamente pelas expressões comunicativas [...]” (GOMES, 2001, p. 22). Isso pode ocorrer quando o educando é levado a trocar e interagir em papéis na produção radiofônica, ou seja: na fonte da informação atento aos conteúdos e notícias, na escuta sensível às produções da equipe e individuais, testando, assim, sua produção textual verbal e sua comunicação não verbal permeada pela locução de textos junto ao microfone da rádio. Exemplo educ comunicativo: as entrevistas com as pessoas da comunidade, posto de saúde, centro comunitário, entre outros.

### **3.1.3 Participação democrática**

O ser humano é fundamentalmente comunicativo. Todo o seu estar no mundo se dá por meio das relações que estabelece com as demais pessoas, os ambientes e as culturas em que está inserido. É se comunicando que ele se afirma enquanto sujeito participante e transformador de sua realidade. Por essa razão, a comunicação deve ser entendida como um direito humano.

Para a construção e consolidação de uma democracia participativa, o debate sobre esse direito e a luta por sua garantia ampla e irrestrita a todas as pessoas é essencial. Em 1948, foi constituída a declaração Universal dos Direitos Humanos através da Organização das Nações Unidas – ONU, que em sua essência reconhece os direitos fundamentais para homens e mulheres que garantam sua dignidade, sendo esses preceitos recomendações para a busca e promoção de



estratégias no conjunto dos países com vistas à promoção de desenvolvimento social (RUEDA; BESSA, 2014).

O artigo III da Declaração estabelece: Toda pessoa tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal. A partir daí se compreende que a liberdade é um pressuposto de aspiração social, tendo em vista que padrões culturais é que maximizam ou minimizam essas possibilidades. Dessa forma, assim como o alimento, a água e a moradia são elementos essenciais para a nossa sobrevivência, a comunicação também o é, uma vez que ela traz possibilidades de uma mudança de padrões e comportamentos (BESSA e RUEDA, 2014). Sendo assim, nas respostas dos monitores, percebe-se que há indicativos de participação democrática na Rádio Coração Marista:

EB- Um lugar onde eu posso me expressar, basicamente isso. Antigamente, quando eu não estava na rádio, era muito tímido, tinha muita vergonha de estar na frente das pessoas da sala, de falar, tinha medo de falar por medo de errar, depois de entrar na rádio e no teatro eu vi que isso me ajudou muito. Hoje me posiciono, luto pelos meus direitos. Vejo também os meios de comunicação com outros olhos. Porque boa parte da mídia tenta nos manipular. Procuro pesquisar e ver se realmente tal fato é verdade. Olhando sempre os dois lados da história. E junto com os meus colegas estamos na luta pelo direito à comunicação. Fazemos uma reunião, conversamos sobre o tipo de programação. Como deve ser a rádio. Todos opinam. Fazemos um planejamento, o professor nos ajuda trazendo algumas ideias. Mas quem constrói a pauta e a programação somos nós, a rádio tem a nossa cara. O professor nos orienta em relação às músicas, provoca debates. Falamos de política, sexo, entre outros assuntos.

Conforme o educando, a Rádio Coração Marista é um lugar onde eles podem se expressar e isso ajuda a perderem a

vergonha. Afirma que antes não participava das aulas com medo de errar e que hoje, depois de frequentar o projeto de práticas pedagógicas educacionais, consegue perceber os avanços na comunicação, inclusive, no sentido de reivindicar seus direitos. O monitor diz que a programação é feita por todos os componentes do grupo, sendo mediada pelo educador social, que serve de facilitador. A Rádio propicia ao monitor, segundo sua resposta, uma visão sobre os meios de comunicação social e de sua função na sociedade globalizada, a defesa e cumprimento de seus direitos e deveres.

Segundo Costa (2000) o propósito do protagonismo juvenil enquanto educação para a participação democrática é criar condições para que os educandos possam exercitar, de forma criativa e crítica, a construção gradativa de sua autonomia - autonomia essa a qual será chamado a exercitar de forma plena do mundo adulto.

O desenvolvimento da sociabilidade dos nossos adolescentes é indispensável para a construção de uma democracia participativa que não se restrinja aos textos da constituição e das leis. O caminho para isso passa pela valorização pedagógica da tendência natural dos jovens à grupalidade espontânea. Da observação do que se passa nesse universo, os educadores podem tirar lições extremamente úteis para a construção das grupalidades organizadas, características da grande maioria das experiências de protagonismo juvenil na escola ou fora dela.

A democracia, elaboração coletiva e permanente, deve começar na família, mas é sobretudo na escola que o seu exercício se torna uma exigência inarredável dos novos tempos. As relações entre educadores e educandos e destes com seu entorno sócio-comunitário são fundamentais para a incorporação das virtudes democráticas ao modo de ser dos nossos adolescentes em sua busca de identidade e de

projeto de vida (COSTA e VIEIRA, 2006, p. 141 e 142).

Compartilhamos com Costa (2000) que mais do que prevenir em relação às situações de risco, o protagonismo juvenil procura preparar os jovens para a tomada de decisões baseadas em valores não apenas lidos e escutados, mas vividos e incorporados em seu ser. Jovens assim estarão, certamente, preparados para enfrentar os dilemas da ação coletiva que caracterizam a sociedade, onde a pluralidade e o conflito de pontos de vistas e de interesses entre pessoas, grupos e instituições são parte integrante do tecido social. A escola é o espaço privilegiado para o aprendizado da cidadania, e a adolescência é o momento ideal para os educandos exercitarem – através do seu envolvimento na resolução de problemas reais – os conhecimentos, valores, habilidades e atitudes requeridas ao exercício pleno dessa cidadania.

Nesse contexto, a rádio escolar estimula o diálogo na comunidade escolar, promove o protagonismo juvenil, a promoção da cidadania, e a participação democrática. Por ser um projeto amplo e interdisciplinar, ela permite que toda a comunidade escolar participe do processo educativo comunicacional:

EG - [...] se eu tenho essa confiança de hoje eu chegar e bater na porta da diretora, de questioná-la é porque são questões que eu já tinha fazendo antes, bater na porta e perguntar se tem alguma notícia, saber dessa questão de como eu posso pegar a notícia. Porque geralmente, elas nos fornecem notícias, elas convidam a gente a entrar, e isso vai dando, vamos dizer assim, um pouco de liberdade. Toda liberdade tem o seu limite, eu não chego ali e falo o que eu quero.

No processo de elaboração das notícias, segundo o monitor, o educando desenvolve habilidades de comunicação. A rotina da busca pela informação proporciona situações de questionamento, perguntas, argumentações, entre outros, explorando, assim, a comunicação verbal e não verbal do monitor, preparando-o para o desenvolvimento e aprimoramento das competências e habilidades educomunicativas. Segundo o monitor, esse processo possibilita um pouco de liberdade, mas logo afirma que essa liberdade tem o seu limite, já que existem as regras e que a sua liberdade termina quando começa a do outro.

### **3.1.4 Resolução de problemas**

Quando se trabalha em conjunto a partir de projetos educomunicativos que estimulem o protagonismo juvenil, as diferenças e até os conflitos tendem a reduzir-se, chegando a desaparecer em alguns casos. Uma nova forma de identificação nasce destes projetos que fazem com que se ultrapassem as rotinas individuais, que valorizam aquilo que é comum e não as diferenças. Graças à prática do desporto, por exemplo, quantas tensões entre classes sociais ou nacionalidades se transformaram em solidariedade através da experiência e do prazer do esforço comum. E no mercado de trabalho, quantas realizações teriam chegado a bom termo se os conflitos habituais em organizações hierarquizadas tivessem sido transcendidos por um projeto comum. No projeto da Rádio Coração Marista, os educandos tem que exercitar a mediação de conflitos, a resolução de problemas que surgem no dia-a-dia.

EA- O complicado de se lidar com uma rádio é que você tem que colocar música, e a música tem que agradar diversos gêneros. Você tem que colocar uma música que seja agradável a

todos. Isso é bem difícil porque sempre tem um ou outro que não gosta de tal gênero. Então, é um pouco complicado. Por exemplo, quando dava conflito de música, por exemplo, gêneros musicais; tem muita gente que gosta de rock, tem gente que odeia rock. Tem muita gente que gosta de funk, tem gente que odeia funk. Então o que a gente fazia? A gente anunciava na rádio a escolha de música. A pessoa poderia vir aqui na porta da rádio e escolher uma música. Então era muito mais fácil porque quando colocava música que, digamos, não agradava todos era culpa da pessoa que tinha escolhido. Então, claro que a música não poderia ser de baixo escalão. Mas o gênero poderia ser a vontade à escolha da pessoa. Então, a pessoa vinha, falava o nome da música. Eu estava aqui e colocava a música pra todo mundo escutar.

EC- Então, tinha respeito, mas o negócio era o relacionamento quanto às músicas, porque o pessoal sentia que tinha que pedir as músicas e era na hora e naquele momento, então era um desafio para a gente porque a gente não podia por qualquer música, a gente tinha que ver a música.

No depoimento do primeiro relato acima é possível perceber a preocupação em manter o ambiente harmonioso e dar vez e voz a todos os educandos, tornando-os coparticipantes da decisão da escolha das músicas. Ambos demonstram a preocupação em agradar os ouvintes e estão cientes do desafio que é a programação musical. Nesse exercício de relacionarem-se os monitores aprendem a mediar conflitos e criar estratégias para solução de problemas.

A educação formal deve, pois, reservar tempo e ocasiões suficientes em seus programas para iniciar os jovens em projetos de cooperação, mediação de conflitos, logo desde a infância, no campo das atividades desportivas e culturais, evidentemente, mas também estimulando a sua participação em

atividades sociais: renovação de bairros, ajuda aos mais desfavorecidos, ações humanitárias, serviços de solidariedade entre gerações. As outras organizações educativas e associações devem, neste campo, continuar o trabalho iniciado pela escola. Por outro lado, na prática letiva diária, a participação de professores e alunos em projetos comuns pode dar origem à aprendizagem de métodos de resolução de conflitos e a constituir uma referência para a vida futura dos alunos, enriquecendo a relação professor/aluno (DELORS, 1998).

É louvável a ideia de ensinar a não violência na escola, mesmo que constitua apenas um instrumento, entre outros, para lutar contra os preconceitos geradores de conflitos. A tarefa é árdua porque, muito naturalmente, os seres humanos têm a tendência de supervalorizar as suas qualidades e as do grupo a que pertencem e alimentar preconceitos desfavoráveis em relação aos outros. Por outro lado, o clima geral de concorrência que caracteriza atualmente a atividade econômica de cada país gera uma tendência de dar prioridade ao espírito de competição e ao sucesso individual. De fato, essa competição resulta, atualmente, numa guerra econômica implacável e numa tensão entre os mais favorecidos e os pobres, que divide as nações do mundo e exacerba as rivalidades históricas. É de lamentar que a educação contribua, por vezes, para alimentar este clima, devido a uma má interpretação da ideia de competição (DELORS, 1998).

Que fazer para melhorar a situação? Segundo Jacques Delors (1998) para reduzir os conflitos, não basta por em contato e em comunicação membros de grupos diferentes (através de escolas comuns a várias etnias ou religiões, por exemplo). Se, no espaço comum, estes diferentes grupos já entram em competição ou se o seu estatuto é desigual, um contato deste gênero pode, pelo contrário, agravar ainda mais as tensões latentes e se degenerar em conflitos. Se este contato se fizer num contexto igualitário, e se existirem objetivos e

projetos comuns, os preconceitos e a hostilidade latentes podem desaparecer e dar lugar a uma cooperação mais serena e até à amizade.

Nesse contexto, as praticas pedagógicas educacionais têm demonstrado durante a pesquisa que podem contribuir para promover o diálogo, a harmonia no espaço escolar e ajudar na resolução de problemas. Para saber como os monitores reagiriam a uma situação problema e de conflito foi perguntado a eles: o que fariam se fosse tirada a rádio coração marista da escola?

EH - Eu reuniria todo mundo que faz rádio e faria uma lista pra ganhar assinaturas para tentar fazer a rádio voltar à escola, porque, sem rádio, eu acho que não gostaria nem mais de vir à aula.

EJ - Se algum dia alguém quisesse tira a rádio, eu falaria com a pessoa responsável, e eu iria falar tudo o que aprendi com a rádio, tudo o que eu me tornei, e tudo que me ensinaram, porque a rádio nos ajuda, como eu falei, não só em sala, mais sim de todas as formas, em todos os conteúdos, a ser uma pessoa melhor, saber sobre a sociedade, o convívio de todo mundo. Bom, eu faria uma campanha para não tirar. Como profissionais ele não perguntam para a gente o que somos aqui dentro da rádio, o que aprendemos. Então assim para eles agente vem aqui e coloca só músicas, teria que falar o que a gente faz para que eles pudessem refletir, pensar, os educandos ficariam bastante tristes, pois é uma das oficinas que tem mais educandos. É uma forma comunicativa, cada um traz seu recado: o pessoal da cozinha, biblioteca, administrativo, equipe de trabalho sobre os eventos, isso é uma forma de que todos os outros educandos fiquem sabendo o que “rola” na escola.

Em ambas as respostas os monitores demonstraram iniciativa, protagonismo, autoconfiança e busca para resolver os problemas. Quando um dos educandos diz que reuniria “todo mundo” ele demonstra um olhar diferenciado, ciente de que precisamos do outro para a construção da cidadania. Ele demonstra que é necessário lutar, e que em grupo temos mais força. Na segunda resposta o educando retoma que a rádio não ajuda só em sala, mas a ser uma pessoa melhor, a conhecer a sociedade em que se vive e a se relacionar com o outro.

A prática pedagógica educacional, a cidadania, a participação democrática e a resolução de problemas com os adolescentes podem contribuir para que muito do que hoje é considerado problema se transforme, amanhã, em solução. Para isso, o fundamental é acreditar sempre no potencial criador e na força transformadora dos educandos.

Assim, conclui-se a análise sobre a cidadania com a fala de um monitor protagonista da pesquisa:

EE- É interessante porque a gente nunca está pronto para o educando, a gente o estimula a ir atrás da informação, a gente aponta o caminho, mas é ele que vai caminhar esse caminho, é ele que vai correr atrás da notícia, é ele que vai procurar as informações, a gente divide, cada um faz tal quadro, a gente fala o que tem que fazer, mas são eles que correm atrás. Às vezes eles não acham uma notícia, mas encontram algo mais interessante que fica melhor, eles mesmos têm autonomia para isso. Interessante agora é que a gente tem um educador social quase todo dia, todo dia na verdade, aqui no centro educacional, e isso é bom porque todo dia tem alguém na rádio, todo dia tem alguém trabalhando. Quando acontece alguma coisa, nós estamos tão acostumados a estar aqui na rádio que nós mesmos tomamos autonomia, o colégio tem confiança na gente, a gente tem a chave da rádio, a gente entra, dá o programa tal, porque eles sabem que vamos deixar tudo



organizado, claro que temos desafios, alguns às vezes quebram as regras, mas trabalhamos com eles para que respeitem, porque é dessa maneira que a gente aprendeu.



#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após dois anos de estudos, esta dissertação representa o produto final dos estudos de mestrado. A pesquisa foi realizada com a amostragem intencional de dez monitores da Rádio Coração Marista do Centro Educacional Marista São José, no Jardim Zanellato, no Projeto Jornada Ampliada que oferece atividades socioeducativas (rádio, produção audiovisual, teatro e violão) para crianças e adolescentes de alta vulnerabilidade. Em 2011 pude entrar em contato com o protagonismo juvenil de modo que o interesse no tema foi crescente, e junto a ele surgiram muitas dúvidas. Isso me motivou a seguir estudando este assunto de modo que pudesse surgir uma contribuição para a sociedade. O objetivo geral do trabalho foi compreender como o Projeto de Rádio Escolar pode contribuir para o protagonismo juvenil no Centro Educacional Marista São José. Para tanto, uma jornada metodológica foi traçada para alcançá-lo: revisão bibliográfica, entrevistas com os monitores, coleta de informações sobre as atividades/projetos da Rádio Coração Marista e, a construção das categorias de análise sobre o protagonismo juvenil na rádio escolar e, finalmente, elaboração das conclusões. Diante das reflexões realizadas, é possível apresentar alguns pareceres de um ciclo da pesquisa.

A partir da coleta e da análise dos dados, conclui-se que o termo protagonismo juvenil é uma concepção de empoderamento e participação democrática da juventude, e está relacionado à educomunicação. Ambos os conceitos remetem à participação do sujeito no processo de transformação política e social, atuação na comunidade, ao exercício da autonomia, ao diálogo, trabalho em equipe, interação, responsabilidade e ao exercício pleno da cidadania.

De acordo com as respostas dos monitores percebe-se a rotina da Rádio Coração Marista, que no começo ensina a elaborar as pautas, técnicas de como usar os equipamentos (microfone, mesa de som), entonação, postura, como fazer uma entrevista e criar uma notícia. Percebe-se que é fundamental

criar uma rotina, para a partir daí avançar para a cobertura de eventos, que seria o segundo momento. Conforme o educando, nos eventos são contemplados todos os setores da escola, promovendo o diálogo na comunidade escolar e o protagonismo juvenil. Os “repórteres monitores” entrevistam o diretor, os educandos, colaboradores, educadores, entre outros, levando conhecimento e informação para todas as instâncias do espaço escolar. Destacam-se os eventos fora da escola onde os educandos têm que entrevistar pessoas que nunca viram, sendo desafiados a perder o medo, ter iniciativa e produzir conhecimento.

A partir da análise conclui-se que a rádio na escola contribui para o desenvolvimento da auto expressão do aluno, que, expressando-se oralmente, revela sua personalidade, permitindo assim exteriorizar seus sentimentos, pensamentos e aspirações. Os exercícios radiofônicos ajudam na imaginação, percepção, observação, espontaneidade e relacionamento; capacidades que, somadas, possibilitam o pensamento crítico e o protagonismo juvenil. No projeto de rádio o substancial não reside no instrumental, e sim na função que ele desempenha: abrir aos educandos canais de comunicação, através dos quais eles possam socializar os produtos de seu aprendizado. Isto é, criar a caixa de ressonância que transforme o educando em comunicador, protagonista, e lhe permita descobrir e celebrar, ao comunicá-la, a projeção social de sua própria palavra.

Segundo os monitores a rádio escolar desperta no sujeito um ser pesquisador, questionador, crítico, que vai à procura de suas respostas, porque na busca pela notícia surge outro olhar para as disciplinas de sala de aula, sendo também instigado a perguntar, gerar dúvidas e curiosidades, porque perdeu a vergonha. Desperta no educando o hábito e o gosto pela leitura. Permite o trabalho com pesquisas e entrevistas com responsabilidade, o que leva o monitor a decodificar as informações educacionais. A rádio na escola possibilita, ainda, que o educando torne-se sujeito ativo do processo de

comunicação, produzindo textos escritos e orais conforme a linguagem do rádio.

Com base nos códigos gerados pelas entrevistas com os 10 monitores da rádio Marista foram criadas duas categorias: (1) A prática pedagógica educ comunicativa a partir de uma rádio escolar possibilita o protagonismo e o diálogo na comunidade escolar; (2) A prática pedagógica educ comunicativa desperta a cidadania, a participação democrática e a resolução de problemas.

Na primeira categoria a pesquisa mostrou o valor do projeto educ comunicativo para promoção do convívio em grupo, do apoio ao colega e do diálogo na comunidade escolar. De acordo com os educandos, a rádio contribui para a interação dentro da oficina e o respeito às diferenças. Segundo eles, auxilia na construção da pauta e do roteiro, os colegas que apresentam dificuldades na escrita ou na oratória, são ajudados por outros componentes do projeto que se mobilizam para ajudar naquela habilidade que não foi desenvolvida. Demonstra-se iniciativa, protagonismo, melhora a comunicação e solidariedade com os amigos que estão em processo de ensino e aprendizagem. Aprende-se a respeitar o tempo de cada um. A produção dos programas radiofônicos leva os educandos a sentirem-se mais motivados e autoconfiantes para os desafios que surgem no ano letivo. Além de ampliarem o número de amigos.

De acordo com o resultado da pesquisa, o protagonismo juvenil é uma forma de atuação com os jovens, a partir do que eles sentem e percebem da sua realidade. Não se trata de uma atuação para os jovens, muito menos de uma atuação sobre os jovens. Portanto, trata-se de uma postura pedagógica que contraria qualquer tipo de paternalismo, assistencialismo ou manipulação. Nessa proposta o educador é um mediador, como na educ comunicação. Os adolescentes carecem de diretividade. Não se trata, porém, de uma diretividade que venha a tolher sua iniciativa e sua criatividade; ao contrário, uma diretividade

democrática, ou seja, uma forma de direcionamento que, ao invés de inibir, estimule o exercício de níveis crescentes de autoconfiança, de autodeterminação, de autonomia, que resulta no protagonismo Juvenil e no diálogo na comunidade escolar.

Por meio daquilo que se apercebeu na rádio como práticas pedagógicas educacionais, os monitores que antes se mostravam desmotivados diante do processo de aprendizagem, saem da mesmice da sala de aula, desenvolvendo um processo dinâmico e prazeroso. Desenvolvem pesquisas sobre diversos assuntos, fazem entrevistas, debates, reportagens, enfim, registram tudo aquilo que consideram interessante para depois editarem as entrevistas, montar documentários, panfletos educativos, fazendo da aprendizagem um recurso para difundir o conhecimento adquirido e promover o diálogo na comunidade escolar. Os temas abordados podem variar de acordo com a disciplina, como: meio ambiente, escassez e desperdício de água; causas indígenas; matemática e física aplicadas no dia a dia; geografia; história; línguas; informática, entre outros.

Na segunda categoria em que se considera a prática pedagógica educacional a partir da cidadania, participação democrática e resolução de problemas, não foi possível se abster da configuração planetária em que o protagonismo juvenil é uma exigência contemporânea.

Envolver a comunidade escolar (professores, alunos e colaboradores) na reflexão sobre protagonismo juvenil exige a ressignificação das ações solidárias a fim de desenvolver o senso de responsabilidade social. Isso implica em assumir um compromisso pelo bem individual e coletivo, reconhecendo o outro como legítimo outro.

É um desafio para o educador evitar que o conceito de cidadania se mantenha apenas no nível intelectual. A cidadania não é um discurso, precisa ser vivenciada e é construída no exercício das pequenas ações do cotidiano, abrangendo não

apenas os direitos, mas também os deveres, gerando compromisso, responsabilidade e participação.

A partir das respostas obtidas nas entrevistas, percebeu-se que é importante estimular o protagonismo juvenil, o diálogo na comunidade escolar, como exercício da cidadania, envolvendo o adolescente na discussão e resolução de problemas concretos do seu cotidiano, assim como nas questões de interesse coletivo, incentivando sua participação em associações (ecológicas, culturais, estudantis, entre outras) e em movimentos sociais mais amplos.

Todos os membros da comunidade educativa devem ser convidados a refletir acerca do protagonismo juvenil e da promoção do diálogo na comunidade escolar.

A sociedade contemporânea e suas demandas exigem que estejamos em constante movimento de aprendizagem, ou seja, que continuemos aprendendo ao longo da vida. Isso implica um processo de ensino-aprendizagem voltado a práticas reflexivas que incentivem, dinamicamente, o ensinar a pensar, a comunicar, a pesquisar, a raciocinar de forma lógica, a fazer sínteses e elaborações teóricas, a ser protagonista, enfim, a interagir com autonomia reflexiva, de forma a promover o exercício pleno da cidadania e de sua responsabilidade para com a sociedade.

Os educandos acreditam que essa maneira de fazer rádio escolar desperta no sujeito um ser pesquisador, questionador, crítico, que vai à procura de suas respostas, porque na busca pela notícia surge outro olhar para as disciplinas de sala de aula, sendo também instigado a perguntar, gerar dúvidas e curiosidades, porque perdeu a vergonha. A rádio escola possibilita, ainda, que o educando torne-se sujeito ativo do processo de comunicação, produzindo textos escritos e orais conforme a linguagem do rádio.

Segundo os relatos dos monitores, estes procuram, experimentam, discutem, refletem, e neles vai sendo despertado o desejo (e a necessidade) de saber mais, porque

tem noção de que serão ouvidos por outros sujeitos além deles mesmos. Esse conhecimento se dá medida que veem seus escritos ouvidos e lidos.

Diante das respostas dos monitores, percebe-se que os projetos educacionais devem ser elaborados pelos próprios educandos e devem ser previamente explicados pelos próprios educandos – através de reuniões, encontros, debates ou visitas – a todos os setores afetados pelas ações do grupo. Ao elaborar um projeto, os educandos devem certificar-se da importância do projeto, o grupo deverá verificar se está claramente direcionado para sanar um problema ou suprir uma necessidade da comunidade. Estabelecer os objetivos do projeto para saber se está sendo alcançado; e determinar os métodos e formas a serem utilizados para abordar o problema.

Quando se trata de projetos de protagonismo juvenil, o “acerto” e o “erro” têm valor positivo, pois ambos podem ser usados pelo educador para alimentar e retroalimentar o processo de aprendizagem, crescimento e desenvolvimento dos jovens, como pessoas e como cidadãos.

Essa maneira de trabalhar com os adolescentes promovendo o protagonismo juvenil e o trabalho em equipe pode contribuir para que muito do que hoje é considerado problema (participação do aluno, avaliação, falta de concentração, evasão, sobrecarga de trabalho do educador), se transforme em solução. Para isso, o fundamental é acreditar sempre no potencial criador e na força transformadora dos educandos.

Após descrever as categorias, é possível concluir que ambas trazem indicadores para a criação e o fortalecimento de um ecossistema comunicativo, e que este está ligado diretamente a uma prática educacional emancipadora e que promove o diálogo na comunidade escolar.

A escola que queremos e o olhar que precisamos para o processo de ensino-aprendizagem não é algo novo. Na verdade, o que há de novo é a possibilidade de integrar, de acolher, de



possibilitar que os educandos tenham acesso ao capital cultural exigido pela escola e a sociedade, através de práticas pedagógicas educacionais, de contemplar o individual e o todo, o vazio e o cheio, o diferente e o igual, a multiplicidade e a singularidade, o construir e o desconstruir, em sucessivas idas e vindas. Possibilitar coaprendizagem e promover o Protagonismo Juvenil. Atitudes que podem ampliar olhares e visões de mundo, transformar e emprestar significados aos saberes nos diferentes momentos históricos, sociais e culturais. Em uma perspectiva que se abre, sucessivamente, para muitas outras.

Contudo, essa dissertação foi encarada, por mim, apenas como um ponto de partida, pois entendo que ela foi o início de uma investigação que merece ser aprofundada dentro de um espaço de tempo maior, haja vista a relevância da temática na educação. Meu interesse segue em aprofundar os campos estudados aqui numa futura tese de doutorado.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APARICI, Roberto. Uma pedagogia da Comunicação. In: **Educomunicação: Para Além do 2.0**. São Paulo: Paulinas, 2014.

APPOLINÁRIO, Fabio. **Metodologia da Ciência**: filosofia e prática da pesquisa. São Paulo: Cengage Learning, 2009.

ASSUMPCÃO, Zeneida Alves de. **A rádio no espaço escolar**: Para falar e escrever melhor. São Paulo: Annablume, 2008.

AZEVEDO, Janete M. Lins de. O Estado, a política educacional e a regulação do setor educação no Brasil: uma abordagem histórica. In: Ferreira, Naura; Aguiar, Marcia (Org.). **Gestão da educação**: impasses, perspectivas e compromissos. São Paulo: Cortez, 2001.

BALTAR, Marcos. **Rádio escolar**: uma experiência de letramento midiático. São Paulo: Cortez, 2012.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BOURDIEU, Pierre. **A miséria do mundo**. 17<sup>a</sup> ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BORAN, Jorge. **Juventude: O Grande Desafio**. Editora: Paulinas, 1985.

BORGES, Rosane da Silva. **Rádio: A arte de falar e ouvir**. São Paulo, Paulinas, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares para o Ensino Fundamental**. Brasília: Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação, 1998.

BRASIL. **Lei nº 10.172 de 9 de janeiro de 2001**. Estabelece o Plano Nacional de Educação.

CITELLI, Adilson Odair. Comunicação e educação: Implicações contemporâneas. In: CITELLI, Adilson Odair; Costa, Maria Cristina Castilho. (Orgs.). **Educomunicação: Construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, p. 59-76. 2011.

CENTRO EDUCACIONAL MARISTA SÃO JOSÉ. **Plano de Ação**. São José, 2014.

COSTA, João Ribas. **Educação fundamental pelo rádio: alfabetização de adultos e cultura popular por meio de sistemas radiofônicos e recepção organizada**. São Paulo: Empresa Gráfica Editora Guia Fiscal, 1956.

COSTA, Antônio Carlos Gomes da; VIEIRA, Maria Adenil. **Protagonismo Juvenil Protagonismo Juvenil Protagonismo Juvenil**: Adolescência, educação e participação democrática. São Paulo, 2006. FTD. Fundação Odebrecht.

\_\_\_\_\_. **Protagonismo juvenil**: adolescência, educação e participação democrática. Salvador: Fundação Odebrecht, 2000.

DELORS, Jacques (Coord.). Os quatro pilares da educação. In: *Educação: um tesouro a descobrir*. São Paulo: Cortez, 1998.

FEDERICO, Maria Elvira Bonavita. **História da comunicação**: rádio e TV no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1982.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio**: o veículo, a história e a técnica. 2ª ed. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2001.

FERREIRA, Manuela. Os estranhos sabores da perplexidade numa etnografia com crianças em jardim de infância. In: CARIA, Telmo (Org.) **Experiência Etnográfica em Ciências Sociais**. Porto: Edições Afrontamento, 2003.

FERRETTI, Celso J.; ZIBAS, Dagmar M. L.; TARTUCE, Gisela Lobo B. P. **Protagonismo Juvenil na Literatura Especializada e na Reforma do Ensino Médio**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v. 34, n.122, p. 411-423, maio/ago. 2004.

FREINET, Elise. **Nacimiento de uma pedagogia popular.** Laia, Barcelona, 1975.

FREIRE, Madalena (Org.). **Rotina:** Construção do tempo na relação pedagógica. 2. ed. São Paulo: PND Produções Gráficas Ltda, 1998. (Série cadernos de Reflexão).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

\_\_\_\_\_. **Extensión o Comunicación?** La concientzacion en El médio rural. Buenos Aires, Siglo XXI. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1973.

\_\_\_\_\_. **Cartas a Guiné-Bissau.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

\_\_\_\_\_. **Extensão ou Comunicação.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia:** Saberes necessário à prática educativa. São Paulo: Editora Paz e terra, 1997.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

\_\_\_\_\_. **Educação como prática da liberdade.** Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo e GUIMARÃES, Sérgio. **Aprendendo com a própria história.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Madalena. **Educador, Educa a dor.** São Paulo: Paz e Terra, 2008.

GADOTTI, Moacir. **História das idéias pedagógicas.** São Paulo: Ática, 1993.

GERMANO, José Willington. **Lendo e aprendendo: a campanha de pé no chão.** 2ª. ed. São Paulo: Autores Associados; Cortez, 1989.

GOMES, Pedro Gilberto. **Tópicos de teoria da comunicação.** São Leopoldo: Unisinos, 2001.

INSTITUTO DE PLANEJAMENTO ECONÔMICO E SOCIAL [IPEA]. **Rádio educativo no Brasil: um estudo.** Brasília: IPEA, 1976.

JACQUINOT, Geniève. **Image et pédagogie: analyse sémiologique du film à intention didatique.** Paris: Presses Universitaires de France, 1977.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência.** Tradução Susana Alexandria. São Paulo: Aleph, 2008.

LUEDEMANN, Cecília da Silveira. **Anton Makarenko vida e obra**: A pedagogia na revolução. São Paulo: Expressão Popular, 2002.

KAPLÚN, Mario. Uma pedagogia da Comunicação. In: APARICI, Roberto. **Educomunicação**: Para Além do 2.0. São Paulo: Paulinas, 2014.

\_\_\_\_\_. **Una Pedagogía de la Comunicación**. Madrid: Ediciones de la Torre, 1998.

KAPLUN, M. **El comunicador popular**. Buenos Aires, Humanitas, 2002.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos da metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. (Trad. Carlos Irineu da Costa). São Paulo: Editora 34, 2009.

LIBÂNEO, J.C.; OLIVEIRA, J.F.; TOSCHI, M.S. **Educação escolar**: políticas, estrutura e organização. São Paulo: Cortez, 2003.

NOGUEIRA, Maria Alice. **Bordieu & Educação**. 3 Ed. – Belo Horizonte: Autêntica, 2009.



MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Desafios culturais da comunicação à educação.** Comunicação & Educação, São Paulo, [18], p. 51-61, maio/ago. 2000.

\_\_\_\_\_. **La educación desde la comunicación.** Buenos Aires: Grupo Editorial Norma, 2002.

\_\_\_\_\_. **A comunicação na educação.** Tradução de Maria Immacolata Vassallo de Lopes e Dafne Melo. São Paulo: Contexto, 2014.

MEKSENAS, Paulo. Métodos em pesquisa empírica. *In*: MEKSENAS, Paulo. **Pesquisa Social e Ação Pedagógica:** conceitos, métodos e práticas. São Paulo: Loyola, 2002.

MICHELOTO, Antônio Ricardo. **A cidadania do Telecurso:** memórias de um projeto de educação popular. Revista Educação Popular, Uberlândia, jan.-dez. 2006, n° 5.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO [MEC]. **Rádio Escola.** Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seed>. Acesso em: 15 jul. 2015.

MOREIRA, Sonia Virgínia. **O rádio no Brasil.** Rio de Janeiro: Rio Fundo Ed., 1991.

NUNES, Mônica R. **O mito no rádio:** a voz e os signos de renovação periódica. São Paulo: Annablume, 1993.

OLIVEIRA, Alessandra Mara Rotta de. **Do outro lado: A infância sob o olhar das crianças no interior da creche.** Dissertação (Área de Concentração Educação Infantil). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

OLIVEIRA, Jorge Mario de. **Um plano para trabalhar com adolescentes.** Brasilgrafia Gráfica e Editora, 2012.

OROFINO, Maria Isabel. Ciranda de sentidos: as crianças, consumo cultural e mediações. *In: Fantin, Mônica. GIRARDELLO, Gilka (Orgs). Liga, roda, clica: Estudos em Mídia, cultura e infância.* São Paulo: Papirus, 2008.

ORTRIWANO, Gisela S. **A informação na rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos.** São Paulo, Summus, 1985.

PICHETTE, Michel (Org.). **Vivre avec les médias: ça s'apprend!** Québec/Montreal: Centrale de l'enseignement du Québec; Service aux collectivités de l'Université du Québec à Montreal, 1996.

PRIETO CASTILLO, D. **Comunicación, universidad y desarrollo.**Buenos Aires, Plangesco, 2000.

REYZÁBAL, Maria V. **A comunicação oral e sua didática.** São Paulo. Bauru. EDUSC, 1999.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da educação no Brasil (1930/1973)**. 10ª ed. Petrópolis: Vozes, 1988.

ROQUETTE-PINTO, Vera Regina. **Roquette-Pinto, o rádio e o cinema educativo**. Revista USP, São Paulo, nº 56, dez. 2002-fev. 2003, p. 10-15.

ROSSETTI, Fernando. **Educação, comunicação e Participação: perspectivas para políticas públicas**, Brasília: UNICEF, 2004.

RUEDA, Daniela; BESSA, Luiz Felipe. Direitos Humanos e a democratização dos meios de comunicação: a comunicação tratada com a mesma importância dos demais Direitos Humanos. IN: MUNIZ, Alessandro; CORREIA, Vânia (org.) **Juventude e Comunicação: Faça você mesmo**. RENAJO, 2014.

SALGADO, Álvaro. **A radiodifusão educativa no Brasil**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1946.

SARTORI, Ademilde Silveira. **Educomunicação e a criação de ecossistemas comunicativos: diálogos sem fronteiras**. Ademilde Sartori (org). Primeira Edição Florianópolis-DIOESC, 2014.

\_\_\_\_\_. ROESLER, Jucimara. Mídias e Educação: Linguagens, Cultura e Prática Pedagógica. In: **Complexidades: redes e conexões na produção do conhecimento**. Curitiba:

SENAR – PR, 2014, p. 117-130. Disponível em: <<http://www.agrinho.com.br/materialdoprofessor/midias-e-educacao-linguagens-cultura-e-pratica-pedagogica>>. Acesso em: 10 out. 2014.

\_\_\_\_\_. **A prática pedagógica educ comunicativa e a aprendizagem distraída:** criando ecossistemas comunicativos pela mediação escolar. Tecnologia de comunicação e cognição - organizado por Fátima Regis, Anderson Ortiz, Luiz Carlos Affonso, e Raquel Timponi - Porto Alegre: Sulina, 2012.

\_\_\_\_\_. Mídias e educação: linguagens, cultura e prática pedagógica. In TORRES, Patrícia Lupion. **Complexidade. Redes e conexões na produção do conhecimento.** Curitiba: Senar, 2014.

SERRÃO, Margarida; BALEEIRO, Maria Clarice. **Aprendendo a Ser e a Conviver.** 2. ed. São Paulo: FTD, 2000. (Fundação Hodebrecht).

SILVA, Maria Alda, S. **Iniciação a comunicação oral e escrita.** Lisboa. Editorial Presença Ltda, 1986.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Caminhos da Educomunicação.** São Paulo: Editora Salesiana, 2003.

\_\_\_\_\_. Comunicação/educação: a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais. In: **Contato:**

Revista Brasileira de Comunicação, Arte e Educação. Brasília, Ano 1, jan./mar. 1999, n. 2.

\_\_\_\_\_. **Educação à distância como prática educacional:** emoção e envolvimento na formação continuada de professores da rede pública. Revista USP. São Paulo: n. 55, 2002.

\_\_\_\_\_. **Educomunicação:** um campo de mediações. Comunicação & Educação. São Paulo: Segmento, v. 7. n.19. p. 12-24. set./dez. 2000.

\_\_\_\_\_. Gestão comunicativa e educação: caminhos da educomunicação. In: **Comunicação & Educação**. São Paulo, ECA/USP-Editora Segmento, Ano VIII, jan./abr. 2002, no. 23, pp. 16-25.

\_\_\_\_\_. **Práticas Educomunicativas:** grupos Afrodescendentes. Salvador - Bahia. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

\_\_\_\_\_. **Uso educacional do rádio pode trazer alegria e autoconfiança.** Edição 68 – Rádio na Escola. In:  
<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/noticias.html?idEdicao=79&idCategoria=8>. Acesso em 15 de setembro de 2014.

\_\_\_\_\_. **Educomunicação:** conceito, o profissional, a aplicação. Contribuições para o ensino médio. – São Paulo: Paulinas, 2011. – (Coleção Educomunicação)

\_\_\_\_\_. Uma pedagogia da Comunicação. In: APARICI, Roberto. **Educomunicação: Para Além do 2.0**. São Paulo: Paulinas, 2014.

SOUZA, Kamila Regina de. **Desenhos animados e educomunicação: as brincadeiras das crianças e a prática pedagógica da educação Infantil**. Dissertação, 2013.

TAVARES, Reynaldo. **Histórias que o rádio não contou: do galena ao digital, desvendando a radiodifusão no Brasil**. 2ª ed. Ed. Harbra, 1999.

STAMATOS, Maria Izabel Calil. **Protagonismo Juvenil: Uma Práxis Sócio-Histórica de Formação para a Cidadania**. São Paulo. 2009.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

TORO, José Bernardo. **Códigos da modernidade, capacidades e competências mínimas para participação produtiva no século XXI**. 1997 – Colômbia

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

## APÊNDICE

### APÊNDICE A - OFICINA DE RÁDIO

#### OFICINA DE RÁDIO

##### *Justificativa*

No Centro Social Marista São José a proposta da rádio escolar surgiu no ano de 2007, quando, durante as aulas, os educandos da 6ª série do Ensino Fundamental II indagaram a possibilidade de criar uma rádio escolar. Junto com aquela ideia, surgiu o nome *Rádio Coração Marista*, o qual foi aceito, de forma unânime, pelos demais educandos. Percebeu-se que a proposta poderia ser uma oportunidade de participação dos educandos, através da animação dos recreios, e também expressão de suas ideias.

Em 2008 a Rádio já era reconhecida como um meio não apenas de comunicação, mas também de acolhida, troca afetiva e manifestação da cultural juvenil.

Para a implantação efetiva do projeto investiu-se no processo de formação na área de comunicação e na aquisição de alguns equipamentos, tais como aparelho e caixas de som, amplificador de áudio, microfone, *pen drive* e CDs.

No início a rádio funcionava no momento do recreio e ficava sob a responsabilidade de uma equipe de educandos que tinha afinidade em relação ao projeto. No entanto, percebeu-se que os momentos de recreios eram bastante barulhentos, o que contribuía para a desvalorização da proposta da Rádio. Em conversa com os educandos, foi proposto que a mesma passasse a acontecer no horário da entrada de cada turno, como uma forma de acolhida e animação de um momento destinado ao bate papo e à amizade.

Os conteúdos transmitidos pela rádio eram músicas, informações sobre assuntos internos e temas relacionados à comunidade local e global. Algumas ações ganharam destaque

no ano de 2009, como a apresentação dos projetos realizados no Centro Social Marista São José a um grupo de visitantes; um Work Shop em Comunicação; e campanhas temáticas, como a doações, prevenção à Gripe A, entre outros.

Em 2014 a rádio coração marista está com uma nova roupagem, foi construído uma cabine com equipamentos melhores: amplificadores, mesa de som, microfones sem fio, computadores, programas para edição de áudio e vídeo, programa Zararadio para tocar as musicas. As pautas acontecem na acolhida com: notícias, musicas, recadinho inteligente e na hora do recreio tem os quadros: perfil, vivência marista, no mundo dos esportes, correio elegante, momento cultural e entrevistas. Cada equipe elabora uma pauta e um quadro antes de levar a programação ao ar, essa atividade é realizada de modo frequente. A Rádio tem o espaço físico limitado onde os educandos têm dificuldades de manuseio em relação aos equipamentos. Apesar desses contratemplos, não há como negar o entusiasmo e o encantamento dos educandos com esse meio de comunicação. Levando em consideração essa motivação característica dos educandos, o presente projeto pretende estimular o protagonismo juvenil e utilizar esse recurso como aliado no processo educativo, pois “o rádio na escola torna-se um elemento que, enquanto ação educativa, prioriza a autoestima e a autovalorização dos membros da comunidade, permitindo sua expressão através da ampliação de sua voz, tornando-os agentes e produtores culturais” (AZEVEDO e GONÇALVES, 2004, p. 03-04).

Conforme Soares (1999):

Uma rádio na escola favorece o exercício de relacionamentos igualitários e colaborativos entre todos os membros da comunidade educativa, envolvendo professores e alunos. Isso ocorre, naturalmente, quando os educadores valorizam o trabalho em grupo e não as iniciativas isoladas deste ou daquele pequeno gênio. O grande benefício, no caso,



passa a ser de natureza política: os alunos acabam aprendendo que existem outras formas de produzir comunicação, além do modelo clássico, pelo qual o direito de expressão é garantido apenas a indivíduos e grupos privilegiados política ou economicamente.

Soares (1999) comenta que a experiência radiofônica, como brincadeira, permite aos educandos com capacidades diferenciadas expressarem-se simultaneamente enquanto desenvolvem habilidades e a criatividade. O professor deve atentar-se para que cada indivíduo participe em alguma faceta da atividade, o tempo todo, mesmo que seja apenas para manejar o gravador.

A rádio na escola contribui para o desenvolvimento da auto expressão do aluno, que, expressando-se oralmente, revela sua personalidade, permitindo assim que ele exteriorize seus sentimentos, pensamentos e aspirações. Os exercícios radiofônicos ajudam a estimular o desenvolvimento da imaginação, percepção, observação, espontaneidade e relacionamento; capacidades que, somadas, possibilitam que o educando crie e se expresse.

### **Objetivo da escola:**

“Promover uma educação fundamentada nos princípios da Missão Educativa Marista e pautada na visão socioeducativa, valorizando assim, a pessoa na sua totalidade e oportunizando a emancipação dos sujeitos no sentido individual e coletivo” (PSE 2006).

### **Objetivo Geral**

Garantir espaço para participação de crianças e adolescentes como produtores de cultura, integrando-os aos meios de comunicação, como ferramenta facilitadora da acolhida, do ensino-aprendizagem, do acesso à informação, entretenimento e protagonismo juvenil.

<b><i>Objetivo Específico</i></b>	<b><i>Ação</i></b>	<b><i>Resultados esperados</i></b>
1. Oferecer recursos que possibilitem o desenvolvimento efetivo da Rádio	A. Organizar equipes de educandos para integrar a Rádio.	Promover a integração sócio afetiva, a acolhida e o trabalho em equipe, visando evitar a gestão individualizada e o controle excessivo da Rádio.
	B. Promover oficinas de capacitação para os integrantes da Rádio.	Desenvolver ou aprimorar a expressão verbal; Auxiliar no manuseio dos equipamentos.
2. Fazer da Rádio uma ferramenta facilitadora do processo educativo, inspirado na pedagogia Marista.	A. Oferecer uma programação para a Rádio que contribua no ensino-aprendizagem e na transmissão dos princípios Maristas.	Favorecer o comprometimento e o desempenho escolar dos educandos; Tornar presente entre os diferentes personagens da Escola à proposta de Marcelino Champagnat.
	B. Estimular os educandos a elaborarem as pautas da Rádio.	Incentivar o hábito da pesquisa, da leitura e da escrita; fomentar o compromisso, a reflexão e o senso crítico.
	C. Reservar aos educandos a apresentação dos programas da Rádio.	Promover o protagonismo juvenil, a iniciativa e a organização; exercitar a comunicação oral; favorecer o trabalho em equipe e a interação sócio afetiva.
3. Favorecer o acesso à	A. Incentivar a pesquisa e a apresentação de	Possibilitar o conhecimento de

informação	notícias que sejam relevantes para os educandos e para a comunidade.	informações que possam trazer benefícios para as pessoas.
	B. Disponibilizar a programação da Rádio para a comunidade.	Permitir que a Rádio não só fique restrita ao espaço escolar; Incentivar o vínculo Escola – Comunidade.

4 - Abordar e problematizar o conceito de educomunicação e utilizar a rádio para refletir sobre como os adolescentes podem produzir representações de si mesmos diferentes das produzidas pela mídia;

5- Discutir sobre a experiência de ser adolescente; a diversidade deste grupo etário e como a mídia as retrata.

6 - Conhecer e identificar os gêneros radiofônicos.

7 - Refletir sobre o direito à comunicação e a realidade dos meios de comunicação no Brasil, ajudar a desenvolver uma visão crítica da mídia.

8 - Debater sobre juventude e direitos humanos.

9 - Trabalhar o protagonismo e a importância de fazer parte das mudanças que queremos.

10 - Discutir o Modelo de uma sociedade ideal – refletir sobre como “o que queremos” pode mudar “o que temos”.

11- Aprofundar a reflexão sobre política, manifestações de rua e espaços de controle social de políticas públicas.

#### Ações didáticas:

- Leitura, interpretação e debates dos conteúdos propostos.
- Abrir inscrições para os alunos que estão na fila de espera e promover um encontro para reorganizar as equipes de educandos responsáveis pela rádio;
- Promover a identificação dos membros da rádio através de

crachás;

- Elaborar um quadro de horários das equipes;
- Colocar em prática a nova grade da programação da rádio. Além das notícias e das músicas, as quais serão diárias, sugere-se que cada dia da semana aborde um tema específico. Segue a grade da programação:

1º dia: momento cultural (Espaço para recitar poesias, para difundir as produções artísticas dos integrantes da escola, para resgatar a cultura local, etc.);

2º dia: Correio Elegante / Papo cabeça (oferecer a oportunidade de saudar as pessoas com mensagens afetivas);

3º dia: vivência marista/ Perfil (difundir os objetivos da missão marista, adquirir conhecimento, entretenimento e socialização da equipe da rádio com seus colegas).

4º dia: No mundo dos esportes (Espaço para divulgar dicas, notícias e demais informações relacionadas a essa área).

5º dia: entrevistas (Quadro reservado para os educadores/ Educandos e colaboradores pra contar um pouco da sua história e profissão);

Propõe-se que haja rodízio nas apresentações dos programas, para que cada equipe da rádio tenha contato com as diferentes áreas. Os programas não terão um dia fixo.

- A pauta será realizada com um dia de antecedência. Para tanto, cada equipe terá um horário reservado no contraturno, para desenvolver a pauta;

- A pauta será elaborada na cabine da rádio e no computador da sala pesquisa do Centro Social Marista. O local estratégico que fica ao lado da Biblioteca, importante fonte de informação;

- Será oferecido às equipes um roteiro para ajudar na elaboração das pautas. Nele constará um espaço para a saudação, para a apresentação da equipe, para o resumo da programação do dia, para as músicas escolhidas, para as

notícias, para o desenvolvimento do tema diário específico, para o recado inteligente e para o encerramento. Todo o conteúdo do roteiro, porém será desenvolvido pela equipe. Este roteiro, assim como as pautas elaboradas, ficaram armazenadas numa pasta de documentos da rádio no computador da sala de pesquisas.

- A rádio irá ao ar sempre na Acolhida das aulas, durante 15 minutos e cada dia da semana uma equipe específica será responsável pela apresentação da programação. As equipes do período matutino deverão chegar à escola às 07:20 h, para dar início ao programa às 7:30 h. As equipes do período vespertino deverão chegar à escola às 13:05 h, para dar início ao programa às 13:15 h;

- No item da pauta referente à notícia, os integrantes da rádio vão pesquisar as informações com membros do centro social (diretor, coordenador pedagógico, educadores, assistentes sociais, etc.) e nos locais de referência na comunidade (posto de saúde, centro comunitário, etc.).

- Será elaborado com cada equipe uma reportagem sobre um tema específico do interesse dos educandos, estimulando a pesquisa e o trabalho em grupo.

- No início de cada oficina terá uma dinâmica de grupo, jogos teatrais e logo após será abordado um tema referente a rádio. Vamos enfatizar a construção de um roteiro para fazer uma reportagem e todos os passos para elaboração da notícia.

### **Ações e conteúdos da rádio**

1º Trimestre

- História do rádio
- O que é comunicação?
- O que é notícia?
- Redação para rádio
- Elaboração da pauta
- Linguagem da rádio

- Gêneros e formatos (Tipos de Programas)
- A produção de vinhetas, comercial, dicas de saúde, banco de ideias, curiosidades, spots e jingles.
- Como fazer uma entrevista? Tipos de entrevistas.
- Construção da pauta
- Estrutura e construção da reportagem
- Funções da equipe.
- Escolha e elaboração dos quadros.
- Será elaborado com cada equipe uma grande-reportagem sobre um tema específico do interesse dos educandos, estimulando a pesquisa e o trabalho em grupo.
- Como controlar o medo.
- Tom e inflexão da voz.
- Apresentação no dia do livro.
- Jogos teatrais.
- Exercícios de Relaxamento.
- Exercícios de Expressão Corporal.
- Cobertura dos principais eventos. (Olichamp, Paixão de Cristo, Ação Champagnat, missão marista, dia do Champagnat).
- Apresentação no dia da comunicação

## 2º Trimestre

- Expressão verbal e gestual. (repórter e apresentador)
- Exercícios de relaxamento.
- A produção de vinhetas, comercial, dicas de saúde, banco de ideias, curiosidades, spots e jingles.
- Nascimento de Marcelino Champagnat - Apresentação de uma mímica. Cobertura.
- Serenata contra a exploração
- Dia de São Marcelino Champagnat. Apresentação de poesias. Fantoches na acolhida.
- Cobertura e divulgação da Olichamp 2015
- Recepção dos educandos no segundo semestre. Cobertura com a rádio.

- Improvisação
- Festa temática recepção do segundo semestre
- Dia do marista (15 de agosto)

### 3º Trimestre

- Produção sonora Experimental
  - Radionovela
  - TVQ e rádio ao vivo com participação das turmas.
  - A produção de vinhetas, comercial, dicas de saúde, banco de ideias, curiosidades, spots e jingles.
  - Oficina de Educomunicação (grupo Educom Floripa - UDESC) – Parcerias.
  - Oficina de Edição (participação especial) – Formação.
  - Produção de Texto: Dissertação, narração e Descrição. Convidar uma professora de português.
  - Exercícios de relaxamento.
  - Oficina de contação de histórias e Interpretação.
  - Show de talentos. (cobertura e produção)
  - Semana da Criança
  - Sarau de poesias parceria com a biblioteca.
- Produção e Cobertura.
- Mostra científica – cobertura Rádio.
  - Semana nacional da música (cobertura) - Pauta
  - Acampamento da PJM
  - Programa de Natal (apresentação e cobertura)
  - 2 festas temáticas pedagógicas. Fazer uma pesquisa com os educandos.
  - Rádio e tvq itinerante (Programa de auditório, parceria com as escolas vizinhas).
  - Visita a uma rádio profissional.

## **APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO**

### **Termo de consentimento livre e esclarecido (entrevistas)**

Prezado(a) Senhor(a): Meu nome é Edemilson Gomes de Souza, aluno regular de mestrado do Programa de Pós-Graduação da UDESC (PPGE) da Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC), orientado pela Professora Dr. Ademilde Sartori. Estou desenvolvendo a pesquisa intitulada: **EDUCOMUNICAÇÃO E PROTAGONISMO JUVENIL: CONTRIBUIÇÕES DE UMA RÁDIO ESCOLAR**, que tem por objetivo Compreender como o Projeto de Rádio Escolar pode contribuir para o protagonismo juvenil no Centro Educacional Marista São José. Nesta pesquisa haverá a participação de monitores que serão entrevistados em um roteiro semiestruturado. Ao participar desta pesquisa seu filho não terá nenhum gasto ou risco. Para garantir o anonimato e o sigilo das informações, seu filho não será identificado e os dados ficarão sob minha guarda, sendo utilizados para fins científicos, sem qualquer divulgação de sua identidade, para certeza de manutenção do sigilo. Se você necessitar de mais esclarecimentos ou, durante o estudo, quiser retirar o seu consentimento, sinta-se à vontade para entrar em contato comigo. As entrevistas serão individuais e realizadas em dia, local e horário da sua conveniência e de seu filho. Nesses termos, tendo sido devidamente esclarecido (a), autorizo meu filho a participar do estudo proposto e concordo com a divulgação pública dos resultados.

Agradecemos a vossa participação e colaboração.

CONTATO DO PESQUISADOR: Mestrando:  
Edemilson Gomes de Souza E-mail:  
edemilsomgomes@hotmail.com - Telefone: 48- 98053401.



## TERMO DE CONSENTIMENTO

Eu,

\_\_\_\_\_,  
autorizo meu filho a participar da pesquisa descrita acima.  
Declaro que fui informado (a) sobre todos os procedimentos da  
pesquisa, que recebi de forma clara e objetiva todas as  
explicações pertinentes ao projeto e que posso retirá-lo do  
estudo a qualquer momento. \_\_\_\_\_,

\_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Local Data

\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante

Confirmo ter dado todas as explicações aos pais do  
participante sobre os objetivos, o tipo e os riscos inerentes ao  
estudo.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do pesquisador

## APÊNDICE C – CATEGORIAS DE PESQUISA

Tabela que gerou as categorias:

Códigos	Nº de vezes que apareceu no texto
Autoconfiança	21
Autonomia	9
Autorealização	11
Cidadania	18
Cidadãos críticos	5
Compromisso social	15
Cooperação	10
Desenvolvimento	21
Diálogo na comunidade escolar	15
Empoderamento	10
Falante	7
Habilidade de comunicação	22
Informação	10
Iniciativa	14
Interação	27
Jovem falando para jovem	15
Mediador	5
Melhora o desempenho	12
Participação	22
Participação democrática	10
Relações interpessoais	13
Resolução de problemas	14
Responsabilidade	13
Rotina	26
Trabalho em equipe	9

## ANEXOS

### ANEXO A - ENTREVISTAS

#### Entrevistas A

1 – Edemilson - Olá A, eu gostaria que você falasse o seu nome todo, a sua idade, contasse um pouquinho da sua história, até chegar aqui na radio Coração Marista, sua trajetória.

Resposta : A - Então, é, meu nome é Heitor dos Santos Miguel Junior. O mesmo nome do meu pai, por isso o Junior. Eu tenho 17 anos, estudo no Marista, estudava porque agora completei o ensino médio. Estudei por 11 anos no Marista. Eu cheguei aqui no Marista com a idade de 6 para 7 anos. Não fiz o prezinho na época quando eu comecei a estudar tinha o prezinho ainda mais eu não fiz porque senão eu ia ficar atrasado e entrar só no ano seguinte pra primeira série. Então, como eu sabia as coisas básicas, que eu tinha aprendido já na creche, como, equações básicas de “mais”, subtrair e tal, eu fui passado para primeira.

Falando um pouco mais sobre a minha história. Fora do colégio sempre fui na igreja, desde pequeno com os meus pais, sou da igreja Assembleia de Deus. Sempre participei de movimentos jovens, desde pequeno. No conjunto, eles são classificados em ordem de idade, então, eu participei desde o maternal. E agora estou participando dos jovens. Então eu participei do maternal que era bem infantil mesmo, depois participei do grupo infantil. Depois do grupo pré-adolescentes. E agora to participando do grupo de jovens.

Falando um pouco mais sobre a vida aqui na escola. Foi bem difícil. A gente até brinca assim, “ah, foi onze anos”. Parece que passou rápido, mas se for olhar, foi construído bastante coisa. Um pouco da minha história foi construída aqui no

Marista. Com 11 anos dá pra dizer que a gente viveu bastante coisa. Fiz bastante amizade, conheci muitas pessoas. Algumas até que quando eu entrei, que entraram junto, conseguiram chegar até o final junto. E outras, infelizmente, por várias circunstâncias, pararam, mudaram de escola, se mudaram, várias coisas. Eu até tive dois amigos de infância que ainda vejo eles de vez em quando, mas pararam de estudar por conta das má-companhia que, querendo ou não foram influenciados a sair da escola e ir pro tráfico. Achando que era um caminho mais rápido pra ganhar dinheiro, melhor, e acabaram indo. Outros amigos também pararam de estudar porque, algumas meninas que eu conhecia engravidaram, ou que precisaram ajudar em casa, meninos também, por conta dos pais não terem condições de bancar os filhos, infelizmente são obrigados a parar os estudos pra poder ajudar em casa.

Falando mais então do estudo. Foi bem difícil. De 11 anos 2 só eu passei direto, o resto eu sempre fiquei em recuperação. Fui sempre de falar bastante em sala. Digamos assim, eu sou um aluno de média entre 8 e 9, quando me esforço. Mas geralmente tirava nota mais baixa por conta de mau-comportamento por conversar bastante em sala. Eu sempre fui de me comunicar bastante, sempre gostei de falar. As vezes falava na hora certa, as vezes falava na hora errada. E isso as vezes me prejudicava.

Edemilsom - Como foi a sua chegada na Rádio Coração Marista?

Resposta: A - Então, a Rádio Coração Marista ela já existe desde 2007. Eu entrei na radio quando eu comecei a fazer violão, que foi quando Edemilsom entrou no colégio em 2010. Então foi em 2010 que eu entrei na radio e entrei também na oficina de violão. O Edemilsom trouxe várias ideias novas quando ele entrou no colégio, até me lembro do dia em que ele

passou de sala em sala. Fez uma dinâmica com os papéis que as pessoas escreviam algum sentimento ou “Me Abrace, Me dê um Sorriso”. Fez essa dinâmica e apresentou as oficinas dele. As oficinas que ele estaria propondo no ano seguinte. Então, no ano seguinte foi feito o sorteio, por acaso eu não passei nesse sorteio mas eu falei com o Edemilson, falei que estava bem interessado a fazer a radio e a oficina de violão. E ele propôs então que eu pudesse fazer. Nisso então eu comecei a fazer o violão e a radio. Os dois eram em dias distintos, então eu podia fazer os dois.

Quanto a radio, eu acho que a radio me ajudou bastante. A rádio e o violão que foram duas oficinas que eu fiz praticamente juntas. Ajudou bastante pra conhecer os equipamentos. Num dia a gente fazia de tarde, a pesquisa do material, notícias... E no outro dia de manhã - se eu não me engano era na segunda -. Na segunda feira a gente pesquisava de tarde os materiais. Notícias que tinham acontecido na comunidade e tal. Fazia um relatório do que a gente tinha aprendido na segunda feira. Na terça feira de manhã a gente passava, ligava a radio, colocava música. E isso foi bem no comecinho, quando eu comecei também na radio e no violão.

Edemilson - Fale um pouco da sua experiência com a Rádio Coração Marista e a importância dela pra você, a rotina e evento do dia a dia. E fale um pouco também sobre o último movimento de monitoria do ano passado, que vocês tocavam os rádios sozinhos. Como faziam as pautas. Como foi esse processo?

Resposta: A - Então, no começo a gente praticamente aprendeu bastante a fazer pauta. Como se portar, como falar no microfone, como dar entonação de voz pra notícia boa ou notícia ruim. E isso foi tudo no começo quando eu comecei a participar da radio. Eu fazia ela em horário oposto ao horário da aula. Então, eu fazia a radio e a oficina na parte da tarde.

Então eu criava as pautas pra apresentar no outro dia. No começo era bem simples, então era só criação de pauta, depois quando fui ficando mais velho. Foi quando eu tava já no primeiro e segundo ano daí teve a parte mais, digamos, mais profissional da radio, que vincula música, mexer nos equipamentos, cobrir eventos. Essa parte já foi um pouco mais complicada porque precisava de um pouco mais de responsabilidade. Então envolvia mais de um fator. Na criação de conteúdo então pra vir aqui, eu mexia na radio sexta, colocava música e tal. No começo, digamos, foi bem complicado assim, porque no começo a gente tinha que vim, arrumar o equipamento tudo sozinho, escolher música. O complicado de se lidar com uma radio é que você tem que colocar música, e a música você tem que agradar diversos gêneros. Então de todo mundo que está escutando você tem que colocar uma música que seja agradável a todos. Isso é bem difícil porque sempre tem um ou outro que não gosta de tal gênero . Então, é um pouco complicado.

Edemilson - E como vocês lidavam com essas situações do dia a dia?

Resposta: A - Por exemplo, quando dava conflito de música, por exemplo, gêneros musicais; tem muita gente que gosta de rock, tem gente que já odeia rock. Tem muita gente que gosta de funk, tem gente que já odeia funk. Então o que a gente fazia? A gente anunciava na radio a escolha de música. A pessoa poderia vir aqui na porta da radio e escolher uma música. Então era muito mais fácil porque quando colocava música que, digamos assim, não agradava todos era culpa da pessoa que tinha escolhido. Então, claro que a música não poderia ser de baixo calão, não poderia ter palavras de baixo calão. Mas o gênero poderia ser a vontade à escolha da pessoa. Então, a pessoa vinha, falava o nome da música. Eu estava aqui e colocava a música pra todo mundo escutar. Nessa parte eu já

estava como monitor.

Edemilson - Como era o convívio com o grupo, na hora de apresentar e gerir a rádio sozinho?

Resposta: A – Na parte de direção, digamos assim, da radio, é um pouco complicado porque você tem um tempo limite de quanto tempo a radio pode ficar passando que era uns 15 minutos antes de começar a aula e os 15 minutos do recreio. Então, você tem que tentar enquadrar as músicas, os fades das músicas que é quando a música dá uma abaixada pra você passar alguma notícia ou alguma coisa sobre a rádio, então você tem que tentar controlar o máximo de tempo e maximizar a programação. Então, tentar colocar bastante músicas, tentar colocar bastantes notícias, informações. Tentar maximizar esse tempo que você teria que são 30 minutos no total. Tem bastante gente que daí tenta, quando a gente tinha a oportunidade de apresentar alguma coisa, alguém cantar alguma música. Tem que tentar sempre enquadrar o tempo de que a pessoa que está falando tem um tempo pra falar. A próxima tem tanto tempo pra cantar ou alguma coisa assim. E tem as músicas, não pode parar a música, então, tem que ter música de fundo, a música sempre tem que durar o tempo certo. Não a mais e não a menos. Pra tentar enquadrar, porque se, por exemplo; se coloca uma música, e no comecinho da música bate o sinal a galera fica chateada porque muitas vezes é uma música que é do agrado de bastante gente e acaba cortando a música. A preocupação da música também é bem importante porque, no começo do recreio eu preferia sempre colocar uma música mais agitada pra agitar o pessoal, pro pessoal escutar “Tá começando a radio”... e quando ia acabando a radio eu tentava colocar uma música mais lenta pra acalmar o pessoal pra entrar em sala senão era difícil os professores daí conter os alunos dentro das salas pois ficavam bastante agitados. Querendo ou não, a música influencia

bastante nesse aspecto.

Edemilson - Como era a relação do grupo, convivência de vocês, na questão das escolhas, pautas, o que falar. Questão da música, convivência no dia a dia dentro da cabine da radio já que era uma galera. Era dividido por equipe, mas como era a convivência de vocês?

Resposta: A – Então, a convivência era bem amistosa assim, a gente tentava enquadrar os gostos de todo mundo que estava ali. Pra pauta, como era um grupo, geralmente dois ou três, não era tão difícil porque o espaço também é pequeno da radio, então não dava pra ser muita gente. Geralmente o grupo, ele se enquadrava num gosto, um gênero musical. Praticamente, pelo menos comigo, sempre acontecia assim, os mesmos gostos, então, quando um sugeria uma pauta ou uma música já era de agrado de todos, então não era muito difícil essa escolha. Então conflitos a gente nunca teve, sempre chegava num acordo. Como são 15 minutos, podia ser 5 minutos de tal gosto, 5 minutos de outro gosto, então não tinha tanto conflito assim.

Edemilson - Você via alguma diferença de antes de participar da radio e hoje, agora?

Resposta: A - Não só da radio como de todas as oficinas que eu já participei, eu acho que todas acrescentam. Todo conteúdo que a pessoa pode aprender e desenvolver, eu acho muito importante. Então a radio, como uma das oficinas que eu já participei me ajudou bastante, na fala, na parte de perder a timidez, querendo ou não a gente fica de frente com o público, não é como uma rádio convencional que só está escutando, aqui você tem como ver também, porque é uma caixa com um espelho na frente. Então o pessoal que está escutando consegue ver quem ta ali. Então pra você dar uma noticia era um pouco complicado no começo. Até me lembro que no começo eu ficava com tanta vergonha que eu ficava abaixado aqui atrás pra falar alguma noticia, e hoje em dia já não, hoje em dia eu já



posso falar notícia e tal já de frente com o público sem tanto problema, mas eu me lembro que no começo era bem difícil. Tanto a postura que tinha que ficar aqui. EU comecei a rádio em 2010, então houve uma grande evolução nesse tempo, nesse período depois que eu entrei na rádio, eu acho que me ajudou bastante, tanto na oratória quanto na maneira de se expressar, isso ajudou bastante.

Edemilson - Como foi a sua vida fora da escola, no período de estudando, terceiro ano?

Resposta: A - Então, falando de como foi o período ali quando eu tava acabando o ensino médio. No final do ensino médio, no começo do ano, eu me lembro que eu comecei a participar da rádio, era toda sexta-feira, eu vinha aqui na parte da tarde só mesmo pra tocar a rádio. Não tinha essa parte de notícias, era mesmo só pra colocar uma música pra alegrar o pessoal, colocar diversos tipos de músicas. Foi um pouco difícil porque eu trabalhava de manhã, na verdade era um curso remunerado. Depois que eu saía do curso eu tinha que vir direto pra cá, porque começava 13:15 aqui. Vinha sem almoçar pra rádio. Vinha pra cá, colocava a música, depois ia pra casa, daí faltando alguns minutos pro recreio eu vinha pra cá, abria a rádio de novo e colocava música. Foi um pouco difícil pra conciliar, mas eu fiquei nesse trajeto até metade do ano, mais ou menos, que foi quando eu comecei a dar aula de edição de vídeo aqui no colégio. Ai foi trocado a equipe, foi colocado mais uma equipe pra ficar aqui na rádio que ocupou o meu lugar que era na sexta-feira.

Edemilson - O que você está fazendo pra melhorar a sociedade, o que você já fez e o que você pretende fazer?

Resposta: A - Pra melhorar a sociedade eu acho que, uma vez eu escutei de um professor, ele falando assim: “Se você quer mudar o mundo você tem que começar com a educação”. Eu

acho muito importante que todos tenham acesso a educação. Então da minha parte, sempre que puder, estiver ao meu alcance ter a ênfase na educação, eu acho que seria a coisa mais importante pra melhorar a sociedade, seja em qualquer tipo, seja na educação, digamos assim, no conteúdo, seja em tudo. Não só na visão, mas no salário também, pra melhorar a condição financeira. Eu acho que se você quer melhorar a sociedade ou as pessoas em volta de você, tente melhorar com a educação. Eu acho que é um dos melhores e únicos meios assim que você tem como melhorar a capacidade da pessoa, do ser mesmo como pessoa, ser uma pessoa melhor. Eu acho que você tem que tentar melhorar com a educação.

Edemilson - E hoje, o que você está fazendo pra isso?

Resposta: A - Atualmente eu estava desenvolvendo, até o final de 2014, desenvolvendo uma oficina que era com ênfase em edição de vídeo, onde eu passava conceito de edição de vídeo e informativa básica para as pessoas da sociedade e da comunidade em geral.

Edemilson - Imagine que estão tirando a radio da escola. O que você faria se isso fosse verdade?

Resposta: A - Eu acho que eu tentaria mostrar qual o valor da radio primeiramente. Tentar mostrar o que tem por trás da radio, que não é só um radio que você escuta música, e sim que tem todo um trabalho que é feito com o educando, de melhorar a oratória, melhorar a postura, melhorar o próprio ser do aluno mesmo. Eu acho que com esses pontos já daria pra mostrar o real valor que tem a radio atualmente aqui no nosso colégio Marista.

Edemilson - Qual a importância da radio para comunidade escolar?

Resposta: A - Bom, a radio então, ela está ajudando os educandos, os educandos vivem aqui nessa comunidade. Então você ajudando os educandos, que são moradores, futuros pais, futuros homens, mulheres, trabalhadores, então você começando, digamos assim, da semente, você vai ter futuramente uma arvore com bastante fruto se você cuidar dela desde o começo, então se cuidar bem aqui, agora dos educandos, enquanto são pequenos, quando forem maiores, eu acho que eles vão dar os bons frutos que foram ensinados lá atrás quando eram menores.

Edemilsom - Quando eu falo da comunidade escolar, eu falo de um todo. Qual a relação da radio com a escola toda? Com todos os setores, cozinha, direção, etc.?

Resposta: A - Então, a rádio, como ela tem caixa espalhada pelo colégio inteiro, então eu acho que ela abrange o colégio inteiro. Tem caixas em toda lateral da escola. Então todo mundo que está dentro do colégio consegue escutar, ficar dentro das noticias que são passadas, as pautas dos educandos, as músicas que estão sendo tocadas e eu acho isso bem legal e bem interessante assim, além de ajudar no desenvolvimento do educando, ainda dá algumas ofertas como, escutar música, ter notícias... Pelo menos no meu tempo, quando eu estava na radio, a gente colocava noticias do dia, noticias grandes, a gente sempre estava dando ênfase aqui na radio.

Edemilsom - Eu sei que a galerinha da radio, eles vão a todos os espaços da escola. Com quem que eles conversam? Como é que se dá esse movimento?

Resposta: A - Então, é, eu me lembro que bem no começo da radio, a gente fazia as pautas um pouco olhando nos sites e um pouco falando com os próprios professores, se eles tinham

alguma novidade, algum recado pra passar. Então, os professores gostavam bastante porque volta e meia sempre tinha um recadinho pra dar, então, dando no modo geral, todos iriam ficar cientes, não precisava ficar passando de sala em sala, era bem legal isso no começo. As vezes a gente ia nas salas, as vezes encontrava o professor no corredor e perguntava se tinha alguma notícia ou alguma coisa pra falar na rádio, que a gente estaria anunciando.

Edemilson - Eu vi que na rádio tinham vários quadros. Como se dava esse processo?

Resposta: A - Então, quando a gente fazia essas atividades, como perfil, perfil era um jogo, vou falar sobre perfil, foi um dos que eu participei. Perfil, a gente chamava, anunciava na rádio que no dia estaria tendo o perfil que é um jogo onde você tenta adivinhar com algumas características o nome, objeto ou alguma coisa, desde monumento, tipos de profissão, qualquer coisa de qualquer gênero. NO perfil a gente tinha um papelzinho que tinha as dicas, a gente chamava os alunos, falava “Vai ter perfil hoje”. Vinham os alunos interessados. A gente tinha sempre um brindezinho, uma camiseta, um broxe alguma coisa, oferecia aquilo como brinde e chamava os alunos. Entre os alunos, escolhia algum, quando era escolhido então, começava a fazer as perguntas. Se o aluno acertasse ganhava o brinde. E assim funcionava esse quadro, que era um dos únicos que eu participei. No quadro tinha que ter cuidado do que falar, o que perguntar pro público algo, porque não poderia fazer uma pergunta muito difícil pros mais pequenos, não fazer uma muito fácil pros maiores. Então, sempre tentar equilibrar.

Edemilson - Tudo isso vocês faziam sozinhos?

Resposta: A - Sempre tinha um monitor maior, que seria um professor, sempre tinha o auxílio de um professor por perto pra

garantir que estava sendo feito correto.

Edemilson - Isso no caso na oficina. Mas quando estavam a sós vocês, os monitores, vocês faziam a pauta sozinhos?

Resposta: A - Isso, quando só estavam os monitores aqui então a gente fazia o trabalho, mas geralmente a apresentação da pauta que tinha sido feita, era feita com o auxílio de um professor, na maioria das vezes. Claro que alguns casos ele estava ocupado com alguma coisa, não tinha como está aqui, mas na maioria das vezes era feito com auxílio de um professor pra ter o cuidado do que está falando. A Pauta sempre antes de ser apresentada era revisada pelos integrantes e pelo professor antes de ser anunciada.

Edemilson - Qual a relação da rádio com a sala de aula?

Resposta: A - Eu acho que como eu já tinha falado do melhoramento do aluno, de como eu tinha melhorado. Eu acho que a relação que temos aqui hoje do educando com a rádio seria na parte ali de com a apresentação de quadros, na frente de todo mundo, de ter que apresentar as coisas, eu acho que melhorava o comportamento na sala. A própria apresentação de trabalho, no comportamento em geral, eu acho que isso acarretava em bastantes benefícios assim pros professores em sala, pros alunos, pro rendimento do aluno. Eu acho que isso ajudava bastante. Tornamo-nos mais críticos em relação às mídias não sendo manipulados facilmente. Lutamos pelo direito a comunicação. A nossa postura em relação à política é outra nos posicionamos procurando conhecer os nossos direitos. Automaticamente nossa relação com os colegas melhoram porque temos que dividir as tarefas, cada um faz uma parte, aprendendo respeitar a ideia do outro.

Edemilson - Em relação à escrita, em relação à oratória você

viu algum ganho?

Resposta: A - Com certeza um ganho bem grande porque quando não dava pra fazer no computador a gente fazia escrito, mas geralmente era feito no computador a pauta, mas mesmo assim por estar fazendo a pesquisa, por estar escrevendo alguma coisa, sempre tinha que escrever algo a mão, os nomes. Então isso ajudava bastante. Sempre estar fazendo aquilo ali, a pessoa vai começando a pegar prática tendo que escrever tantas coisas, tendo que dar conta de fazer a pauta. Isso sempre era bem bacana.

Edemilson - O que a radio significa pra você?

Resposta: A - Significa como um aprendizado, como um curso fora de sala. Como estava sendo em outro período, eu acho que estava sendo um aprendizado fora a parte, eu acho que todo aluno tinha que ter essa experiência de fazer uma oficina, seja ela radio, seja o TVQ. Eu acho que é bem importante, é bem legal. Sempre soma na vida da pessoa, é um conhecimento a mais que a pessoa vai ter pra carreira profissional.

Edemilson - Ao participar dessas oficinas de radio, isso contribuiu com o teu desempenho fora da escola nas atividades da igreja, na comunidade, atividades extraclasse, contribuiu no que?

Resposta: A - Contribuiu desde a postura, até a comunicação, perder um pouco a timidez, me ajudou bastante. Querendo ou não a pessoa sempre tem um pouco de receio do que vai falar, do que os outros vão pensar de quando a gente falar. Então a radio me ajudou bastante nisso que, sempre a gente pensava no que iria falar. E não ter mais medo assim, botar pra fora. A pessoa está pensando tal coisa e expressar um pensamento que muitas vezes é o certo e a pessoa está com medo de falar. Então

isso me ajudou bastante, em apresentação fora, na igreja, se a pessoa tinha que apresentar alguma coisa, um teatro, já tive que apresentar. No começo a pessoa fica tremula, um pouco com medo, mas depois passa aquele um minutinho que a barriga fica passando borboletas. O texto que você não consegue se concentrar. Ajudou bastante na parte de se concentrar. A pessoa sempre fica com um pouco de medo, de receio, mas depois vai.

Edemilson - E em relação aos eventos. Muitos eventos da escola, os apresentadores eram os educandos e muitos eram alunos da rádio Coração Marista, não é? Boa parte dos eventos, show de talentos, paixão de cristo. Como era isso? Cobertura da Olichamp, TVQ de rua?

Resposta: A - Esse assunto, digamos assim, gera um assunto fora a parte. Porque dentro da rádio é uma coisa se concentrar, porque é um grupo, como eu tinha falando de 2, 3, até 4 pessoas assim, um grupo já grande. Fora é uma cobertura onde que todo mundo quer participar, então é bem difícil ter uma orientação pra o que cada um irá fazer, como vai fazer, se está fazendo direito. Então, o orientador sempre tem que ter essa preocupação de ver o que os alunos estão fazendo, se estão fazendo da maneira certa. Porque numa cobertura via rádio, por exemplo, a gente tinha que capturar os áudios, capturar a entrevista, escrever no punho mesmo o que cada um estava falando. Isso é bem complicado porque você tem tempo, tem o tempo da entrevista que o pessoal geralmente dá, tem o tempo ali que a pessoa tem ali pra poder fazer essa entrevista. Tudo tem que ser controlado. Também tem, como vai chegar na pessoa, tem gente que fica com um pouco de receio da entrevista e tal. Como é, por exemplo, a Olichamp que é uma coisa de escola, com alunos. Os alunos geralmente são um pouco mais tímidos pra falar com câmeras, com gravador. Então é bem complicado, a pessoa sempre tem que ter aquele

cuidado a mais do que vai falar, como vai fazer a pergunta, tudo isso tem que trabalhar bastante. E isso a radio então ajudou bastante porque a gente tinha a experiência de primeiro fazer aqui, como a gente fez a cobertura da Olichamp. E depois fazer fora da escola que já é um outro ângulo também que a gente tem. Porque lá você vai ver pessoas que não estão no seu dia a dia, pessoas que você nunca via na vida e vai ter que chegar ali pra perguntar. Isso tira muito a timidez da pessoa. Você está no colégio, você conhece aquela pessoa, nem que seja de vista, fazer uma pergunta pra ela não é tão difícil, mas imagina uma pessoa que você nunca viu na vida? Você não sabe qual reação que ela vai ter, se ela ta num dia boa, se ela está num dia ruim. Como ela vai receber essa pergunta e isso então é bem difícil no começo. E nisso a rádio ajudou bastante. Depois, assim, pra fazer e entrevista, ficou bem mais tranquilo depois que a pessoa faz certo tempo, certo período já de entrevistas, a pessoa vai se acostumando a ver como as pessoas reagem perante a câmera, perante as perguntas. Então a radio ajudou bastante nesse sentido também.

Edemilson - Você pode me contar alguns eventos que você participou pela radio E TVQ?

Resposta: A - Eu participei na radio e na TVQ, os dois juntos. Eu participei na Olichamp, que foi aqui dentro do colégio.

Edemilson - O que é Olichamp?

Resposta: A - Olichamp é a sigla de “Olimpíadas” e “Champagnat”. Champagnat foi o fundador do colégio marista. Então seria a união dessas duas coisas. Olimpíadas de São Marcelino Champagnat, seria no colégio, onde a escola propõe atividades físicas para os educandos, com pontuação, como se fosse uma olimpíada. Cada classe, digamos assim, seria um país então. Cada turma disputando com cada turma. A escola



organiza tudo isso. E a gente faz a cobertura do evento. O que a gente faz nesse evento? A gente procura os educandos, pergunta como está sendo; primeiro a gente pergunta pra diretoria, o que vai acontecer, pra informação na radio. Pros alunos a gente pergunta o que eles estão esperando, expectativas. No evento a gente faz a cobertura de tudo o que está acontecendo. Seja de qual sala está ganhando, qual sala está com menos pontos. De tudo isso, a gente faz essa cobertura, tudo na Olichamp, que seria então esse evento que ocorre no Marista.

Edemilsom - Teve algum outro evento que você participou?

Resposta: A - Teve um evento em Curitiba que a gente foi viajar. Foi eu mais um professor e mais o Edemilsom. A gente foi apresentar o que a gente tinha trabalhado no projeto. Eu no meu projeto de edição de vídeo, o Edemilsom no projeto de radio e TV, e um outro professor, o Edgar que é um professor de história aqui do colégio que desenvolvia um trabalho aqui na escola também como auxiliar na parte de robótica que era uma oficina também extracurricular aqui da escola. A gente foi pra Curitiba pra fazer isso, pra mostrar os nossos projetos, então isso também a gente teve uma cobertura de imagens, do que estava acontecendo, isso depois também virou notícias aqui pra radio. Outro evento também foi um no começo do ano, o Congresso Marista. Um congresso onde reuniu vários professores, com palestrante, e isso pra mim foi uma das maiores, digamos assim, entrevistas que eu já tinha feito. Foi pra um publico bem grande, com professores. Onde você tem que ter um cuidado maior do que vai perguntar por que são todos estudados, então, a colocação que você vai ter que ter a postura, a fala, como você vai se portar falando as palavras certas, tentar não errar, essas coisas assim porque são todos professores que estão avaliando o que você está falando.

Edemilson - Você acredita que a radio contribui pra formação do cidadão?

Resposta: A - Acredito sim, porque como me ajudou bastante, eu acho que pode ajudar pra outras pessoas. E eu recomendo bastante, até pra escolas que não tenham locais como uma oficina extracurricular pros alunos e pra quem já tem a oportunidade de fazer eu recomendo bastante, eu acho que só tem a acrescentar todo o conteúdo que vem de fora assim que na parte da educação é algo que ninguém pode tirar de você, o aprendizado que você tem, isso é uma coisa bem importante.

## **Entrevista B**

Edemilson - Olá B, me conta um pouquinho da sua história de vida.

Resposta: B - Vamos ver, eu nasci dia 2 de julho de 2000. Com 1 ano e 8 meses de idade eu fui pra minha primeira creche, no Gira-Sol, lá no centro. Fiquei lá até uns 4 anos, fui pra creche da minha tia, onde eu convivi com bastante amigos, crianças e já com as regras mais chatinhas. Depois eu fui pra creche do Morar Bem, lá os professores não eram muito legais, implicavam muito comigo, quase todo dia levava bilhete na agenda sem ter feito nada ou só porque eu quis brincar mais. E nessa creche, uma vez eu encontrei um soldado de chumbo na educação física, o professor de educação física me fez ficar em cima de uma carteira e disse assim: esse guri roubou um soldado de chumbo. Ele foi injusto comigo, porque eu não tinha roubado, eu tinha achado esse soldado. Depois disso minha mãe quis trocar de escola, de creche já porque eu já tinha 6 anos e ela veio pra cá, ela conversou aqui com os coordenadores pra ver como que eu fazia, e tinha que ter 7 anos completos. Então eu esperei mais 1 ano. Aqui na primeira série foi tudo de bom, até que na quinta ou sexta série eu conheci a

rádio e o Edemilson, é claro. Eu conheci a rádio, o teatro e o violão, no violão eu fiquei uns 6 meses, mas teatro e rádio foram coisas que me ajudaram muito, tiraram minha vergonha, minha timidez, ajudou na minha dicção que agora está bem melhor do que antes. Depois de um tempo, quando tinha 12 anos comecei a sair, fazer entrevistas nos lugares, a gente estava fazendo um projeto sobre tênis, aí fomos entrevistar um tenista. Foi muito legal, fomos com a nossa antiga bibliotecária, a Camila, foi mais uma galerinha, isso pela rádio Coração Marista. Depois o teatro a gente apresentou em muitas escolas. A gente fez teatro do Chapeuzinho Vermelho do Agreste, Meus Piratas, fizemos também, todo ano a gente faz a Paixão de Cristo, é muito legal, a gente ensaia bastante. Aos 14 anos, ano passado, em 2014, a gente foi pro Rio Grande do Sul com um projeto de comunicação “Educomunicação”, a gente aprendeu mais sobre comunicação, a gente tá fazendo projetos pra mandar pra todo o Brasil.

Edemilson - Fala um pouquinho sobre a sua experiência com a rádio Coração Marista, no sentido das atividades, o que você faz, como é a rotina, eventos que você participou, tipo, ano passado teve Show de Talentos, todo ano tem. Conta um pouquinho da tua experiência com a rádio Coração Marista. Da acolhida, do dia a dia, o que vocês fazem. No ano passado também teve um momento que vocês trabalharam como monitores. Como foi essa experiência de estar sozinho aqui na rádio, sem a presença do professor, de tocar, de falar?

Resposta: B - A experiência da rádio Coração Marista, nos dias que tem rádio, a gente faz uma conversação, pesquisamos, fizemos a pauta e depois montamos o roteiro que é pra gente falar às músicas que vão cada dia. O negócio do monitor é muito legal porque além de apresentarmos a pauta, você ensina crianças, você ajuda as crianças, é quase a mesma coisa que ser um professor só que com um pouco menos de

responsabilidades, é muito legal. Aprendemos a conviver em grupo. Respeitar outro. A ter responsabilidade. Tem alunos que tem dificuldades de aprender e a nossa maneira de ensinar facilita o aprendizado porque falamos na mesma língua.

Edemilson - Como era o movimento de tocar a rádio quando o professor não está aqui na cabine, onde vocês que fazem tudo?

Resposta: B - As crianças bagunçam um pouco, como todas as crianças fazem. A gente ensina elas a fazer o roteiro, a pauta, aí lá nos professores pra não ter timidez, perguntar pra eles se tem alguma notícia, as músicas que eles gostam, brincadeiras, pra se comunicar, perder a vergonha e mais ou menos isso.

Edemilson - O que significa a rádio pra você?

Resposta: B - Um lugar onde eu posso me expressar, basicamente isso.

Edemilson - Certo, e...o que a sua participação na radio tem a ver com a sala de aula?

Resposta: B - Ela me ajuda bastante nas apresentações de trabalhos porque eu já tive medo de falar, de explicar. A dicção também que as vezes as pessoas se embaralham, eu também me embaralho bastante vezes por causa do meu aparelho, mas, o Edemilson, a rádio, o teatro me ajudaram muito nisso.

Edemilson - Você vê alguma diferença de antes de participar da rádio e hoje?

Resposta: B - Vejo bastante. Antigamente quando eu não tava na rádio era muito tímido, eu tinha muita vergonha de estar na frente das pessoas da sala, de falar, porque eu tinha medo de falar por medo de errar, depois de entrar na rádio e no teatro eu

vi que me ajudou muito. Hoje me posiciono, luto pelos meus direitos. Vejo também os meios de comunicação com outros olhos. Porque boa parte da mídia tenta nos manipular. Procuo pesquisar e ver se realmente esse fato é verdade. Olhando sempre os dois lados da história. E junto com os meus colegas estamos na luta pelo direito a comunicação.

Edemilson - A sua participação na rádio fez diferença pra você como?

Resposta: B - Fez diferença porque eu conheci novas pessoas, novos jeitos de chegar nas outras pessoas, como perguntar, como falar. Como conviver. Como lutar pelos meus direitos. Além de estarmos sempre pesquisando, aprendendo de tudo um pouco. Todas as disciplinas aprendemos na rádio, por causa das notícias e reportagem. Conversamos de tudo. Deixa eu ver, também fez diferença na minha pessoa, eu mudei bastante, antigamente eu era muito reservado, quase ninguém olhava pra mim, eu não olhava nos olhos das pessoas porque eu tinha vergonha.

Edemilson - Como é a sua vida fora da escola?

Resposta: B - Eu faço um curso agora que é de design games, que é muito legal, que eu aprendo vários programas, agora estou começando a ver um trabalho e acho que a rádio vai ajudar na entrevista que eu vou fazer. E agora eu não tenho mais medo de falar com as pessoas, não tenho mais medo de olhar pros olhos delas, então fica muito mais fácil a vida enfrentando de frente.

Edemilson - A rádio contribuiu para o seu desempenho fora da escola? Em casa, na comunidade, com os teus amigos, nos outros espaços? O que você vivenciou aqui ajuda também nas atividades fora?

Resposta: B - Ajuda, ajuda bastante. Como eu tinha inglês, eu fazia curso de inglês. Inglês, ele é meio embolado pra nossa língua, que fica meio difícil, e a rádio ajudou na dicção porque eu faço “caras e bocas” como o nosso professor diz (risos). Ajuda muito.

Edemilson - O que você está fazendo para melhorar a sociedade, o que você já fez ou o que você vai fazer?

Resposta: B - O que eu quero fazer, eu acho que é ser educador pra educar as crianças, pra ensinar elas sobre o mundo, sobre as matérias, sobre tudo. E o que eu queria fazer, seria trazer a paz, mas é difícil trazer a paz porque precisaria de todo mundo, o mundo inteiro. Então eu acho que queria conscientizar pessoas a não fazer certas coisas, tipo traficantes, drogados, eu queria ensinar a eles que há uma vida muito melhor se você lutar por ela, mesmo que a maneira seja muito rígida.

Edemilson - E o que você está fazendo hoje?

Resposta: B - Respeitando os outros, nunca sendo mau com os outros, desrespeitoso, não jogando lixo nas ruas porque polui muito.

Edemilson - Imagine que estão tirando a rádio da escola. O que você faria se isso fosse verdade?

Resposta: B - Eu tentaria falar com todo mundo pra fazer um abaixo assinado pra não deixar a rádio sair da escola, é uma das coisas que eu iria fazer. Eu ia falar com os professores pra eles ajudarem também, com o coordenador, com a diretora, todo mundo.

Edemilson - Qual a importância da rádio pra comunidade

escolar, pra essa escola aqui, qual a importância da rádio?

Resposta: B - Ela une todo mundo, vamos dizer, ela diz as notícias que estão acontecendo na escola, fora da escola, na comunidade. A rádio também usa bastante a comunidade, ela faz bastante eventos, ela grava bastante eventos que a comunidade vem pra nossa escola.

Edemilson - Qual o papel da rádio nos eventos que tem na escola hoje?

Resposta: B - Basicamente registrar e pegar os ângulos de cada pessoa. Tipo, a pessoa tem uma opinião, ela fala sobre aquela opinião, a gente vê qual é a opinião dela, aí a gente vai pra outra pessoa e pegamos a opinião de todo mundo, mostra os vários lados da notícia.

Edemilson - E, eu fiquei sabendo que boa parte dos eventos aqui da escola quem toma a frente são os alunos, como é que funciona isso?

Resposta: B - O Edemilson, ele diz assim: vocês tem que pegar tal coisa. A gente ia na frente, a gente tem que pegar de frente, a gente tem que montar o roteiro. Por exemplo, a “Olichamp”, a gente pega os professores que a gente quer entrevistar. Aí a gente pega o professor Mário, ele é juiz em quase todos os jogos. Aí a gente pergunta pra ele “O que é ser um juiz?”, “como que é isso?”, “Você é imparcial, você pensa só num time ou não?”. Fizemos uma reunião, conversamos sobre o tipo de programação. Como deve ser a rádio. Todos opinam. Fizemos um planejamento, o professor nos ajuda trazendo algumas ideias. Mas quem constrói a pauta e a programação somos nós, a rádio tem a nossa cara. O professor nos orienta em relação as músicas provoca debates. Falamos de política, sexo, entre outros assuntos.

Edemilson – Em relação a convivência, a relação de vocês, o dia a dia. Como que é dentro da rádio Coração Marista?

Resposta: B - A gente se comunica bastante, a gente vê o lado do outro na rádio entre os companheiros aqui, a gente faz times, vamos dizer, um pega notícia, outro faz a pauta, outro vai apresentar no dia, vai escolher as músicas, trabalho em grupo, é isso.

Edemilson - Tem os quadros também, não é?

Resposta: B -Aham.

### **Entrevista C**

Edemilson - C, conta um pouquinho da sua história de vida, um pouquinho da sua trajetória até chegar na rádio Coração Marista.

Resposta: C - Então, é, eu sou natural de Florianópolis e, eu vim morar pra cá, pro Jardim Zanelato, e, eu comecei a estudar na creche Renascer com 2 anos de idade. Quando completei 6 anos eu vim estudar no Marista e desde os 6 anos, eu to com 12, eu tenho essa vivencia Marista desde pequeno, e, assim, a minha vida, ela é uma vida normal, a minha família, minha mãe e minha tia, elas têm formação superior, formação na faculdade de pedagogia. O meu pai, ele é marceneiro. E aqui na escola a minha trajetória é bem grande, desde o primeiro ano, até agora, atualmente em 2013 eu comecei a fazer violão e em 2014 também pra aula de canto e pro TVQ. Uma das coisas que me ajudou muito, foi a ter interatividade com o público, apesar de eu não ser tímido, me ajudou muito, até em olhar com uma expressão diferente pro público.



Edemilson - O que a rádio Coração Marista significa pra você?

Resposta: C - Então, a rádio significa pra mim um sinônimo de melhoria, ou seja, quando tu entra na rádio, tu melhora totalmente, seja o teu comportamento, teu modo de se expressar.

Edemilson - E como você compreende o que você viveu na construção da rádio escolar?

Resposta: C - Então, a rádio me ajudou muito na questão de fazer trabalhos, foi uma coisa que mudou totalmente o meu jeito e meu desenvolvimento de desenvolver um trabalho dentro de sala de aula foi uma coisa muito complexa e isso melhorou muito, me ajudou muito e isso foi uma das coisas que eu tenho que dizer que a rádio melhorou na minha vida foi nessas construções de trabalho, as minhas notas até subiram por essa questão.

Edemilson - C, em 2014, a rádio, ela teve um projeto um pouco diferente, que foi a questão da monitoria. Não tinha oficina em todos os dias e alguns dias eram tocados pelos alunos, sem interferência dos professores. Como foi esse processo?

Resposta: C - Então, pra mim foi um desafio e tanto, porque eu tocava ela na parte da tarde, e assim, eu não tinha o auxílio do professor, era eu sozinho, então foi um desafio muito grande porque eu tinha que chegar um pouco mais cedo do meu horário, ter que vir pegar a chave, ter que ligar os equipamentos e eu não tinha ninguém pra me ajudar, então eu tinha que ter um tempo em casa pra separar as músicas, as notícias porque em cima da hora não dava pra fazer e foi um desafio muito grande de ligar o equipamento, de botar o som pra tocar e eu

ter que falar com o pessoal lá de fora. Então foi uma das coisas que me melhorou, me ajudou, mas foi um desafio bem grande, e, a gente era acostumado a ter o auxílio do professor e nesses casos eu não tinha, então era um desafio porque eu não sabia se estava fazendo certo, se eu tava fazendo errado, então foi um desafio grande, mas hoje se eu vir pra rádio tocar é de boa.

Edemilson - Como era o dia a dia quando vocês estavam como monitores. O que vocês faziam, como era o processo?

Resposta: C - Então, o processo era: ligar a rádio, botar o som e ter as notícias e as pautas em mãos pra dar as notícias para público. E era um desafio porque a gente tinha que ligar e desligar os equipamentos, a gente não podia deixar nada ligado, senão viria cobrança pra gente.

Edemilson - Os alunos respeitavam? Como que era?

Resposta: C - Então, tinha respeito, mas o negócio era o relacionamento quanto às músicas porque o pessoal sentia que tinha que pedir as músicas e era na hora e naquele momento, então era um desafio pra gente porque a gente não podia botar qualquer música, a gente tinha que ver a música.

Edemilson - Em relação ao que vocês falavam, o pessoal respeitava?

C - Então, o respeito, o pessoal de boa, respeitava, mas era a música que pegava mesmo.

## **Entrevista D**

Edemilson - D, boa tarde! Eu queria que você contasse um pouquinho da sua trajetória de vida até chegar no colégio

Marista. Como você entrou na rádio?

Resposta: D - Eu morava em outra cidade, eu morei dois meses. Aí eu estava em outro colégio, eu fui uma vez no colégio, no dia seguinte a escola alagou, aí a minha mãe veio pra cá e me matriculou de manhã e de tarde eu já vim pra escola. Na rádio eu entrei, assim, de surpresa, porque eu nem sabia o que era a rádio, eu não conhecia a rádio, eu entrei mais por livre e espontânea vontade. EU entrei e fiz até o ano passado, esse ano eu to no teatro.

Edemilson - Me fala como foi o teu primeiro contato com a rádio? Quando você entrou na rádio?

Resposta: D - Eu me matriculei, fui no primeiro dia, eu nem lembro porque faz muito tempo, mas foi bem legal, fui super bem recebida, assim como todos e é isso.

Edemilson - Quem é a D fora da escola?

Resposta: D - É uma menina normal que brinca, que estuda, que ajuda, que cuida um pouquinho do irmão, que é uma pessoa bem normal, assim como todos fora da escola.

Edemilson - E a comunicação? Eu vejo que você sempre foi uma menina bastante falante. Como é essa relação? Você já gravou, já fez comercial, Você tem uma boa relação com o público. Como é que é?

Resposta: D - Eu sempre fui bem tímida, mas eu entrei nas oficinas do colégio e me comuniquei mais com as pessoas, então, eu ainda tenho vergonha de falar, mas eu adoro uma câmera. Eu tenho um canal no youtube, eu faço bastante vídeos, então a minha comunicação é bem solta, eu falo, as vezes sem pensar, as vezes pensando .

Edemilson - Qual a importância da rádio pra você?

Resposta: D - A importância é aprender mais coisas, aprender a falar, a se expressar melhor. É, na rádio, assim, aqui na escola, a gente coloca música no recreio, fala, dá boa tarde, eu lembro que tinha o “Recadinho Inteligente”, não sei se tem mais, e, a importância assim é aprender mais coisas na rádio, falar, cantar, escrever.

Edemilson - Qual a relação da rádio na sala de aula? A rádio contribui com a aula?

Resposta: D - Contribui, eu era muito tímida, na hora de apresentar trabalho era com a folha assim na frente da cara. Ajuda bastante a perder a timidez, falar mais, se expressar melhor, apresentar trabalho mesmo, ajuda muito.

Edemilson - A rádio fez diferença pra você?

Resposta: D - Fez, fez bastante, eu era muito, muito, muito quieta e agora eu falo, falo, falo, falo. E eu já cantei, mas eu sempre tive muita vergonha de cantar, de falar, de chegar pros outros e dizer “oi, tudo bem?”. Eu era muito tímida, mas agora eu já me acostumei.

Edemilson - Como é a rotina de vocês nas oficinas da rádio?

Resposta: D - a gente vem pra rádio, espera o professor e as vezes a gente vai pro multiuso. A gente aprende também bastante coisa, o professor fala com a gente e aí a gente vai fazer o que ele quer; então, se ele quer notícias para dar a tarde, a gente vai atrás com agente e caneta. A gente também pode opinar, dar comentário, falar um pouco do que quer, o que não quer, dar sugestões, a programação também é feita pela gente.

Edemilson - Qual a importância da rádio para essa comunidade escolar?

D - Eu acho que é pra se divertir, na hora da entrada tem as músicas, quem quiser vir, pode vir e bater aqui na rádio e dizer qual música quer, e, assim: eu acho que ajuda, porque tem escola que você vai, entra e é sem graça, daí essa escola aqui eu acho muito boa, porque eu nunca estudei em uma escola que tinha rádio ou se tinha era dá rádio da diretora.

Edemilson - Qual a importância da rádio para projetos sociais dentro da comunidade e da escola, como o TVQ de rua?

D - Pra mim foi uma experiência incrível, ali na frente do ginásio, a gente fez algumas entrevistas e a importância é se comunicar mais com os outros, é tipo um jornal de escola, assim, eu acho muito legal, eu aprendi bastante com a rádio, com o TVQ, com o teatro, com tudo no geral, nas oficinas eu acho que já fiz tudo, mas o que mais me surpreendeu mesmo que eu me soltei mais foi a rádio e o TVQ.

Edemilson - O que você está fazendo ou já fez pra melhorar a sociedade?

Resposta: D - Respeitar os outros, desde chamar pelo nome, não chamar por apelido que possa pegar mal, ajudar a recolher o lixo, não jogar lixo no chão, não falar palavrão, não xingar. Eu acho que o respeito vem de casa mesmo, a escola ta ajudando nas matérias, o respeito vem bastante de casa, mas também pode aprender na escola.

Edemilson - Imagina que chegassem pra você e dessem a notícia de que iriam tirar a rádio da escola. O que você faria?

Resposta: D - Eu faria um abaixo-assinado para ter a rádio de

volta porque eu acho que a rádio iria fazer bastante falta, querendo ou não, ela ajuda a dar os recados, as vacinas aqui do posto, já demos recados, eu acho muito importante isso, também mandar recadinhos. EU ia sentir bastante falta da rádio.

Edemilson - Como funciona a pauta da rádio?

Resposta: D - Eu já fiz muitas pautas na escola, eu tenho lá no meu computador uma pauta que eu acho que fiz em 2011... ela funciona assim: você dá a saudação, você dá um recado, uma notícia, um recadinho inteligente, dá uma moral no recadinho inteligente, notícias da escola.

Edemilson - E os quadros, como funciona?

Resposta: D - Eu sempre gostei mais dos quadros das entrevistas, eu amo fazer entrevista e eu acho bem bacana os quadros, até pra dividir um pouco, não ficar só na questão da rádio, de quem vai falar, quem não vai e é isso.

Edemilson - D, me fala um pouquinho sobre a experiência dos monitores tocando a rádio sozinhos, os ganhos e as perdas e como é o processo das atividades que vocês desenvolvem?

Resposta: D - Eu acho bem bacana deixar fazer sozinho porque, imagina um monte de alunos, ficar cobrando cada um o que mexe, o que não mexe, acho bem legal, ensina bastante e também na questão de tocar na câmera porque a câmera é um pouco cara, com todo cuidado a gente mexe na câmera, a gente vai, faz as coisas, faz a entrevista, faz os quadros que a gente tem que fazer, grava. E a questão de apresentar o show de talentos, eu já apresentei, foi uma experiência incrível, quero apresentar de novo e foi uma questão bem de nervoso assim, mas foi muito show, eu adorei e geralmente, sempre eram as

“grandes” que apresentavam os professores, mas dessa vez foi eu e mais outra menina da minha idade.

Edemilsom - Na rádio tudo o que vocês fazem, vocês apresentam, nada é em vão, tudo tem um por que, como é que Você vê esse processo?

Resposta: D - É bem legal essas coisas de não ficar guardado o projeto, tipo só o projeto, só mais um, acho que não tem uma coisa que não foi apresentado e as coisas que tão guardadas no computador antigo, servem de exemplo hoje em dia, é bem legal essa experiência de poder apresentar e valorizar o teu trabalho, o que tu fez ou deixou de fazer o que tu tem que melhorar e eu já fiz até um documentário de coisas que eu comecei a apresentar, mas ainda não terminei.

Edemilsom - E falava sobre o que esse documentário?

Resposta: D - De mosquito.

Edemilsom - E o que referente ao mosquito? Qual era o objetivo do documentário? Você lembra?

Resposta: D - Era do mosquito da dengue. Como reagir às picadas. O objetivo era prevenir o acidente.

## **Entrevista E**

Edemilsom - Conte um pouquinho da sua trajetória de vida até chegar aqui no Colégio Marista e a sua participação na rádio. Quem é o E fora da escola?

Resposta: E - Então, como o Ed já falou; o meu nome é E, eu tenho 17 anos, sempre morei aqui na comunidade do Jardim

Zanellato e quando eu era mais novo participava de alguns projetos de dança de rua, hip hop e eu sempre gostei de estar envolvido com a comunidade. Isso já vem até do meu pai, ele é uma pessoa bem conhecida aqui na comunidade e eu sempre gostei de estar envolvido, também pelo fato de eu ser hiperativo. E eu estudo aqui no colégio desde a pré-escola, na época tinha a pré-escola, sempre que possível eu participava dos teatros, das apresentações que tinham no colégio e eu sempre tive essa vontade de participar das atividades. Cresci aqui, conhecendo as virtudes do colégio, dos valores e assim eu fui moldando meu caráter até quando apareceu a oportunidade de entrar num projeto de rádio que estaria acontecendo no colégio. Faz um tempo, foi no primeiro ano da rádio, eu tinha uns 13 ou 14 anos, eu ajudei a montar algumas coisas básicas da rádio, como slogan, nome. Nós éramos uma equipe menor, começando a rádio, ou melhor, tentando montar. Aí eu me afastei por um tempo, 1 ano ou 2 e agora, ano passado 2014 eu comecei a participar de novo na rádio, coordenando as apresentações que tinha no recreio, como monitor, apresentando as notícias de tudo o que acontecia aqui no colégio, um pouco isso.

Edemilson - Qual a importância da rádio pra você?

Resposta: E - Então, eu tive um problema que no começo eu era um pouco tímido, hoje quando eu falo isso ninguém acredita, mas eu tinha bastante dificuldade em apresentar trabalhos, coisas assim da escola, falar em público pra mim mesmo era, nossa! Quase impossível. E isso foi algo que com a rádio eu fui desenvolvendo, fui aprendendo a interagir com o público, a questão da dicção a questão de conseguir olhar no olho das pessoas e falar. É algo que na própria convivência com a rádio tu vai aprendendo algumas coisas. Eu trabalhava como monitor, trabalhava com as crianças, é algo que a gente aprende também como lidar com elas porque não é



simplesmente chegar e mandar. A criança a gente tem que saber trabalhar, tem que dar atenção, tem que ouvir, muitas vezes errar com eles pra aprender e no dia-a-dia da rádio a gente passa por situações que a gente não sabe o que fazer, mas aos poucos vamos aprendendo como fazer, corremos atrás e tentamos descobrir qual a melhor solução pra resolver a questão, no caso. No geral, a rádio ajuda em muita coisa na vida do aluno, na questão acadêmica, tu aprende como se comunicar melhor com as pessoas, tu te torna um pouco mais conhecido dentro da escola e isso te dá mais responsabilidade, tu pensa antes de agir, tu não faz algo simplesmente: "ah eu vou fazer", não, a partir do momento que tu participa da rádio tu veste a camisa e tu tem que honrar aquela camisa. É algo que tu vai aprendendo com o tempo, vários valores a rádio bota dentro de ti e te ensina a ser um cidadão melhor.

Edemilson - Qual a relação da rádio com a sala de aula?

Resposta: E – Então, é algo bem interessante quando estamos como monitor que a gente vê isso, porque as atividades acontecem no contraturno, aí a gente encontra aquele aluno que é uma ótima pessoa dentro da rádio, é um bom participante, mas quando a gente encontra ele no recreio, por exemplo, ele tá lá quem sabe muito agitado, fazendo coisa que não deve e a gente repara e chama a atenção, não brigando, mas como amigo: "cara, tu veste essa camisa, tu é da rádio, tu fala pras pessoas, pros outros alunos não correrem, não brigarem, não discutirem, não responderam o professor e tu vai lá e faz tudo isso?". Entendeu? E é algo que o próprio percebe que ele esteja não sendo hipócrita, mas de certa forma sim, ele diz pra outra pessoa não fazer algo e ele mesmo vai lá e faz. Isso é algo que reparamos e conversamos de igual pra igual, sem brigar. Porque se for pra passar por alguma dificuldade com eles a gente vai passar, pois antes de tudo a gente é uma família, a gente trabalha em grupo.

Edemilson - Em termos de conteúdo. VC consegue ver alguma ligação com a sala de aula?

Resposta: E - Muita coisa, às vezes, temos que pesquisar. Uma matéria, mas aí o educando mesmo não querendo pesquisar ele sabe que tem que correr atrás da matéria tem que pesquisar o que vai falar na rádio, tem que ir atrás da informação e isso automaticamente ajuda na sala de aula. Ele vê um problema de matemática e não vai simplesmente saber a resposta, procura ir atrás. Tem uma questão de português, tem que fazer uma redação, tem que procurar alguma coisa, ele não simplesmente pega um livro, ele vai lá e pesquisa, entra no assunto, tenta entender porque aquilo é assim e vai gerando dúvida e essa dúvida vai gerando cada vez mais respostas que vai gerando mais dúvidas e que assim faz com que o educando, entre totalmente dentro de uma via de informação que ele também junta com a rádio e ao mesmo tempo tá caminhando lado a lado, algo que fica paralelo. E ajuda muito dentro da sala de aula isso, academicamente o educando acaba estimulando o hábito da leitura que é algo bem difícil às vezes, sabemos que as crianças de hoje em dia, não tem o hábito da leitura e é algo que vai ajudando porque muitos adolescentes, gostam de ouvir música e a rádio faz juntar isso, a questão da literatura com a música e fazer as duas ficam lado a lado, como faz a questão do projeto com a questão acadêmica.

Edemilson - A rádio fez diferença pra você? O sujeito E, é outro?

Resposta: E - Sim, percebemos bastante diferença, principalmente quando vemos os outros falando da gente. Quando chegam assim e: “ah, o Willian tá lá na rádio fazendo tal coisa ou fulano tá lá fazendo tal coisa”, vemos que as pessoas estão notando o que estamos fazendo, que a gente não

está fazendo em vão. Com isso, começamos a nos dar valor ao ver que as outras pessoas dão valor pra gente. Com isso acabamos agindo com um pouco de cautela: “eu não vou fazer tal coisa se não é o nome da rádio que vou sujar”. A questão da camisa que eu falei, a gente ta vestindo a camiseta e honrar aquilo. E essa questão de tomar cuidado com o que fazemos, com o tempo isso vira hábito e acabamos moldando a nossa personalidade, a gente se torna uma pessoa mais responsável, pensando bem antes de fazer as coisas, não fazendo só por fazer.

Edemilsom - Quando você fala moldando a personalidade é no sentido de imposição ? Como são os projetos, vocês tem liberdade pra falar, pra se comunicar, pra conduzir, porque esse termo moldado parece uma forma, como se tivesse sendo engessado, mas como é que você vê isso? Como é a rotina de vocês nas oficinas, nas ações, nos projetos na escola Marista?

Resposta: E - Na verdade não é como se existisse uma forma mesmo, na verdade pode até existir, mas é uma forma que é feita pela gente, é uma forma que cada vez ta se mudando, se alterando e adaptando porque nós somos de várias personalidades diferentes, vários gostos diferentes, nas próprias oficinas, os educandos, eles expressão bastante a sua opinião. As vezes o educador vem com um conteúdo: “vamos trabalhar isso hoje”, mas isso não significa que ele vai trabalhar de uma determinada maneira, o jeito que ele trabalha é feito tudo pelo educando, pelo participante da rádio, o aluno opina, se acha que está errado: “não, eu acho que poderia ser de tal maneira”, ele vai lá e dá essa opinião, e o educador aceita essa opinião e vai construindo junto uma maneira de agir, de fazer com que projeto aconteça e sempre procurando juntar bastante opinião de formas diferentes pra gente poder chegar num modo que consiga atender a demanda de todo mundo, que todo mundo consiga realizar o projeto com gosto, realmente querendo ta ali

e ao mesmo tempo sendo algo eficiente.

Edemilson - Você vive numa comunidade carente. Como você vê essa questão social da rádio? E a rádio também possibilita que o aluno fique em evidência, não é? Ele acaba sendo o centro. A questão do eu, a questão do ego, como é que é lidado isso?

Resposta: E - Então, nós estamos inseridos num contexto de comunidade que querendo ou não é uma comunidade carente, mas não só a carência de ser uma sociedade pobre, mas não só pobre financeiramente, mas quem sabe espiritualmente. A gente vê que as crianças elas vêm aqui com uma demanda de atenção, querendo um olhar, só um pouco de afeto, um pouco de carinho pra elas, isso a gente faz do fundo do nosso coração. Quando os monitores estão aqui com elas a gente se sente totalmente especial, é uma troca, nosso amor vai, passa pra elas e volta trazendo vestígio do amor delas. E as vezes essa questão do ego é interessante porque as crianças, elas, ah, eu sou da rádio, as vezes, mas elas pensam: “ta, eu sou da rádio mas isso não é um título, é só um mérito do que eu faço”, as pessoas tão vendo o que eu faço mas não preciso obrigar elas a ver isso, tanto que é um dos princípios básicos da nossa instituição Marista: humildade, simplicidade e modéstia. A gente não precisa falar pra todo mundo que a gente é da rádio, a partir do momento que as pessoas veem o nosso trabalho, eles já sabem que a gente é, eles veem o modo que a gente leva a vida, não precisa escrever na nossa testa “sou da rádio”, as pessoas veem que a gente é pelo trabalho que a gente faz, a gente faz um trabalho bem feito, com carinho, com amor. Voltando a questão da comunidade, em quanto eles tão fazendo esse trabalho com a gente a gente ta dando um pouco da nossa atenção pra criança, é um moleque que a gente ta tirando lá da rua, é uma criança a menos que poderia ta lá no tráfico, uma criança a menos que poderia ta passando fome em casa, uma criança a menos que poderia ta apanhando do pai, brigando

com a mãe. Enquanto ele tá aqui a gente consegue confortar e garantir que de certa forma a gente tá dando uma educação de qualidade pra ele, que a gente tá formando pessoas virtuosas que provavelmente vão passar isso pros filhos delas. E nisso acontece uma corrente do bem, onde vai passando essa informação do bem a diante.

Edemilson - Qual a importância da rádio pra essa comunidade escolar? A experiência dos monitores tocando a Rádio sozinhos, os ganhos e as perdas.

Resposta: E - Então, é interessante por que vemos como se tivesse passando por um estágio a mais, hoje coordenamos as crianças e tocamos a rádio sozinhos com a mediação do educador social, mas lembramos de quando éramos criança, quando tinha alguém coordenando a gente, olhávamos pra essas pessoas da mesma forma que eles olham pra gente hoje. Aquele olhar de: “eu quero ser igual a eles”. A questão da comunidade escolar é interessante porque quando surgiu a oportunidade de ter o projeto de rádio aqui todo mundo ficou: “nossa, eu quero participar, quero participar” e ao mesmo tempo a gente não tinha espaço, a gente não conseguia um lugar pra gente se reunir e hoje nós conseguimos essa cabine de rádio, conseguimos um som de qualidade, de certa forma, tem toda uma esquematização e isso também possibilita a gente, como o Ed. Falou que a gente conseguia tocar a rádio sozinhos, a gente conseguia ter um pouco de autonomia, e a gente vai passando isso pras outras pessoas e vão que, nossa, interessante que esse projeto deu certo e realmente é um projeto que deu certo.

Edemilson - As suas ações dentro da escola colaboram com as suas atividades na comunidade?

Resposta: E - Então, é interessante porque nós fizemos algumas

atividades aberto pra comunidade, na frente do ginásio de esportes e todo mundo conseguiu observar o trabalho que a gente faz aqui acontecendo lá fora, tendo o contato mesmo com eles, isso é bacana porque não fica só dentro dos muros da escola, mas todo mundo consegue observar o trabalho que a gente faz, o projeto que é realizado aqui dentro. Os pais veem os filhos vindo aqui pra rádio, participando, chega em casa e conta: “nossa pai, foi muito massa. Pô, mãe, que legal, hoje eu fiz um programa, falei um quadro na rádio”, isso é uma coisa bem bacana.

Edemilson - O que você está fazendo ou já fez para melhorar a sociedade?

Resposta: E - Então, falando assim e um modo mais pessoal, no passado eu era um pouco egoísta, na verdade eu pensava: “pô, o que quê eu vá fazer hoje que vai alterar lá no futuro?”, mas daí eu comecei a pensar que o futuro depende de mim também. A gente precisa pensar em como as coisas vão ser se eu tomar certa atitude. Eu comecei a pensar nisso e então hoje eu procuro fazer as coisas com carinho, com amor, pensando bem no que pode acontecer e torcendo pra acontecer algo que seja bom, que as minhas atitudes sejam vistas por pessoas daqui a 10, 15 anos, e sejam lembradas como coisas boas, não como coisas ruins. Qualquer um pode tornar seu nome conhecido, mas ninguém quer tornar o nome conhecido por fazer uma coisa errada, a gente quer ser conhecido por alguém que fez o bem, que construiu o bem, que transmitiu o amor.

Edemilson - Imagina que a galera te desse a notícia que vão tirar a rádio da escola. O que você faria se isso fosse verdade?

Resposta: E - Então, eu acho que não só eu, acho que agora posso falar no nome de todos os educandos, eles iriam de certa forma se sentir meio perdidos. De primeira eu duvido que eles

acreditariam, pensariam ser uma brincadeira, mas quando caísse a ficha, eles iriam se sentir um pouco perdidos porque querendo ou não aqui eles encontram uma família, eles fazem parte de um grupo. Toda família tem suas discussões, tem seus maus momentos, mas toda família se ama, toda família trabalha em equipe e a gente é uma família. No começo seria bem difícil, mas como os conheço, acho que eles iriam correr atrás o máximo possível para ter tudo de volta, dar o máximo pra trazer a rádio de volta.

Edemilson - Me fala um pouco mais sobre a rotina da rádio, quadros, pautas, com professor e sem professor.

Resposta: E - É interessante porque a gente nunca tá pronto pro educando, a gente estimula ele a ir atrás da informação, a gente aponta o caminho, mas é ele que vai caminhar esse caminho, é ele que vai correr atrás da notícia, é ele que vai procurar a informação, a gente divide, cada um faz tal quadro, a gente fala o que tem que fazer, mas são eles que correm atrás. As vezes eles não acham uma notícia mas encontram algo mais interessantes e que fica melhor, eles mesmo tem autonomia pra isso. Interessante agora é que a gente tem um educador social quase todo dia, todo dia na verdade, aqui no centro educacional e isso é bom porque todo dia tem alguém na rádio, todo dia tem alguém trabalhando. Quando acontece alguma coisa, nós estamos tão acostumados a estar aqui na rádio que nós mesmos tomamos autonomia, o colégio tem confiança na gente, a gente tem a chave da rádio, a gente entra, dá o programa tal, porque eles sabem que vamos deixar tudo organizado, claro que temos desafios, alguns às vezes quebram as regras, mas trabalhamos com eles pra que respeitem, porque é dessa maneira que a gente aprendeu.

## **Entrevista F**

Edemilson - Então, F, eu queria que você falasse um pouquinho da tua história de vida, até chegar a rádio Coração Marista.

Resposta: F - Eu nasci aqui em São José, mas eu morei na praia de fora até os 5 anos, aí depois eu vim pra cá. Aí quando eu fui pra primeira série eu estudei em outro colégio e na segunda eu vim pro Marista, aí na quinta série eu entrei na rádio.

Edemilson - E como foi a tua vida escolar? Sempre tirou notas boas? Como você era antes nas outras escolas? Como eram os professores contigo? Como é que foi a tua vida escolar?

Resposta: F - Eu só fiquei 1 ano fora do Marista.

Edemilson - E como foi o teu desempenho nesses anos na sala de aula, na escola?

Resposta: F - Na sala de aula eu sou normal, porque eu sou uma boa aluna, os professores me adoram e eu adoro eles.

Edemilson - Me fale um pouco sobre a sua experiência com a rádio Coração Marista.

Resposta: F - Quando tinha só a rádio, que não era a “rádio, rádio”, eu via o Igor fazendo as coisas, todo mundo participando e eu tive curiosidade de participar também, aí eu entrei, comecei a fazer os projetos, as dinâmicas que eles faziam e gostei, e to até hoje.

Edemilson - Como assim que não era a rádio?

Resposta: F - Antes não tinha a cabine, tinha o armário, onde eles guardavam o som, as caixas de som e os microfones.



Edemilson - E como era a programação da rádio?

Resposta: F - A gente vinha num dia, ficava uma hora, montava a pauta, saía pra pesquisar notícias, aí no outro dia a gente vinha e apresentava.

Edemilson - Fale um pouquinho sobre o teu movimento dentro da rádio Coração Marista, atividades que você participou, eventos, da tua rotina de 2010 pra cá.

Resposta F - Bom, a gente vinha, aí antes a gente sempre tinha toda uma dinâmica pra “se soltar” mesmo. Aí depois a gente começava, saíamos primeiro pra pegar as notícias, aí a gente voltava, montava a pauta, a gente marcava um horário e no dia seguinte vinha pra apresentar. Aí foi indo e a gente começou a cobrir os eventos, Olichamp.

Edemilson - E como era essa cobertura, como era feito a Pauta?

Resposta: F - Eu acho que a pauta é uma coisa que identifica bem a rádio pra mim porque nela é que ta toda a programação que vai acontecer, tudo que vai acontecer ta ali nela, o que a gente precisa fazer o que não precisa, o que precisa ler, quem precisa chamar, o que precisa pegar ta tudo nela.

Edemilson - E tem uma pauta fixa? Tem um modelo ou pode mudar o assunto se vocês quiserem?

Resposta: F - Tem um modelo, mas a gente pode mudar quando a gente quer fazer uma inovação sempre pode.

Edemilson - E nessa pauta o que ia?

Resposta: F - Bom, ia a abertura, as saudações, aí tinham as músicas que a gente ia tocar, as notícias, sempre um quadro falando sobre esporte ou sobre o colégio em si, ou interagindo com os educandos, professores, a gente tinha sempre um recado que a gente passava pra eles e o encerramento.

Edemilson - O que vocês faziam nos eventos?

Resposta F- Eu acho que nos eventos a gente procura mais registrar, a gente bate as fotos, a gente entrevistava e depois a gente editava tudo e botava na internet, tanto vídeo como áudio.

Edemilson - Você vê alguma diferença de antes de participar da rádio e hoje?

Resposta: F - Eu acho que mudou porque antes eu era muito tímida, muito mesmo, eu tinha até medo de pegar no microfone e agora eu não tenho mais, eu sou mais desinibida, sou mais comunicativa agora.

Edemilson - Como é a sua rotina fora da escola?

Resposta: F - Olha, eu gosto bastante de sair, gosto de ficar com as minhas amigas, gosto de ler de vez em quando, lá uma vez ou outra, aí domingo vou na igreja e só.

Edemilson - E a rádio, ela te ajudou nessas atividades fora da escola?

Resposta: F - Eu acho que sim, porque agora eu consigo me comunicar melhor, fica mais sociável, sabe? Mais no grupo, essas coisas assim.

Edemilson - O que a rádio significa pra você?

Resposta: F - Eu acho que a rádio me proporcionou um grande aprendizado e ainda vem me proporcionando então ela é muito especial.

Edemilson - Qual a relação da rádio com a sala de aula?

Resposta: F - Eu acho que a relação que eu faço entre a sala de aula e a rádio, é pelo aprendizado porque aqui eu vou aprender algo que lá na aula eu vou usar, que eu sei que vou poder utilizar tanto lá quanto em outros espaços, por exemplo a minha escrita, como me impor, oratória, dicção.

Edemilson - Como você é na escola?

Resposta: F - Sou calma, me dou bem porque não tenho mais vergonha de apresentar, conversar, de falar, então em sala de aula eu sou bem.

Edemilson - A sua participação na rádio fez diferença pra você?

Resposta: F - Sim, eu acho que sim. A rádio só é a rádio se tiver todos nós, eu me sinto mais importante.

Edemilson - Como é esse movimento de monitores pra você que faz parte dessa equipe de seguidores.

Resposta: F - O processo de monitoria da rádio acontece nos dias em que o professor não está, aí vem um grupo e a gente prepara tudo numa pauta, o conteúdo, uma programação. A gente chega, liga os equipamentos, no começo da aula a gente toca uma música, deseja um bom dia pra todos e depois no recreio a gente faz a mesma coisa com uma dinâmica diferente, alguma coisa pra proporcionar pros menores ou pros

educandos.

Edemilson - O que você está fazendo, já fez ou pretende fazer pra melhorar a sociedade?

Resposta: F - O que eu pretendo fazer pra melhorar a sociedade, eu acho que é começando com um trabalho voluntário, ajudando as pessoas que tem menos, que tem mais dificuldades, eu acho que é isso.

Edemilson - E o que você faz hoje pra melhorar a sociedade?

Resposta: F - Hoje eu acho que eu não faço nada (risos).

Edemilson - Imagina que hoje eles estão tirando a rádio da escola. O que você faria se isso fosse verdade?

Resposta: F - Eu faria um abaixo assinado, faria uma greve com os alunos lá na frente da escola pra ninguém tirar a rádio.

Edemilson - Qual a importância da rádio pra essa escola?

Resposta: F - Eu acho que sem a rádio na escola, a escola ficaria sem vida porque a rádio está sempre informando, ta sempre comunicando os eventos que acontecerão, todas as datas importantes, como entrega de boletim, feriados, festividades enfim.

Edemilson - Eu sei que é uma equipe grande que faz parte da rádio e como vocês convivem com essa galera toda sem se matar?

Resposta: F - Eu acho que a gente consegue conviver se respeitando e mesmo se não respeita a gente dá um toque pro

outro, “não faz isso, não faz aquilo. Não vamos ser assim”. E sempre dá um jeito.

## **Entrevista G**

Edemilson - Então, gostaria que você me falasse um pouquinho sobre a tua história. Sobre a tua trajetória de vida até chegar aqui na escola.

Resposta: G - É, Eu nasci no dia 31 de julho 1998. Sou florianopolitano. Moro aqui no Zanelato desde sempre, desde que me conheço por gente. Antigamente, nos primeiros anos de vida, eu morava na casa da minha avó. E a minha mãe já via necessidade da gente sair da casa da avó pra ter a nossa própria casa. Aí foi um tempo onde a gente passou por certas dificuldades porque a mãe estava construindo uma casa, era uma casa pré-moldada. A gente foi pra essa casa. Eu sempre tive uma infância onde eu brinquei bastante, onde eu me divertia bastante porque na rua onde é o mercado, naquela rua eu sempre encontrava os meus amigos, a gente brincava de varias brincadeiras. A partir dos 8 anos eu já comecei a ter essa vivência de brincar na rua, de se divertir com os meus amigos. A partir dessa idade eu chegava em casa 8 e meia, 10 horas da noite, porque brincávamos de esconde-esconde, pega-pega. Então a minha infância foi muito divertida porque eu tive a presença dos meus amigos quase 24 horas por dia comigo. A minha outra avó mora “na rua” (rua do mercado) então eu ia dormir lá e ficava brincando até um certo horário da noite e depois ia pra casa da avó só pra dormir, no outro dia, acordava e continuava brincando. Eu tive problemas, eu nasci com o pé torto, então fiz duas cirurgias pra arrumar o pé e veio uma hérnia que eu também tive que operar, então, mesa de cirurgia eu já conheço bastante, porque eu já tive esse processo, esse nervosismo vivido antes de uma cirurgia que não é nada legal.

Ao longo da história da minha vida eu comecei a descobrir, essa paixão, eu descobri a muito tempo atrás que é estar na frente de uma câmera, estar na frente gravando alguma coisa ou gravando áudio, porque eu sempre brincava que, as vezes eu falava que eu queria ser motorista do caminhão do Koerich, outra eu queria atender no mercado e, vendo o telejornal eu decidi que eu queria o jornalismo pra mim, então desde muito cedo eu já tava decidido sobre o que eu queria para o meu futuro. Por ter uma família que já vinha me instigando isso, por ter uma procura de, “há, o que tu vai querer ser?” Eu me lembro que a minha mãe não cobrava muito de mim porque ela dizia assim, e ainda ela fala “Não sou que vou fazer o teu futuro, quem cria o teu futuro é tu mesmo. Então tu pode tirar um 6 agora, mas eu não tenho mais oportunidade de estudar, mas tu tens. Então vai do teu desempenho”. Então eu sempre fui cobrado pelas minhas tinas e pela minha própria mãe, mas a minha mãe não fazia a parte do “sentar comigo e estudar”. Mas ela me dava o famoso puxãozinho na orelha. E nunca me esqueço de que eu passei por 3 creches. Duas aqui na rua do mercado, onde eu ficava, não era bem uma creche, mas era uma senhora que cuidava da gente. Depois eu fui pra uma outra casa que também cuidava de crianças. Então depois eu fui pra creche do “Morar Bem”. A minha chegada aqui no marista fui um pouco confusa. Até hoje eu não entendo essa história porque, quando eu saí do morar bem e vim pra cá, o engraçado é que foi porque como eu não tinha aquela certa idade, eu tive que fazer duas vezes o pré. Então eu nunca me esqueço tipo, eu pequenininho, eu tava fazendo o pré, tive aula duas vezes com a professora Iracema. Então fiz dois prés aqui dentro, no Marista, antes de entrar na primeira serie, na época ainda que só tinha o pré.

Edemilson - Fale um pouco sobre a sua experiência com a rádio Coração Marista. Antes de falar dessa experiência eu queria que você me falasse como era o Zanelato, porque você

falou que brincava na rua mas, sempre ouvi falar que o Zanelato é um bairro bem perigoso... Como era a sua relação com as crianças, a questão da comunicação do teu dia-a-dia, das brincadeiras.

G - O Zanelato, ele é meio que “de lua”. Tem horas que tu consegue andar tranquilamente na rua, até umas 23 horas tu consegue andar tranquilamente na rua. O que acontece? Há 6, 7 anos atrás quando a gente brincava na rua, eu já brinquei, já fiquei brincando até meia noite de esconde-esconde. Só que como tem essas brigas entre facções, eu já tive amigos e hoje eu perdi um pouco dessas amizades com traficantes. Então eram irmãos de traficantes, então eu conheço um pouco dessa realidade que não é tão legal assim. O que acontecia? Há 6, 7 anos atrás, tu tranquilamente andava, brincava, tu não tinha esse medo de, por exemplo, 8 horas da noite começar a dar tiros como ano passado teve. O tráfico aqui vem se intensificando ao longo dos anos, isso que o que começou foi com o surgimento do “Morar Bem”, o chamado “As Casinhas”. Então o que quê aconteceu? Antigamente no Zanelato eram 2 traficantes que coordenavam todo o tráfico aqui, só que começou a surgir pontos maiores pelas redondezas, com José Nitro, com Morar Bem. Então as brigas entre eles que começou a meio que botar um regime de horários. Então “Tu pode sair tal hora da noite porque depois tu meio que pode ter o risco de ser baleado”.

Edemilson - E isso é até hoje?

Resposta: G - Não mais. Não se vê mais trocas de tiros como no ano passado, no início do ano passado. São períodos que acontecem porque é tipo brigas entre facções, posto melhor e tal. Então até hoje a gente tem esse medo, mas não é aquele medo “medo”, de tipo que algo possa acontecer.

Edemilson - Me fala um pouco sobre a tua experiência com a rádio Coração Marista. Como é que você chegou a participar.

Resposta: G - A rádio eu não me lembro em que ano que eu entrei, mas eu me lembro que antigamente não tinha nem isso aqui (cabine da rádio).

Edemilson - Em 2007 né, que foi quando começou a rádio na escola?

Resposta: G - Isso, aí eu entrei um pouco depois, em 2009 ou 2008. Lembro que a rádio antigamente, ela assim. Ela era comandada pelo antigo educador. O Alcemar que está de licença, sei lá se ainda tá. E o Alcemar é que comandava essa parte da rádio. Então, ainda era um desafio muito grande por que, por um lado tu tinha que tocar músicas Maristas e por outro tu tinha que tocar músicas que a galera curtisse. Então, no início da rádio tinha muito essa confusão. A rádio não tinha essa estrutura que tem hoje, esse equipamento não era o mesmo. A gente teve uma grande evolução durante toda a história. E claro, tinham dias que a gente pegava aqui e tu ouvia cada besteira e comentários nada a ver, pautas nada a ver, mas tinham outros dias que claro, tu ouvia recados legais. Porque antigamente a rádio não tinha programação.

Edemilson - Como é que funcionava na época?

Resposta: G - Na época era assim, era como é hoje, mas ao longo do tempo teve modificações. A pessoa por exemplo, hoje vou chegar e tocar qualquer música. A gente tinha os CDs que o Marista comprava pra gente ainda não tínhamos a tecnologia de poder baixar música ou colocar música direto do Youtube, então eram CDs, que eram baixados do Youtube e colocados em CDs. Mas era um processo que ainda era no rádio. Então, “ah, hoje eu só vou tocar música”, então só tocava música.



“Hoje eu só vou falar”, e só falava. Então não se tinha uma programação certa e isso que me deixava as vezes até um pouco incomodado, porque tu tinha pro colégio e as vezes tu só tinha música, por causa dos CDs antigos que se tinha a gente só ouvia música antiga, não tinha nada quase muito atual.

Edemilson - Mas como foi a tua chegada na rádio Coração Marista?

Resposta: G- Eu me lembro que eu tava com a minha amiga e a gente... eu achei legal assim, poder falar e ver como que é. Fiquei com essa curiosidade. Aí a gente veio. Me lembro que a gente chegou aqui eram 13:25. Ai o Alcemar falou pra gente, também, antigamente era aqui atrás, então era com a Eden. E ele chegou e falou assim “Não, é só isso de rádio”, tipo, “Como assim? Só 15 minutos?” “É, tu tem 15 minutos na hora da entrada e 15 minutos na hora do recreio”. Então, aquilo ali me instigou bastante em poder estar falando, me ajudou muito nas minhas expressões, leitura e tal. Então a minha chegada foi essa, pela curiosidade de saber o que é, o que se fazia.

Edemilson - Fale um pouco da importância dessa rádio pra você. Do dia a dia. Toda a trajetória. O que tu já vivenciou. O que tu vive hoje ainda aqui dentro da rádio. Toda trajetória.

Resposta: G - Assim, o que eu sou hoje, 50% é da rádio e 50% é da instituição. Porque se eu to apresentando, se eu to fazendo vídeo, se eu to editando, se eu to como colaborador é porque tipo, em 2008, pelo menos, eu já tinha nesse processo de construção da minha personalidade enquanto um apresentador, enquanto isso. Eu sempre tive vontade de falar, então eu já tinha muito decidido que eu queria ser um jornalista, que eu queria fazer, apresentar, ter um programa próprio e hoje não é um sonho muito diferente daqueles tempos. Então, o meu processo de caminhada foi quando, nunca me esqueço, quando

a Luciane chegou e com as minhas primeiras apresentações. Uma sobre o Bullying, que a gente reuniu a galera aqui no pátio, começamos a falar desse assunto. E era algo novo apresentar pra galera do colégio e hoje não tenho mais esse medo de chegar aqui, pegar um microfone e falar pra todo mundo porque é um processo que eu já vinha aprendendo, digamos assim, desde cedo.

Edemilson - E como é que foi essa experiência ai do Bullying?

Resposta: G - A gente tinha aprontado alguma coisa, não me lembro o que a gente fez, acho que a gente aprontou alguma coisa ou fomos mesmo convidados pra falar desse assunto. Aí falaram pra gente “oh, vocês tem esse assunto pra debater”, aí a gente foi, pesquisou “E vocês tem uma apresentação pra fazer”. Meio que a começar a falar. Se eu não me engano, o Bullying, era o primeiro ano que o Brasil estava abordando esse assunto fortemente. Então pra gente, tivemos que pesquisar e tal, e falaram “vocês vão apresentar pra galera”. Eu me lembro que tinha ido também a fanfarra, então veio num acumulo de muitas informações. Estava eu, o Mateus e o Evandro, a gente explicando o que era o Bullying e coisa e tal.

Edemilson - Me fala um pouco da tua vida fora da escola hoje. O que tu faz?

Resposta: G - Eu tenho uma paixão muito grande por fotografia, edição de vídeo e esse negócio de tecnologia, eu acho que é uma coisa que eu não consigo separar. Aqui no colégio eu bato foto, mas em casa eu sou uma outra pessoa, não, eu gosto muito de fotografia. O tempo que eu tenho livre ou é pensando em que maneiras de editar um vídeo, claro, sempre curtindo a vida com amigos, passeando com a família e tal. Mas sempre pensando em melhorar, não melhorar para o

colégio, mas melhorar pra minha carreira profissional que daqui a pouco eu terei que enfrentar faculdade. E essa é minha paixão de editar, pesquisar algo que eu possa estar levando, tanto as novidades. E é isso que algumas vezes ocupa meu tempo.

Edemilson - A rádio colaborou com as tuas relações fora da escola?

Resposta: G - Bastante, eu era um pouco tímido, pra chegar, conversar e tal. Mas hoje não. É sempre assim, eu não consigo chegar num ambiente diferente e já chegar falando, conversando. Mas eu já não tenho tanta insegurança. Hoje por ter falado pra um grande publico, por eu já ter trabalhado certos medos que hoje eu já não os tenho mais. Então, aprender a ler, eu não sou aquela pessoa que tipo, cara, pra eu ler um livro. Mas se é necessário e eu sempre digo, a minha mãe briga muito comigo porque eu não leio livro, mas a minha leitura é boa porque geralmente eu to lendo um jornal, eu to lendo uma revista, eu to lendo alguma coisa que me interessa.

Edemilson - E esse hábito tu adquiriu na rádio?

Resposta: G - Sim.

Edemilson - E na escola. A rádio contribuiu com o teu desempenho em sala de aula?

Resposta: G - Também.

Edemilson - Como é você dentro da sala de aula?

Resposta: G - Por um lado acontece assim. “Ah ele é o mais chegado da diretora. Então ele tem uma condição de conseguir algo que a gente não consegue”. Algumas pessoas tem essa

ideia da facilidade que eu tenho pra alguns assuntos que na verdade não é.

Edemilson - Quem são essas pessoas? Teus colegas de sala de aula?

Resposta: G - Sim. Por essa convivência, de estar apresentando eventos, fazendo reportagens... na verdade é tudo o contrario. As mesmas responsabilidades que eles tem eu tenho, as mesmas obrigações que eles tem eu tenho. Só que claro.

Edemilson - Por que tu acha que eles pensam isso ao teu respeito, em relação a tu ter preferência na escola?

Resposta: G - Porque talvez eles na tenham o medo de arriscar, de bater na porta e dar sugestões ou bater na porta e questionar, saber... porque a gente sabe que o Marista não é tipo aquela coordenação engessada, que só existe ela e ponto final, ela dá uma certa liberdade. Então tem pessoas que infelizmente reclamam de barriga cheia, mas reclamam e não fazem algo para melhorar. Então, eu digo que aqui dentro, eu e algumas pessoas, a gente vem inventando esse modo de educação.

Edemilson - Por causa da visibilidade também da rádio?

Resposta: G - também, porque se eu tenho essa confiança de hoje eu chegar e bater na porta da diretora, de questioná-la é porque são questões que eu já tinha fazendo antes, bater na porta e perguntar se tem alguma noticia, saber dessa questão de como eu posso pegar a noticia. Porque geralmente, elas nos fornecem noticias, elas convidam a gente pra entrar, e isso vai dando, vamos dizer assim, um pouco de liberdade. Toda liberdade tem o seu limite, eu não chego ali e falo o que eu quero.

Edemilson - E isso acaba deixando as vezes os colegas com ciúmes?

Resposta: G - Sim, porque geralmente “o G está em tudo”. E é por isso que volta e meia, agora eu estou tentando sair um pouquinho de cena.

Edemilson - Mas na rádio, é trabalhada essa questão do grupo ou é só evidenciado só um aluno, como é que é?

Resposta: G - Não, na rádio o processo é assim; se eu não consigo, o meu amigo que está do meu lado vai e me ajuda a fazer. “Ah, mas eu to com dificuldade nessa palavra”, daí o grupo inteiro se une em prol daquela ideia, “galera, temos uma pauta pra apresentar, mas eu to com dificuldade nisso aqui”, aí o grupo se une. “não, a gente vai te ajudar”. A gente vai fazer com que todo mundo possa ter essa experiência de um dia falar no microfone, de um dia poder mexer direito, porque ninguém nasce sabendo. Todo mundo num grande grupo e, quando grupo, ele não se conhece, nos primeiros meses é até um pouco engessado, cada um fica tímido, mas quando chega no final do ano que tu vê o processo. Agora com as amizades bem consolidadas. Se um ta vendo que ta mal ele já vai e pergunta o que aconteceu, já vai dando aquele ombro amigo. Se percebe que o outro ta com dificuldade na leitura já vai e ajuda, então, muito além de só apresentar um programa de rádio ou até um próprio programa de TV, a rádio ajuda muito na formação pessoal, por saber que o grupo está ali em volta e que tu pode contar com o grupo e também que o grupo pode contar contigo.

Edemilson - Como é o teu desempenho em sala? O que a rádio contribuiu para o teu desempenho em sala ou se ela na contribuiu?

Resposta: G - Assim, é aquela questão, se eu to com vontade eu

faço, se eu não to com vontade eu não faço. Tipo, vamos levar a vida do jeito que ela é. Eu sei que tem horas que eu tenho que parar e estudar, isso acontece com todo mundo que tem plena consciência, mas tem horas que não dá, então tipo, a rádio por alguns lados me ajudou sim a ter uma boa leitura, conseguir compreender o que leio, mas vai muito do que eu vou estar no dia, porque a gente sabe que tem matérias que atraem e tem matérias que não atraem.

Edemilson - Isso não é porque tem coisas que te atraem mais na oficinas do que na sala de aula? Sei de pessoas que aprendem muito mais na internet do que na sala de aula.

Resposta: G - Já foi uma época assim, ao longo do tempo venho tentando separar bastante oficina e aula. Tinha épocas que claro, entrava na sala, mas eu só ficava pensando nas oficinas. De um tempo pra cá eu não tenho mais esse pensamento, eu estou tentando, porque é algo que eu gosto de fazer que as vezes eu não consigo separar. Mas de um tempo pra cá eu venho tentando separar essa questão do “Agora, 6:15 é pra estudar, é pra eu me concentrar. Eu vou concentrar”. Então esse é um processo que eu estou fazendo comigo mesmo, de readaptação, de entender que o horário da oficina é aquele horário e horário de estudar é aquele.

Edemilson - Qual a ligação da rádio com a sala de aula?

Resposta: G- Tudo, desde apresentação de um trabalho até a leitura de um livro e até a escrita de um texto, dissertar, por exemplo, o hábito de tu ler direto te deixa com um vocabulário maior e também ao longo do que tu vai lendo, tu já vai aprendendo a corrigir as palavras que tu costumava a errar e quando chega em uma dissertação tu já tem um conteúdo encaminhado, pela questão de tu ler e entender o que que tu ta lendo ou tu escrever e saber o que ta escrevendo e também por

interpretar o que tu escreveu.

Edemilson - Fala um pouquinho do dia-a-dia da rádio, quais são os desafios. Você falou que antes a rádio era de um formato. Conta um pouquinho dessa estrutura, mudanças. O mundo dessa rádio Coração Marista, como é que é?

Resposta: G - Assim, antigamente a rádio era só um caixote grande e os equipamentos, hoje a gente já tem uma cabine, por mais que ela seja pequena, mas já é alguma coisa, acho que tudo pode ser melhorado. Pra quem só tinha um caixote com uma mesa já evoluímos assim em longa escala. Hoje a nossa dificuldade maior é que esta rádio não tem uma acústica boa. Ela não é isolada. Então, quando a gente quer fazer uma gravação de um áudio, alguma coisa pega barulho de fora. Então, esse é um processo que a gente vem junto com o Marista tentando reverter, mas pro que a gente já tem hoje já é bastante válido. A gente tem o nosso espaço, a gente tem a nossa característica. A gente faz muitos eventos, então, a gente tem a nossa programação que fala do momento cultural, onde a gente chama algumas pessoas pra apresentar, a gente tem os valores Maristas, a gente conta um pouquinho da história do Marista. A gente hoje tem uma programação com quadros definidos, com eventos já definidos. A gente já promove um evento há 5 anos que é o festival de talentos, juntamente com o TVQ. Então é um projeto que se criou em 2010. E que ele veio numa crescente nos tempos atuais, cada ano.

Edemilson - Esse TVQ surgiu a partir da rádio?

Resposta: G - sim, o Te Vejo na Quinta foi, a gente já tinha um programa de rádio, mas a gente não era “visto”. A gente precisava de um mecanismo em que a gente fosse visto, que a gente pudesse mostrar o que a gente tem de melhor também pra oferecer, então foi criado a partir disso o TVQ, o Te Vejo na

Quinta. Um programa de TV que passa na WEB, a gente não tem um canal, quem sabe um dia algum canal vai dar essa confiança à gente, pra gente mostrar esse material também pela TV. Ano passado a gente conseguiu fazer o aniversário do programa que ano passado completou 2 anos. Dois anos em uma crescente muito grande com questões de equipamentos, de produções também. E a rádio, ela tem um evento principal que é o Festival de Talentos, mas durante todo o ano a gente sempre ta trazendo um cantor, uma poesia, na hora do recreio, onde a gente chama a galera, reúne a galera no pátio, convidamos pessoas pra cantar, pra declamar uma poesia, onde elas mostrar o que elas tem de melhor pra oferecer.

Edemilson - Então, praticamente evento tem toda semana?

Resposta: G - Sim, toda semana.

Edemilson - E esse TVQ de rua, teve parceria com o pessoal da rádio? Como foi esse processo com a comunidade?

Resposta: G - O TVQ de rua, ele surgiu porque o programa iria fazer dois anos, aí pensamos, “O que a gente vai fazer?” E o nosso assessor de tecnologia da educação, ele tava pesquisando material da comunicação e nos mostrou essa oportunidade. Um programa feito na rua, “e se fizessemos um TVQ na rua?” Aí a partir disso a gente conversou com a equipe pedagógica e disse: “não, bacana. Vamos fazer”. Aí a gente juntou alunos e como o TVQ surgiu da rádio não tinha o porquê a gente excluir a rádio, a gente juntou a rádio. Então fizemos essa parceria, com alunos, apresentadores do TVQ que são também da rádio, juntamente também com a galera que já vinha fazendo a pauta da rádio. E a gente juntou o útil com o agradável.

Edemilson - E como é que foi esse programa?



Resposta: G - Assim, deu muito trabalho, porque a gente contou com pessoas da comunidade que contaram um pouquinho da história, contamos com representantes da creche, que contaram também um pouquinho da instituição, tivemos apresentações de trabalhos que a gente desenvolveu durante todo o ano, relembramos matérias que foram gravadas. A gente teve uma visita ano passado da ITS, da revista ITS que mostrou também o nosso trabalho. Então foi um evento para lembrar e também apresentar um novo TVQ. A gente teve mudança de logo, a gente ganhou uma vinheta, então, foi um evento que a gente tinha uma data marcada, beleza.

Edemilson - Vocês fizeram várias entrevistas nesse dia?

Resposta: G - Isso, foram várias, foi tipo um “Altas Horas”, então teve muita roda de conversa, música, participação da plateia. Então foi feita uma descontração com o público, teve um parabéns. E esse evento a gente tinha uma data marcada, o engraçado foi que nessa data São Pedro abriu a torneira e choveu. Aí teve que ser remarcado e o legal, pelo menos eu não esperava que desse tanta gente, e a gente conseguiu lotar a maioria dos bancos que estavam a disposição da comunidade e mais uma galera ao redor, professores, a própria diretora, também pessoas que estavam passando na rua e viram a gente, pararam pra ver e gostaram. Então tinham, ex-alunos, atuais alunos, pais de alunos que vieram ver seus filhos apresentando. Então pra gente foi bastante significativa.

Edemilson - Como foi produzido? Quem apresentou?

Resposta: G - Assim, a gente fez a famosa reunião de pauta pra decidir o que seria apresentado. A partir disso eu, o Daniel e mais o educador Edemilson, a gente sentou, paramos pra escrever o que seria apresentado e entregamos pros alunos. Porque a intenção não era que a gente apresentasse, era que

eles apresentassem, então foram escolhidos dois apresentadores que ficariam responsáveis para chamar as atrações e dentro das atrações a gente tinha os nossos quadros, que eram quadros do TVQ e também da rádio. Então eram 2 apresentadores fixos, mas a gente tinha também apresentadores pra cada quadro que conversavam, faziam perguntas.

Edemilson - A questão do protagonismo, como é? Esses eventos, eles são produzidos pelos alunos? É colocado pra vocês que tem que ser assim ou tem uma roda de conversa, como é promovido? Quem apresenta? Boa parte quem apresenta na hora do recreio, quem faz os quadros? Outros eventos dentro da escola. Como é que é esse processo?

Resposta: G - Dentro da escola não é algo que vem pronto mas é algo que já vem pré-pensado e isso se modifica ao longo do processo, então, a gente apresenta, a gente, os educandos meio que encarnamos o personagem. Dentro da rádio o protagonismo acontece de uma maneira super natural. Vou chegar aqui e tocar a música que eu quero, se a letra for legal, mas tem uma galera que quer ouvir também, então a gente abre a porta e: “Ah, o que você quer ouvir”. Aí a galera escreve, a gente verifica, se é legal a gente coloca. No ano passado a gente fez uma pesquisa com eles pra saber o que eles pensavam da rádio, o que podia melhorar. Essa foi uma roda de conversa onde a gente escutou eles. Eles trouxeram muitas sugestões de quadros, pontos da rádio que podiam melhorar. Não só o professor foi avaliado como eles também, então foi uma troca de experiência que aconteceu.

Edemilson - Essa iniciativa partiu dos educandos? Essa pesquisa com os alunos?

Resposta: G - Sim, a gente já via uma certa necessidade porque o pessoal comentava nos corredores: “precisa mudar isso e tal”. Então a gente viu essa necessidade de poder escutar e que a

gente pudesse também ser ouvido.

Edemilson - O que tu tá fazendo, pretende fazer ou já fez pra melhorar a sociedade?

Resposta: G - Certa vez eu conversava com a professora Luciene e a gente estava falando sobre isso: o que a gente pode fazer pra mudar? E ela disse: “o gesto é a gente começar arrumando o nosso quarto. Não tem gesto mais singelo que começar arrumando nosso próprio quarto”. Ouvir o outro e como a gente tem aqui na pastoral, fazer trabalhos voluntários, por exemplo, sair de casa, ir pra comunidade pra ouvir as pessoas, fazer um trabalho voluntário, eu acho que isso não é mudar o mundo porque ninguém consegue mudar o mundo de uma hora pra outra. Mas é um processo. Eu acho que mudar o mundo começa ao redor cativando as pessoas. Não por um ideal ou objetivo, mas cativar, escutar, conversar, debater, ouvir, fazer amizades. Então eu acho que se o mundo fosse mais amigo e compreensível eu acho que a gente não estaria nesse jeito atual de muitas discussões, muitas brigas, guerras. Se a gente cativasse quem está do nosso lado, acho que 10% do que temos hoje de homicídios, de brigas seriam tranquilamente arrumados. Porque hoje tem gente que reage a assaltos e toma um tiro, as vezes até por engano. Então se soubesse cativar e escutar ou numa briga não explodir, parar, pensar, compreender e refletir.

Edemilson - O que significa a rádio pra você?

Resposta: G - Eu acho que acima de tudo o protagonismo juvenil é uma coisa que representa bastante, de poder vir aqui e dar a tua cara pra rádio. Tu não vai chegar aqui e fazer algo e deu. A rádio é um espaço onde todo momento tu pode estar renovando.

Edemilson - Esse ano teve algumas mudanças em relação à grade dos professores e teve a questão dos monitores. Fala um pouquinho dessa experiência de tocar a rádio sem a presença do professor, sendo tu o responsável pela pauta, por fazer, como é que foi essa questão?

Resposta: G - Foi o primeiro ano que a gente fez sem o professor. Antigamente se o professor não vinha não tinha rádio. Não se tinha uma certa confiança como já se tem hoje. A gente também não tinha uma coordenadora pra facilitar o processo. Então, por exemplo, quando o professor dissesse assim: eu tenho que fazer tal coisa hoje então alguém terá que tocar a rádio. Como era novidade, tinham dias que tinha e tinham dias que não tinha porque é um processo. Eu já cansei de vir aqui: “vamos tocar a rádio”. Toca a rádio, começa a gente vai do jeito que for. E essa questão de vir não só tocar a rádio porque tu gosta, porque tu tem que saber os hits que estão bombando no momento, tem que saber o que a galera tá escutando pra colocar na rádio, porque não é uma rádio tua, é uma rádio de todo mundo. Alguns dias com a mudança da grade, que o professor não ficava toda semana e sim só uns dias. Tinha dias que acontecia, tinha dias que o próprio equipamento dava problema, algumas caixas por falta de reparo, nas salas, não tem como usá-las, então as vezes o equipamento mesmo não deixava a rádio acontecer. Mas mesmo com problemas a rádio acontecia todos os dias. Se não viesse na hora da entrava viria na hora do recreio ou vinha outra pessoa pra substituir.

Edemilson - E como se fazia com a questão da chave, dos equipamentos? Como o povo lida com essas situações? A questão dos programas como é que é feito?

Resposta: G - Assim, a chave fica na recepção tem uma lista de quem vai tocar a rádio cada dia. Entrega-se a rádio e depois

tem que devolver organizada do jeito que estava. Tivemos uma conversa com a coordenadora que explicou que os equipamentos são caros, que tem que zelar pelo espaço, então, todo mundo que vem pra cá tem a consciência de que isso aqui é nosso. Ninguém vai destruir, chutar, é um ambiente nosso e por isso precisa ser preservado. Nesse ambiente tem computador, a gente conseguiu um ar condicionado, antigamente era muito quente aqui dentro, só um ventilador não dava. Temos uma mesa de som, programa de edição de áudio, vídeo, programa que gera a organização das músicas, das entradas. Então a gente tem uma rádio. Mesmo com as caixinhas de som não funcionando nas salas a gente tem uma rádio.

Edemilson - Mas já funcionou?

Resposta: G - Já, já.

Edemilson - E como era?

Resposta: G - Pra recado era bem importante, por exemplo, se no outro dia não fosse ter aula, nós combinávamos com os professores: “As 11 vai entrar um recado na rádio”. Ai os professores já sabiam, então daí às 11 “lembramos que amanhã na tem aula por motivo disso, disso e disso”. Aí iria um bilhete e a gente reforçava na rádio. Durante um bom tempo teve esse equipamento, só no final de 2014 que começou a dar problema.

Edemilson - Imagine que a partir de hoje a diretora te dissesse que não teria mais a rádio na escola. O que você faria?

Resposta: G - Primeiro teria que ter uma justificativa muito plausível pra que isso fosse tirado daqui, tanto por uma questão de valores que foram investidos, que não foi barato e outra

também pelas histórias que começaram aqui, a questão de aprender a falar, escrever. Imagina uma escola sem música, é uma escola sem vida. Chegar e só ouvir barulho de criança correndo, criança pulando, sem aquele som eu acho que todo mundo se uniria pra pedir que a rádio voltasse. Imagina antes do teu emprego, ou da aula, 15 minutos antes tivesse uma musiquinha ambiente. Hoje tem prova 13:30, às 13:15 posso dar uma relaxadinha com a rádio. Então é essa questão, acho que todo mundo sentiria essa perda, porque querendo ou não a rádio deixa a escola um pouco mais aconchegante, pelas músicas, notícias, dar aquele famoso empurrãozinho com os recados inteligentes. Então acho que é isso.

Edemilson - Qual a importância da rádio pra escola e pra comunidade?

Resposta: G - Pra comunidade, a rádio ainda não é tão vista na comunidade porque a gente não consegue colocá-la pra comunidade, a gente não tem uma certa quantia pra isso. Mas pra escola ela é muito importante porque tudo que se passa de comunicação se passa por aqui, recadinhos, notícias, eventos... um dos corações da escola, um pedacinho do coração da escola é aqui, porque tudo o que tem que se fazer, um vídeo, por exemplo, se passa por aqui, então tem muita importância, 100% de importância. Tudo o que se passa de comunicação, de notícia de apresentação ali fora passa por aqui, porque a gente tem uma estrutura.

## **Entrevista H**

Edemilson - H, conta um pouquinho da sua trajetória de vida até chegar no colégio Marista.

Resposta: H - Eu comecei a estudar no adventista. Lá eu

sempre achei mau o recreio porque não tinha nada pra fazer, só conversava com os amigos, jogava bola, não podia fazer nada, lanchava e deu. Daí quando eu vim aqui pro Marista, eu achei legal a rádio porque toca música no recreio e, é um dos únicos colégios que eu conheço que faz isso.

Edemilson - E como você entrou na rádio?

Resposta: H - Eu descobri que rádio não era só pros professores. Uma amiga minha que fazia rádio disse que eu podia me inscrever, daí eu me inscrevi e comecei a fazer.

Edemilson - Quem é o Guilherme fora da escola?

Resposta: H - Eu gosto de andar de skate, jogar bola, tocar bateria, um monte de coisas, mas o que eu mais gosto de fazer assim é ir no youtube e procurar músicas.

Edemilson - Como é a tua relação com os vlogs, blogs, jogos? Qual a paixão que t tem pela comunicação?

Resposta: H - Ah, vlogs e jogos, eu jogo muito, eu me divirto muitas vezes em jogos. Todo sábado e domingo eu to jogando. E agora vlogs eu já gosto porque o meu primo tem um canal, daí eu ajudo ele, eu gosto porque os caras fazem tu ficar feliz.

Edemilson - Qual a importância da rádio Coração Marista pra você?

Resposta: H - A rádio Coração Marista pra mim é importante porque eu posso fazer um monte de pessoas não ficarem entediadas no recreio, só conversando e ficar só comendo, eu trago diversão porque quase todo dia eu toco uma música diferente, não fico tocando as mesmas músicas e isso pra mim

é muito legal, ver as pessoas não ficarem entediadas.

Edemilson - Qual a importância pro seu dia a dia, pras ações e atividades que vocês desenvolvem?

Resposta: H - Pra mim, no dia a dia, eu curto muito a rádio porque também eu boto música no recreio e tem gente que pede as músicas, aí com isso eu consigo escutar músicas novas e gostar cada vez mais de música.

Edemilson - Certo, e no que ela contribui fora da escola?

Resposta: H - Na comunidade, eu ajudo com o que eu aprendi na rádio. Teve uma notícia ano passado que eu vi que o meio ambiente estava sendo poluído, daí eu ajudo no município, a juntar o lixo que ta na rua, a fazer um monte de coisa, na rádio, tipo, eu aprendo muito mais. Tem coisa na rádio que eu aprendo que vai cair numa prova.

Edemilson - Você consegue ver alguma ligação da rádio com a sala de aula?

Resposta: H - Sim, porque, eu acabei de falar, tem notícias que a gente faz que ajuda em algumas provas, que ajuda em alguns textos e também com a rádio a gente perde a vergonha e consegue fazer apresentação bem tranquilo.

Edemilson - Como é a rotina de vocês nas oficinas?

Resposta: H - O Professor da rádio sempre pede pra gente fazer uma pauta, pra apresentar, a pauta tem que ter uma notícia, recadinho e a gente já tem que decidir as músicas que a gente vai tocar. Os quadros são muito legais. Esse ano a gente está pensando em fazer uma rádio online e, também a gente estava pensando em falar com uma rádio profissional pra ver se a



gente consegue alguma coisa. E talvez, não só o colégio possa escutar a gente, talvez até os pais, os parentes.

Edemilson - Como você vê a questão da rádio coração Marista como instrumento pra transformação social dentro aqui da escola, da comunidade?

Resposta: H - Eu sempre sonhei em ser DJ, tem gente que também sonha e quando eu descobri que aqui tinha rádio eu já me empolguei. E eu acho que, tipo, todo mundo uma vez na vida tinha que fazer rádio, pelo menos.

Edemilson - Qual a importância da rádio pra essa comunidade escolar?

Resposta: H - A importância é que tem recados que a gente faz que tem vezes que tem gente que fuma, essas coisas, e a gente faz recado que é proibido fumar e eles já se tocam. Tem gente que os pais trabalham muito, daí não podem estar educando o filho, fazendo essas coisas.

Edemilson - Como é a relação de vocês nas oficinas? Trabalho em equipe?

Resposta: H - Nosso trabalho em equipe é assim: No TV, que eu também faço o TV, eu filme e alguém apresenta, mas a gente não conversa muito assim. Agora na rádio, a gente fica o recreio todo junto, meia hora antes do recreio pensando no que a gente vai fazer e, a gente consegue fazer muitos amigos com isso.

Edemilson - Eu vejo assim, com muitas produções que a gente faz na sala de aula muitas vezes vai pro lixo. Essas produções que vem da escola e voltam da escola, que são socializadas, como é que tu vê isso?

Resposta: H - Eu vejo que é uma coisa que deveria ser guardada porque a gente que fez e quem sabe no futura a gente possa usar uma parte dela pra fazer outra produção.

Edemilson - Como é a experiência dos monitores tocando a rádio sozinhos? Os ganhos e as perdas.

Resposta: H - As perdas é que, tem gente que acha que é perda, mas eu não acho, que poderia ficar em casa vendo TV. Pra mim é um ganho porque eu posso vim aqui e deixar as pessoas felizes no recreio, não deixar elas entediadas.

Edemilson - O que você esta fazendo pra melhorar a sociedade?

Resposta: H - Eu to juntando o lixo da rua, eu to ajudando pessoas que brigam muito, tipo, tem dois meninos da minha rua que ficam quase se batendo um no outro e são muito amigos, ficam brigando, eu já pedi pra eles pararem, ou eles brigam e não vão mais ser amigos ou são amigos pra sempre e agora eles não tão mais brigando.

Edemilson - Quantos anos você tem?

Resposta: H - Eu tenho 12.

Edemilson – Você está em que série?

Resposta: H-Oitava.

Edemilson - Imagina se eles fossem tirar a rádio da escola, o que você faria?

Resposta: H - Eu reuniria todo mundo que faz rádio e faria uma lista pra ganhar assinaturas pra tentar fazer a rádio voltar pra

escola, porque, sem rádio eu acho que não gostaria nem mais de vir pra aula.

Edemilson - Vocês participam de alguns eventos, dentro e fora da escola. Me fala como é essa experiência, de pegar o microfone, poder sair entrevistar, de apresentar também aqui, na comunidade, tipo, TVQ de rua, entre outras atividades que a gente desenvolve.

Resposta: H - É legal porque a gente perde a vergonha pra fazer trabalhos e, com isso a gente pode passar de ano direto pra uma boa faculdade, com isso a gente também pode aprender muita coisa. Quem sonha em ser repórter pode largar a timidez e fazer TVQ, pode reportar pessoas na rua, fazer um monte de coisas.

Edemilson - Defina a rádio pra você.

Resposta: H - Rádio pra mim não é uma oficina, mas sim uma coisa que a pessoa possa se divertir fazendo. Tem gente que se diverte jogando bola, andando de skate, jogando vôlei, nadando, eu me divirto indo pra rádio.

## **Entrevista I**

Edemilson - I, eu queria que você contasse um pouquinho da sua trajetória de vida até chegar ao colégio Marista e como você entrou na rádio.

Resposta: I - Desde o primeiro ano até o quarto, eu tava na escola Maria do Carmo só que a minha mãe não achava o bastante, aí como a minha irmã já tinha estudado no Marista a minha mãe decidiu me botar aqui. No primeiro ano, no quinto ano quando eu entrei a Jamili fazia a rádio, ela é minha amiga,

ela fazia rádio e eu sempre achei legal como eu sempre gostei de falar, de cantar, de gravar vídeos, essas coisas, aí ela falou pra mim assim “se eu não queria fazer com ela”, mas como você tinha saído do colégio eu até tinha desistido, aí, ano passado quando você voltou eu decidi fazer rádio porque era uma coisa que eu gosto e eu gosto até hoje.

Edemilson - Quem é a I fora da escola?

Resposta: I - É norma, só muda porque aqui tem várias regras que a gente tem que cumprir essas coisas. Tipo, aqui dentro não pode mastigar chiclete, lá fora eu mastigo. Animada, gosta de fazer várias coisas, aventuras, gosta de sair com os amigos, essas coisas assim.

Edemilson - E, enquanto a relação com a comunicação na tua vida? Fiquei sabendo que você tem um blog.

Resposta: I - Olha, eu acompanho várias blogueiras e eu decidi criar porque, como eu já fazia rádio, e eu gosto demais disso, eu decidi fazer uma coisa, porque, várias vezes eu ficava sozinha em casa, quando eu estava sozinha em casa, me sentia meio solitária e aí eu decidi criar um canal, criar um blog. E eu gosto bastante de fazer essas coisas, meu canal ainda ta crescendo, mas eu acho que é bem legal, eu gosto bastante de fazer essas coisas.

Edemilson - Você gosta de estudar?

Resposta: I - Depende da matéria e do tema, depende, eu gosto.

Edemilson - A escola, o que é a escola pra ti?

Resposta: I - Eu gosto de vir pra escola porque eu vejo os meus amigos e também porque eu aprendo coisas novas. Eu fico

curiosa pra aprender algumas coisas e eu aprendo na sala. Não gosto muito quando as pessoas ficam conversando ao meu redor, xingando, não gosto disso. Mas eu acho que é bem legal, eu tenho uma relação bem boa com meus professores, e eu gosto de estudar, não vejo dificuldade, eu tenho até uma facilidade pra aprender as coisas, eu gosto bastante.

Edemilson - Qual método de aula que você curte mais?

Resposta: I - Eu prefiro os grupos de trabalho, de juntar, essas coisas assim... e também as dinâmicas que a gente as vezes pra biblioteca, pra informática, aqui no pátio. Eu gosto também quando o professor fala, fala, mas assim, falar, falar, eu acabo me distraíndo com outras coisas e acabo não prestando atenção, então eu prefiro que a aula seja com mais dinâmicas.

Edemilson - Qual a importância da rádio para você?

Resposta: I - A rádio, pra mim, ela me ajuda demais, desde apresentar um trabalho assim, me ajuda demais. Eu gosto muito de vir pra rádio porque a gente faz coisas novas, eu gosto muito de falar em público, antes eu tinha vergonha, mas agora como eu to com umas coisas na igreja, eu gosto bastante da rádio, e, a rádio pra mim é uma coisa essencial na minha vida.

Edmilson - Qual a relação da rádio com os conteúdos de sala de aula? Você consegue ver alguma ligação?

Resposta: I - Não muita, às vezes tem, por conta das falas, mas pra mim são coisas completamente diferentes.

Edmilson - Mas ela contribui pra sala de aula?

Resposta: I - Contribui, contribui pra não ter vergonha, como eu disse, pra apresentar, de falar, essas coisas todas e, até

quando tem dúvida, tem muita gente que fica com medo de ser zoadado porque não entende que é super importante perguntar pros professores, quando tem duvida, essas coisas e a rádio ajuda demais.

Edemilson - Por que tu falou que é diferente, a rádio da sala de aula?

Resposta: I – Bom! esse ano eu to achando até que a sala não ta tendo tanta dinâmica de sair da sala e, na rádio a gente sai pelos corredores, faz entrevistas, faz pautas, cada dia uma diferente, a gente faz várias dinâmicas e na sala de aula é quase sempre a mesma coisa.

Edemilson - A I é uma outra pessoa depois que começou a participar desses projetos?

Resposta: I - Sim, como eu disse antes, eu tinha vergonha, antes eu tinha medo das críticas que as pessoas falavam: “ah, vi o seu canal e tal”. Eu tinha vergonha disso, aí com a rádio eu fui aprendendo que não se pode ligar para as críticas, claro, respeitar as críticas construtivas pra cada vez melhorar e eu me tornei uma nova pessoa depois da rádio.

Edemilson - E como vocês lidam com os conflitos? Porque tem uma galera na rádio? Como é a rotina, como são os quadros, como vocês se dividem? Fala um pouquinho desse movimento dentro da escola, dos eventos, essa liberdade que vocês têm de mexer nos equipamentos. Como é que é esse processo?

Resposta: I - Assim, quando a gente se divide pra fazer vários tipos de quadro, eu gosto muito de quadro de jogos, no recreio, essas coisas, porque eu gosto de falar em público, como eu disse. A gente se divide em grupos, vai pesquisar notícias sobre a escola ou lá de fora, essas coisas todas. Têm muitas

dinâmicas na rádio e têm vários quadros. Por conta dos conflitos, eu raramente tenho algum conflito, sabe? É mais quando as vezes eu não me dou bem com uma pessoa, na parte da escola, quando a gente estuda, as vezes uma briga, alguma coisa, eu procuro ficar ao máximo longe da pessoa pra não causar várias brigas, sabe? As vezes as brigas são porque: “Ah, eu quero participar desse quadro”, “não, mas eu também quero participar”. Aí acabam discutindo porque os dois querem participar e o quadro é só pra uma pessoa, aí acaba dando briga e também no dia a dia têm várias brigas devido a fofoca, essas coisas. Essa semana até aconteceu um fato na aula, que o professor tirou eu e mais seis pessoas pra fora porque um menino tinha batido em outro, aí quando ele chegou na sala a gente começou a “zoar” ele, porque ele era uma pessoa má e ele sempre se achava o perfeito e sempre praticava bullying com todo mundo. Mas o professor conversou com a gente, falou que a gente tem raiva mas a gente não pode demonstrar porque até prejudica nós mesmos e ele sente até mais o poder.

Edemilson - Fala um pouquinho mais sobre a questão dos quadros.

Resposta: I - A gente faz os jogos no recreio, a gente vem aqui na cabine, a gente faz os jogos. A gente tem vários quadros de entrevistas, essas coisas de esportes, pesquisamos na internet e colocamos na pauta pra gente falar, sobre moda também, conhecimento de algum educando da rádio, enfim; tem vários tipos de quadros, a cada tempo eu vi que a rádio foi criando cada vez mais quadros, cada vez mais criativos, eu gosto bastante disso.

Edemilson - Apresenta um dos quadros aí pra gente.

I - Bom, na parte dos jogos, com eu falei da rádio, a gente sempre fala “Boa tarde, estamos no ar com a rádio Coração Marista e hoje a gente vai ter o quadro de jogos”, que no caso,

eu gosto do “Perfil”, que é um jogo onde a gente pega os papeizinhos e a pessoa lá fora fica esperando pra participar, ela entra na cabine, eu vou dando as dicas e ela vai tentar adivinhar. Então assim, é essencial dar boa tarde, falar que está começando mais uma rádio Coração Marista, e, apresentar o quadro, falar sobre o quadro ajuda bastante pras pessoas que querem participar e as que não gostam também.

Edemilson - Como é o processo dos eventos, o TVQ, fora daqui como foi?

Resposta: I - Bom, fora daqui que eu apresentei foi um dia com alguns colegas da rádio, foi muito legal, nossa, eu me sentia uma verdadeira repórter, porque a gente saía entrevistando com a câmera, o microfone, as pessoas falavam, a gente perguntava as nossas próprias perguntas, isso era muito legal, tinha o crachá, aqui dentro da rádio, aqui dentro do colégio, eu já apresentei também um show de talentos, como eu disse, eu gosto muito de falar em público, de conversar, essas coisas. Então pra mim é muito legal quando a gente sai pra algum evento fora e dentro da escola, eu me sinto muito animada e com cada vez mais vontade de fazer rádio e TVQ.

Edemilson - Muitas produções são elaboradas por vocês, como é a relação do outro ouvir essas produções?

Resposta: I - Às vezes quando a gente vai apresentar fora, a gente se programa, a gente fica um mês, dois meses se programando, produzindo e fazendo várias perguntas, tarefas pra casa sobre a rádio e a gente faz várias dinâmicas como o objetivo de se preparar pro evento e, o educador as vezes também conversa com a gente, explica o objetivo, explica o que a gente têm que fazer, eu acho isso muito legal e gosto bastante da produção e também de sair pra um evento.



Edemilson - A questão social, em que sentido a rádio contribui pra questão social?

Resposta: I - Pra mim é legal porque a gente mostra, dá o exemplo que não pode fazer tal coisa que é errado, evitar essas coisas assim. Eu participei, acho que uma vez disso e pra mim foi bem legal porque a gente conscientizou várias pessoas, pessoas aplaudindo, nossa foi, muito bom. Na rádio, eu sempre entro aqui, antes de bater o sinal, dou boa tarde, recito alguma poesia, alguma frase, dou uma notícia e é bem legal, sempre passo aqui pra falar essas novidades do colégio.

Edemilson - Qual a importância da rádio pra essa comunidade?

Resposta: I - A importância é conscientizar também e, comunicação, dando alguma notícia porque, às vezes, que as pessoas na comunidade da escola não sabem a notícia, então traz uma importância muito grande pra comunidade.

Edemilson

-  
Como é a experiência de tocar a rádio sozinho? Quais os prós e os contras?

Resposta: I - às vezes tem medo, porque mexe com equipamento, essas coisas. Eu não sou tão experiente nesses equipamentos, mas eu sempre tento ouvir a explicação do educador, pra quando a gente estiver sozinho no momento, a gente poder dar conta da rádio. Fazendo as pautas antes, programando tudo antes. E quando começar, ter uma linguagem adequada, falar declaradamente, não falar muito rápido, essas coisas todas e tem que ter uma preparação ótima.

Edemilson - Qual a relação na preparação da pesquisa?

Resposta: I - A gente pesquisa na internet, pela escola e legal

que eu gosto de abordar as pessoas e perguntar: “Ah, tem alguma novidade? Alguma coisa?”. Porque a gente às vezes não acha na internet.

Edemilson - As atividades que vocês desenvolvem aqui, ajudam no dia a dia na comunidade?

Resposta: I - Ajudam, ajuda assim, tem algum linguajar que antes eu usava e que na rádio eu percebi que dependendo da pessoa é errado falar, sabe? Então, ajuda bastante. Até a minha mãe fala que eu melhorei depois que eu fiz a rádio, que eu comecei a fazer o TVQ, porque em todos os sentidos eu melhorei.

Edemilson - O que você está fazendo ou o que você já fez pra melhorar a sociedade?

Resposta: I - É bom, coisas do dia a dia, não jogar coisas no chão, tentar conscientizar, as coisas que são boas, conscientizar as outras pessoas e dar o exemplo, às vezes eu não tenho assim, um total exemplo bom, mas o que eu tenho de bom eu tento repassar pras outras pessoas e, sempre ser amiga de todo mundo, não discriminar o outro por causa da cor da pele, de onde mora, de situação financeira, com quem anda, amigos essas coisas e a gente sempre tem que tentar fazer o melhor pra melhorar a nossa sociedade, o nosso mundo.

Edemilson - Imagine que hoje você recebesse a notícia que iriam tirar a rádio da escola, o que você faria?

Resposta: I - Primeiro eu ficaria muito triste, tentaria falar com as pessoas da escola e falar pra elas “não tira, porque ajuda isso, ajuda aquilo”. Eu ia falar com as minhas amigas pra tentar trazer a rádio de volta porque sair do colégio eu não penso saindo do colégio. Porque pra mim é uma das melhores

oficinas, também por causa do educador, não é (risos).

Edemilson - Obrigado! Defina a rádio pra mim.

Resposta: I - A rádio ela é muito legal, ela é baseada em várias dinâmicas. Todo dia a gente aprende uma coisa diferente, tem vezes que a gente aprende a mesma coisa durante um mês porque é questão de produção, as vezes a gente vai apresentar, algo assim. Eu definiria que é divertida, é muito objetiva a rádio. A gente tem que ter a responsabilidade porque pra apresentar pra público tem que ter responsabilidade, mas ao mesmo tempo a gente se diverte fazendo porque é uma coisa que eu gosto e me divirto muito fazendo o que eu gosto.

Edemilson - Finaliza.

Resposta: I - Pra eu finalizar, o objetivo da rádio, a importância. O objetivo pra mim é melhorar o pensamento, dentro de sala, no dia a dia. Ajuda a gente demais e eu gosto muito de fazer rádio. Não pretendo parar, sempre acho um jeitinho de fazer a oficina, porque, ficar um ano sem fazer a rádio pra mim já vai fazer uma boa falta, então pra mim é muito bom.

Edemilson - Quais são os desafios?

Resposta: I - Acho que os conflitos. Pra mim aqui na rádio é bom porque têm equipamentos bons, o espaço bom, diversos microfones, câmeras. A gente fica num espaço bom porque nos anima a fazer a rádio, então é bem bom. E acho que o que poderia mudar na rádio é a cabina, eu acho que ela é bem grande, mas quando vem muitos educandos e a gente acaba ficando um tempinho com eles aqui, eu acho que poderia aumentara rádio, botar uns equipamentos novos, essas coisas. Mas tirando isso, é bem bom porque tem câmera, tem

microfone, têm os equipamentos, computador, a sala é climatizada e é bom isso, tem um vidro que a gente pode estar olhando lá fora e se comunicar melhor e, eu gosto bastante. Só a questão do espaço mesmo que eu acho que poderia aumentar.

## **Entrevista J**

Resposta J - Bom, meu nome é Isabella eu tenho quinze anos, estudo nessa instituição a dez anos.

Resposta J - Bom eu decidir entra na rádio por que era muito tímida, tinha vergonha de conversar, apresentar meus trabalhos, ficava nervosa as vezes chegava a chorar. A rádio fez com que eu perdesse todo esse medo, interagisse mais. Quem me indicou a vim para rádio foi um amigo meu que fazia a rádio o Mateus Cristiano, Ele que me indicou para perder essa minha timidez, e também a saber conversar mais pois era muito tímida mesmo eu “travava” na hora de apresentação...

Resposta J - No início da radio as pautas eram construídas pelo professor que ele usava uma folhinha e onde ele falava “A Pauta, Vinheta a Música, Recadinho Inteligente...” só que com o tempo ele foi mudando foi feito pelos educandos e agente mostrava para o professor com tinha ficado para que pudéssemos futuramente monta-la. Bom agente que escolhe os conteúdos conforme os quadros que a gente tem como: Recadinho Inteligente, Momento Cultural, qual é seu talento, era um conviveu muito bom, todo mundo se dava muito bem, não tinha o que reclamar do grupo porque eles eram super. Animados com muita vontade.

Resposta J - Cada um ia procurar uma notícia, outros se encaminhavam de música, outros de recadinhos, curiosidades cada um fazia um pouco de cada coisa.

Resposta J - Eu vi muita diferença, a radio mudou muitas coisas, coisas que as vezes reclamamos mais que vai contribuir para nossa vida lá na frente.

Resposta J - Bom a Isabella de antes ela era muito tímida, ela não tinha muitos amigos ela era “isolada”. Hoje não, hoje sou uma pessoa muito extrovertida gosto de falar bastante quem me conhece

Resposta J - Quando eu não tenho a rádio e a dança eu fico em casa cuidando do meu irmão, aí faço comida, limpo a casa, faço meus deveres tenho meu momento dos estudos, momento de ficar na internet e a noite venho para a aula. Eu sempre tento ser uma pessoa melhor e sempre estou tentando ajudar o próximo acho que isso é a melhor coisa que tem.

Resposta J - Sim, eu acho que na rádio as pessoas aprendem pois elas podem interagir, tem muitas pessoas que na escola não interagem com outro com os colegas e na rádio ela aprende a se “enturmar” elas se desenvolvem com o tempo conheço pessoas que não tinha ninguém pra conversar e hoje tem vários amigos tudo isso pela rádio, eu acho que a rádio é uma forma de ajudar agente e fazer com que aprendemos algo.

Resposta J - Se algum dia alguém quisesse tira a rádio e falava com a pessoa responsável, e eu iria falar tudo que aprendi com a rádio, tudo que eu me tornei, e tudo que me ensinaram, por que a rádio nos ajuda com eu falei não só em sala mais sim de todas as formas, em todos os conteúdos, a ser uma pessoa melhor, saber sobre a sociedade, o convivei do todo mundo. Bom eu faria uma campanha pra na tirar. Como profissionais ele não perguntam pra gente o que que somos aqui dentro da rádio, o que aprendemos. Então assim pra eles agente vem aqui e coloca só músicas, teria que falar o que a gente faz para que eles pudessem refletir, pensar, os educandos ficariam bastante tristes pois é uma das oficinas que tem mais educandos e é uma forma comunicativa cada um traz seu recado pessoal da cozinha, biblioteca, administrativo, equipe de trabalho sobre os eventos isso é uma forma de que todos os outros educandos fiquem sabendo o que “rola” na escola.

Resposta J - Além disso a radio me ajudou na interpretação, antes eu não interpretava tão bem quanto agora.

Resposta J - A rádio para mim significa: Um acolhimento, onde todos se ajudam, onde a brincadeiras, para mim é uma família, embora tenha gente que não é tão comunicativo (a) e ela contribui muito onde ajuda as pessoas a se tornarem melhor, onde não devemos julgar as pessoas por elas serem “assim”, temos que primeiro de tudo conhecer a história dela. Acho que a gente vem espalhando o bem a melhor forma de ajudar alguém é conversando.



